

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

FERNANDO MARQUES DE MELLO JÚNIOR

**DA LIBERTINAGEM NO BRASIL COLONIAL: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM
AMORAL DAS MULHERES NA LITERATURA DE VIAGEM (1611-1808)**

**FRANCA
2014**

FERNANDO MARQUES DE MELLO JÚNIOR

**DA LIBERTINAGEM NO BRASIL COLONIAL: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM
AMORAL DAS MULHERES NA LITERATURA DE VIAGEM (1611-1808)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

**FRANCA
2014**

FERNANDO MARQUES DE MELLO JÚNIOR

**DA LIBERTINAGEM NO BRASIL COLONIAL: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM
AMORAL DAS MULHERES NA LITERATURA DE VIAGEM (1611-1808)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____
Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, UNESP/Franca

1º EXAMINADOR: _____
Profa. Dra. Andréa Carla Doré, UFPR

2º EXAMINADOR: _____
Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira, UNESP/Franca

Franca, 17 de novembro de 2014.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França não somente pela orientação desse trabalho – que implicou em numerosas correções, revisões, acréscimos e sugestões –, mas também pelas muitas conversas agradáveis entre uma dúvida e outra, pelas indicações de leitura, pelo empréstimo de vários livros e, principalmente, pelos preciosos ensinamentos desde os tempos da graduação. À Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França pelas críticas, comentários e conselhos nos seminários de pesquisa e durante o andamento do trabalho. Agradeço, ainda, a ambos, pela hospitalidade e gentileza com que sempre me receberam em sua casa.

À Janahyna Flausino, incentivadora e leitora de todos os meus escritos, pelas leituras sempre críticas e pelas incontáveis revisões e correções realizadas desde os primeiros esboços deste trabalho. Agradeço também pelo apoio incondicional e pelo suporte e carinho em todos esses anos de convivência.

Aos meus pais Fernando Marques de Mello e Sandra M. B. Marques de Mello pelo incentivo, pelo carinho e pelas palavras de serenidade em muitos momentos de crise. Ao meu irmão Felipe Marques de Mello pelas conversas, pelas risadas e pelas dicas de filmes e livros. Ao meu avô Evandro José Bizarro, exímio contador de histórias, pelo interesse e curiosidade demonstrados desde o início desta jornada.

Ao Thiago Alvarado pelos debates, revisões, conversas jogadas fora e, especialmente, pela ajuda essencial com a revisão final desse texto. À Clara Braz pela hospitalidade e por todo o auxílio em minhas estadias em Franca. Ao Marcelo Kockel pelas conversas e pelas críticas e conselhos desde os tempos da graduação.

À Profa. Dra. Karina Anhezini e à Profa. Dra. Valéria Guimarães pelos apontamentos no exame geral de qualificação.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES, pela bolsa concedida, pois sem este auxílio os resultados deste trabalho seriam bem menos satisfatórios.

“Meu papel - mas esse é um termo muito pomposo - é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiro, por evidentes, certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída.”

Michel Foucault

MELLO JÚNIOR, Fernando Marques de. **Da libertinagem no Brasil colonial: a construção da imagem amoral das mulheres na literatura de viagem (1611-1808)**. 2014. 131 fl. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca. 2014.

RESUMO

A partir do desembarque da frota comandada por Pedro Álvares Cabral no continente americano, as letras europeias começaram a traçar os contornos do que viria a ser o Brasil e seus habitantes. Nessa construção do Brasil pela literatura estrangeira, são passíveis de serem identificados, sem muita dificuldade, uma série de lugares comuns. O presente trabalho dedicar-se-á ao mapeamento de uma dessas tópicas: a libertinagem das mulheres no Brasil colonial. Já no século XVI, as naturais do país presentes na literatura de viagem surpreenderam os leitores do Velho Mundo com seu destempero erótico. É, entretanto, no início do século XVII que a lascívia, antes atribuída às nativas, passa definitivamente a caracterizar as mulheres da sociedade colonial brasileira. Intentar-se-á, nas páginas que se seguem, descrever como os europeus construíram essa imagem de libertina das mulheres da América portuguesa. Para tanto, recorreremos aos relatos de viajantes escritos entre os anos de 1611, quando vem a público a narrativa atribuída a François Pyrard de Laval – primeira obra a mencionar a licenciosidade das mulheres da colônia lusitana – e 1808, ano em que a corte joanina desembarca no Rio de Janeiro, impondo mudanças profundas nos costumes da sociedade colonial.

Palavras-chave: Hábitos coloniais. Erotismo feminino. Viajantes. Literatura de viagem. Brasil colônia.

MELLO JÚNIOR, Fernando Marques de. **Da libertinagem no Brasil colonial: a construção da imagem amoral das mulheres na literatura de viagem (1611-1808)**. 2014. 131 fl. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca. 2014.

ABSTRACT

Along with the landing of the fleet led by Pedro Álvares Cabral in the American Continent, many European efforts arose intending to devise and establish the outlines of what would Brazil and its inhabitants be. Inside this foreigner construction of Brazil certain common grounds can be identified without great difficulty. The present work concerns with mapping one of those topics: the debauchery of women in Colonial Brazil. During the sixteenth century, the country's native women – recurrent characters in travel literature – would already surprise Old World readers with their erotic profligacy. However, it is in the early seventeenth century that the lust before attributed to the natives starts to definitely characterize women from colonial Brazilian society. It is intended, in the following pages, to describe how such a libertine image of Portuguese American women was built by the Europeans. To this end, the present work will deal with travel literature written between 1611, when François Pyrard of Laval's credited travel reports are published – the first written work to mention the depravity of the Portuguese Colony's women – and 1808, the years King John VI's court arrives in Rio de Janeiro and imposes profound changes in colonial society behavior.

Keywords: Colonial habits. Female eroticism. Travelers; Travel literature; Colonial Brazil.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
-----------------------	----

CAPÍTULO 1 DAS NATIVAS

1.1 Da imagem dos nativos no velho continente.....	22
1.2 A nudez das naturais do país	26
1.3 A lascívia americana.....	32
1.4 O <i>Pian</i> : castigo divino aos devassos americanos.....	36
1.5 O desconhecimento do pecado.....	44

CAPÍTULO 2 DO CONTINENTE AMERICANO

2.1 “Além da linha equinocial não se peca”	51
2.2 O desregramento do clero	58
2.3 Das causas da devassidão na colônia lusitana	62
2.4 O paraíso terrestre?.....	64
2.5 O desencanto	71
2.6 Da ação das altas temperaturas.....	78

CAPÍTULO 3 DAS MULHERES DA COLÔNIA

3.1 Dos destemperos eróticos das mulheres da colônia	84
3.2 Do ciúme português	89
3.3 Em defesa da honra: a violência dos colonos	98
3.4 A preferência pelos galantes estrangeiros	103
3.5 Os pontos de encontro: sacadas, janelas e festas religiosas	106

CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
----------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Documentos	119
B. Estudos	125

APRESENTAÇÃO

Durante os três séculos que se seguiram ao desembarque de Cabral nas *paradisíacas* costas de Vera Cruz as letras estrangeiras criaram¹ e moldaram os contornos do que viria a ser o Brasil e suas gentes para o habitante do Velho Mundo.² A natureza exuberante e pródiga desta nova porção do globo não demorou a arrancar elogios dos visitantes europeus. Deslumbrado com a exuberância do lugar em que aportou, Américo Vespúcio, numa correspondência publicada logo em 1503, tenta esboçar timidamente para o seu destinatário o ambiente natural desse novo mundo.

A terra daquelas regiões é muito fértil e amena, com muitas colinas, montes, infinitos vales, abundante em grandíssimos rios, banhada de saudáveis fontes, com selvas amplíssimas e densas, pouco penetráveis, copiosa e cheia de todo o gênero de feras. Ali principalmente as árvores crescem sem cultivador, muitas das quais dão frutos deleitáveis no sabor e úteis aos corpos humanos [...]. Se quisesse lembrar de cada coisa que ali existe e escrever sobre os numerosos gêneros de animais e a multidão deles, a coisa se tornaria totalmente prolixa e imensa [...]. Ali todas as árvores são odoríferas e cada uma emite de si goma, óleo ou algum líquido cujas propriedades, se fossem por nós conhecidas, não duvido de que seriam saudáveis aos corpos humanos.³

¹ O historiador mexicano Edmond O’Gorman, em *A invenção da América*, propõe a ideia bastante sofisticada de que o continente americano teria sido *inventado*, ou seja, construído pela erudição do velho continente em vez de ter sido *descoberto* pelos europeus. A noção de construção que utilizamos aqui se aproxima consideravelmente da ideia de *invenção* do mexicano. Ver: O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir. Trad. Ana Maria Martinez Corrêa. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

² Inúmeros são os estudos que investigam a circulação de textos referentes à América e, consequentemente, à colônia portuguesa no velho mundo. Algumas obras, contudo, revelam-se imprescindíveis ao leitor interessado na temática. Gilbert Chinard, por exemplo, escreveu dois trabalhos lapidares e pioneiros a respeito da circulação e apropriação de escritos sobre a América no continente europeu, em especial na França. Ver: CHINARD, Gilbert. **L’Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVII^e et XVIII^e siècle**. Paris: E. Droz, 1934 e CHINARD, Gilbert. **L’exotisme américain dans la littérature française au XVI^e siècle**. Paris: Hachette, 1911. Ainda que suas análises se voltem à circulação literária do continente americano na França, o último capítulo do *L’exotisme américain*, versa sobre a América na literatura de outros países europeus, nomeadamente na Inglaterra, na Itália, na Alemanha e na Espanha, no século XVI. Ver também: ATKINSON, Geoffroy. **Les Relations de Voyages du XVII^e siècle et l’évolution des idées** – contribution à l’étude de la formation de l’esprit au XVIII^e siècle. Paris: E. Champion, 1924.; ZAVALA, Silvio Arturo. **América en el espíritu francés del siglo XVIII**. México: El Colegio Nacional, 1949.; Entre os estudos brasileiros, podemos mencionar o clássico, mas não tão original, *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*, de Afonso Arinos de Melo Franco. Na obra, o historiador faz percurso semelhante ao de Chinard e Atkinson para mostrar a influência dos textos a respeito dos indígenas brasileiros sobre as ideias revolucionárias francesas. Ver: FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Índio brasileiro e a Revolução Francesa**: As origens brasileiras da teoria da bondade natural. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. Investigação mais recente versando sobre a temática pertence ao historiador Jean Marcel Carvalho França. Contudo, diferentemente das obras supracitadas, *A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*, embora forneça detalhado panorama acerca das notícias sobre a América no continente europeu, visa observar a circulação e o modo como foi lido e pensado o Brasil e os brasileiros no Velho Mundo. Ver: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

³ VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo – As cartas que batizaram a América**. São Paulo: Planeta do Brasil,

Frente a tantos prodígios observados – o florentino ressalta ainda o “tão temperado” ar do lugar, que faz com que ali nunca haja “invernos gelados nem verões fêrvidos”⁴ –, não causa surpresa, pois, o fato de Vespúcio sugerir estar próximo do ambicionado *Éden Terreal*. Certamente, atenta o navegador, “se o paraíso terrestre estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões”.⁵

Menos detalhadas, mas não menos elogiosas, são as notas legadas pelo capuchinho francês Claude d’Abbeville. Afinado com o célebre navegador, o missionário descreve, pouco mais de um século após as primeiras edições da *Mundus Novus*, paisagem semelhante à descrita pelo florentino. “No Brasil encontram-se, como em certos lugares, riquezas e comodidades que em outras regiões não se acham”, podendo-se mesmo afirmar, segundo o religioso, que, “pela pureza do ar e pela sua temperatura, não exista, debaixo dos céus, país mais belo, mais saudável e temperado” do que este, salvo, indubitavelmente, o “paraíso terrestre, que muitos, aliás, situam no equador, no Éden, em virtude do clima”.⁶

Tais benesses, que tanto lembravam o *paraíso*, foram mencionadas com elevada frequência na literatura de viagem.⁷ Raros são os testemunhos da época que não trazem um ou outro parágrafo destacando a singularidade e a riqueza do mundo natural americano.⁸

Paralelamente a tal construção, as letras estrangeiras dedicaram largo espaço a esquadrihar as gentes que aqui habitavam: homens e mulheres quase sempre desmerecedores de gozarem das comodidades do lugar. Há, claramente, neste gênero literário, a contraposição entre a prodigalidade do novo continente, útil ao espírito engenhoso e laborioso, e a qualidade de seus habitantes, descritos, na maior parte das vezes, de maneira pouco abonadora. Em um primeiro momento, os nativos – bestiais, destemperados sexualmente, canibais, violentos, desconhecadores do evangelho, etc. – são os personagens que maculam tão belo continente. A partir do século XVII, no entanto, momento em que as pequenas urbes coloniais começam a ganhar maiores dimensões, o “povo indigno” – caracterizado por maus hábitos e caráter questionável – de habitar esta terra “fértil e rica, dotada de um clima delicioso”,⁹ segundo as

2003, pp. 74-75.

⁴ Ibidem, p. 75.

⁵ Ibidem, loc. cit.

⁶ ABBEVILLE, Claude d’. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 157.

⁷ Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁸ Ainda que a tese de que o *Éden terreal* pudesse estar localizado nas proximidades do *Novo Mundo* tenha perdido força com o passar dos séculos, as tópicas exaltando o mundo natural americano continuaram a aparecer, com maior ou menor detalhamento e elogios, nas relações estrangeiras, figurando até mesmo em narrativas datadas do século XIX.

⁹ LA FLOTTE, M. de. Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages... In: FRANÇA, Jean

palavras de um visitante do Setecentos, passa a ser o europeu que aqui se estabelece, nomeadamente o colono. Em testemunho datado do início do século XVIII, o guarda-marinha Guillaume François du Parscau, que participou da tomada da cidade do Rio de Janeiro pelo capitão francês Duguay-Trouin em 1711, emite opinião lapidar a respeito desta oposição entre a natureza do Novo Mundo e seus habitantes: “pode-se, com inteira justiça, aplicar a este país o provérbio italiano que diz: *bona tierra, mala gente*”.¹⁰

Os atentos viajantes estrangeiros¹¹ passaram, pois, na transição do século XVI para o XVII, a deslocar sua atenção dos nativos para os portugueses que aqui começavam a se instalar, os colonos, homens e mulheres supostamente dotados de grande quantidade de vícios e poucas virtudes. Alteram-se os personagens, mas se conservam as máculas. Dentre as inúmeras faltas cometidas pelos silvícolas em um primeiro momento e, posteriormente, pelos colonos, uma das que mais chamou a atenção dos visitantes, a ponto de ser mencionada em diversos documentos, talvez tenha sido a concupiscência. E, nesse cenário luxurioso, de erotismo destemperado – um visitante do ocaso do Seiscentos, inclusive, dizia temer assistir na colônia lusitana castigos semelhantes àqueles impostos aos habitantes de Sodoma –, as personagens que mais receberam críticas e censuras foram, sem dúvida alguma, as mulheres. Naturais do país¹² ou por ele acolhidas,¹³ as mulheres do Brasil dos tempos coloniais

Marcel Carvalho. **Visões do rio de Janeiro Colonial**: antologia de textos, 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999, p. 103.

¹⁰ PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s'est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l'escadre du Roi commandée par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p.131.

¹¹ O leitor interessado em conhecer os ofícios e os motivos das visitas dos visitantes estrangeiros no Brasil colonial podem consultar os clássicos estudos de Afonso Escagnolle Taunay, José Vieira Fazenda, Alfredo de Carvalho, além dos trabalhos recentes de Jean Marcel Carvalho França. Para a composição desse trabalho foram consultados, principalmente: CARVALHO, Alfredo de. **Aventuras e Aventureiros no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Gráfica Editora, 1929; TAUNAY, Afonso de E. **Visitantes do Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 440. A respeito dos estrangeiros que visitaram o Rio de Janeiro: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, T. 86, v. 143, 1921; TAUNAY, Afonso de E. **Rio de Janeiro de Antanho**. Impressões de Viajantes Estrangeiros. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942; Idem. **No Rio de Janeiro dos Vice-Reis**. São Paulo: Anais do Museu Paulista, Tomo XI, 1943; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999; Idem. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000; Acerca das viagens à Bahia: TAUNAY, Afonso de E. **Na Bahia colonial (1610-1764)**. Rio de Janeiro: IHGB, 1924. Sobre a vida e as viagens dos europeus que percorreram Santa Catarina no período colonial: TAUNAY, Afonso de E. **Santa Catharina nos anos primeiros**. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1931; HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina. Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

¹² Gilberto Freyre, em seu clássico *Casa Grande & Senzala*, descreve de forma concisa a voluptuosidade e o erotismo das mulheres naturais do país, despidas não só de vestimentas, mas também dos ditames morais, sociais e religiosos, tão rigorosos na Europa moderna. Segundo o intelectual nordestino, “o europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as

figuraram repetidas vezes nas relações de viagem como seres assustadoramente lúbricos, cujo erotismo, natural de seu imperfeito sexo, chamava a atenção de viajantes e missionários.

Examinar, no entanto, a maneira como os visitantes europeus delinearam a lubricidade de selvagens e *civilizadas* se mostra inviável em um trabalho desta natureza. Abordar um objeto com tais dimensões demandaria muito mais tempo do que dispomos no momento. Propomos, assim, no presente estudo, uma investigação bem mais modesta: mapear o processo de construção da imagem amoral das mulheres da América portuguesa, as culturalmente brancas, pela literatura de viagem, com a especificidade de colocar em evidência sua associação com os prazeres da carne. Em resumo, pretendemos analisar as perspectivas legadas pelos viajantes estrangeiros¹⁴ com o propósito de extrair destes testemunhos a imagem que o europeu construiu da conduta moral das *mulheres da colônia*, especificamente no que diz respeito aos destemperos eróticos.

Tal imagem começou a ser erigida no alvorecer do século XVII, em 1611, quando é impresso o *Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil...*,¹⁵ do marinheiro François Pyrard de Laval. Resultado dos mais de sete anos de andanças pelo Oriente, o livro visava fornecer ao leitor informações acerca dos habitantes, dos costumes, do comércio, das leis e dos governos das muitas terras visitadas pelo aventureiro.¹⁶ Nas páginas dedicadas a narrar as singularidades da

primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho.” FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 48ª edição. São Paulo: Editora Global, 2003, p. 161. As considerações acerca da sensualidade nativa podem ser observadas, em especial, no capítulo intitulado *o indígena na formação da família brasileira*. Ibidem, pp. 156-263.

¹³As obras que versam sobre a construção estrangeira das mulheres coloniais são escassas. Em *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*, publicado em 2012, o historiador Jean Marcel Carvalho França dedica algumas poucas páginas, dado o objetivo de seu estudo ser imensamente mais amplo, a analisar o processo de construção da imagem amoral das mulheres culturalmente brancas da colônia portuguesa através da literatura cunhada por viajantes. Tal estudo, aliás, foi o norteador dessa pesquisa, além de ponto de partida para as investigações que se seguem nas próximas páginas. Ao mesmo autor pertence, ainda, um pequeno ensaio que se debruça sobre a temática. Ver: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012; Idem. O mundo natural e o erotismo das gentes no Brasil Colônia: a perspectiva do estrangeiro, **Topoi**, v. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, pp. 15-26.

¹⁴O termo *estrangeiro*, assim como suas derivações – *perspectiva estrangeira*, *literatura estrangeira*, *viajantes estrangeiros*, etc. – deve ser entendido, neste trabalho, como *europeu não português*.

¹⁵**Nota sobre a obra:** O livro contendo o pitoresco relato do francês deu às prensas francesas, como dissemos, em 1611, e mais três vezes ainda no século XVII, em 1615, 1619 e 1679. No século seguinte, embora não tenha sido reeditado novamente, o extenso relato de François Pyrard de Laval fez parte de importantes coletâneas de narrativas de viagens, sendo uma francesa, duas alemãs e três inglesas, entre as quais destacam-se a célebre *Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrimes, containing a History of the World in Sea Voyages and Land Travells, by Englishmen and others*, pomposa obra composta por 5 tomos, publicada por Samuel Purchas, e *Histoire generale des voyages* organizada por Antoine François Prévost.

¹⁶Laval passou em sua viagem pela ilha de S. Lourenço, ilhas de Comores, ilhas Maldivas (ilha de Paindué e ilha de Malé), Bengala, Malicut, Divanduru, Calicute, Chalé, Tanor, Chochim, Goa, Cananor, Ceilão, Malaca, ilhas de Sonda, Sumatra, Java, ilhas de Madura, Bali, Molucas, Santa Helena e Brasil. RODRIGUES, José

cidade de São Salvador, sítio onde permaneceu por dois meses, o senhor Laval conta uma historieta que se tornaria célebre entre viajantes e leitores europeus e que daria o tom, dali em diante, das descrições estrangeiras sobre as mulheres da América portuguesa.

Dizendo não poder “passar em silêncio” a respeito de um incidente acontecido enquanto esteve na cidade, Laval conta que, certa vez, caminhando sozinho pelas ruas soteropolitanas, “vestido de seda, à portuguesa, mas à moda de Goa, que é diferente da moda de Lisboa e do Brasil,” foi abordado repentinamente por uma “jovem escrava negra de Angola”.¹⁷ Esta, tomando-o de assalto pelo braço, “sem apresentações ou cerimônias”, como explica Laval, tratou logo de acalmar o estrangeiro, elucidando que não se preocupasse e a seguisse, pois ela o levaria “a um homem de bem”¹⁸ que muito queria ter com ele. O mareante, espantado com a situação e assombrado com o que lhe poderia acontecer em terras onde as gentes, “mesmo os portugueses [...] são, na sua maior parte, banidos, falidos ou criminosos”,¹⁹ deteve-se diante da investida da jovem angolana, “pensando o que deveria fazer, se deveria ou não acreditar na palavra da rapariga”.²⁰ No entanto, a curiosidade falou mais alto e Laval, mesmo ciente dos riscos, decidiu acompanhar a moça. Esta, segundo narra o marinheiro, fez-lhe “dar mil voltas e rodeios por ruas estreitas”, o que a cada passo punha-o em sobressalto e o fazia “hesitar em seguir adiante”.²¹ A rapariga, por sua vez, sabedora da situação que aguardava o francês, enchia-o de coragem. Depois de um bom tempo guiando o estrangeiro por entre as estreitas ruas da cidade baiana, a jovem escrava acabou por deixá-lo em “um aposento muito bonito, espaçoso, bem mobiliado e decorado”, onde este não viu mais ninguém além de uma “jovem dama portuguesa”²² que o aguardava para lhe favorecer com seus encantos. Ainda segundo o senhor Laval, o encontro parece ter agradado consideravelmente a jovem dama, uma vez que esta o fez prometer outras visitas, assegurando ao navegador que o auxiliaria e “daria prazer em tudo o que pudesse”²³ quando de seu retorno. Promessa feita, promessa cumprida, conforme confessa o viajante: “prometi e, realmente, visitei-a regularmente enquanto estive na cidade, e ela fez-me uma infinidade de cortesias e

Honório. Visitantes do Brasil no Século XVII. In: **Revista de História**, Separata do v. 37, 1959, p. 156.

¹⁷ LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...] In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 374.

¹⁸ Ibidem, loc. cit.

¹⁹ Ibidem, p. 365.

²⁰ Ibidem, p. 374.

²¹ Ibidem, loc. cit.

²² Ibidem, loc. cit.

²³ Ibidem, loc. cit.

favores”.²⁴

Após a impressão do *Voyage...*, seguramente a publicação que inaugura a temática na literatura de viagem, não é raro encontrar entre os testemunhos estrangeiros parágrafos acusando as mulheres locais de graves faltas às leis do decoro. Durante o Seiscentos e, principalmente, ao longo do Setecentos, os destemperos eróticos das mulheres da América portuguesa marcam presença constante nas narrativas de viagens que dedicaram uma ou outra linha ao exame dos colonos.

A partir do final do século XVIII, no entanto, o tema passa, gradativamente, a sofrer alterações. As mulheres da América portuguesa, até então censuradas pelas letras europeias por mostrarem claro apreço pelas paixões carnavais, passam a ter sua conduta elogiada e mesmo defendida pelos visitantes estrangeiros.

O almirante inglês Arthur Philip, nomeado pelas autoridades britânicas para ocupar o cargo de governador da Nova Gales do Sul, foi, talvez, o primeiro europeu, desde que a tópica recebera seus primeiros contornos com a publicação do relato de Laval, a defender das vastas críticas estrangeiras o modo como se comportavam as mulheres da colônia lusitana. Contradizendo o que dizia a tradição dos viajantes, o britânico confessou no seu *The Voyage of Governor Phillip to Botany Bay*²⁵ que, pelo que pôde observar durante a sua breve passagem pela baía de Guanabara, em 1787, não achou as mulheres cariocas tão condescendentes “como querem alguns viajantes”.²⁶

Apreciação semelhante nos legou seu companheiro de missão, o tenente-capitão Watkin Tench no *A narrative of the Expedition to Botany Bay*.²⁷ Dialogando diretamente com os escritos do célebre capitão inglês James Cook, um dos maiores divulgadores do destempero erótico das mulheres da sociedade colonial, Tench, sentindo-se na obrigação de fazer justiça às cariocas, redige uma pequena nota que diz:

²⁴ LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...] In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 374.

²⁵ **Nota sobre a obra:** As observações do almirante Arthur Phillip foram impressas pela primeira vez em 1789 e parecem ter chamado a atenção de razoável número de editores do velho continente. No ano seguinte à primeira leva do *The Voyage of Governor Phillip to Botany Bay*, vem a público uma segunda edição e em 1791 saíram as traduções para o alemão e para o francês.

²⁶ PHILLIP, Arthur. The Voyage of Governor Phillip to Botany Bay... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. p. 241

²⁷ **Nota sobre a obra:** Assim como o relato do primeiro governador da Nova Gales, as observações coletadas por Watkin Tench contando os pormenores da viagem colonizadora não passaram despercebidas no mercado editorial europeu do final do século XVIII. A primeira edição de seu *A Narrative of the Expedition to Botany Bay*, como mencionamos a pouco, veio à tona em 1789 na cidade de Londres. Ainda no ano da primeira edição o relato foi vertido para o francês ganhando duas edições em tal vernáculo e, pouco tempo depois, em 1793, as anotações de Tench foram editadas novamente em inglês.

Para ser *inteiramente* justo com as damas de São Sebastião, vejo-me na obrigação de afirmar que, ao contrário do que contam o dr. Solander e um outro senhor do navio do capitão Cook, nem eu nem nenhum dos membros da nossa tripulação chegou a ver sequer uma senhora atirar flores sobre os estrangeiros a título de declaração amorosa.²⁸

Mais adiante, lamentando o pouco apreço que as damas da cidade demonstraram por ele e pelos oficiais britânicos de sua companhia, mostra clara da castidade das cariocas, comenta: “fomos infelizes ao ponto de, todas as tardes, caminharmos sob os balcões e janelas sem sermos honrados com nenhum buquê, embora houvesse igual abundância de ninfas e de flores na cidade”.²⁹

As notas estrangeiras enfatizando a conduta virtuosa e austera das mulheres do Brasil colonial, não foram, contudo, privilégio das narrativas dos colonizadores da Austrália. No início do século XIX, em 1803, outro britânico, um oficial da marinha inglesa de nome James Kingston Tuckey, permaneceu cerca de vinte dias em solo carioca e advertiu aos seus leitores que, a julgar pelo que pudera observar neste breve período de estadia na cidade, os hábitos das mulheres da capital haviam sofrido considerável alterações. Ainda que não advogue com grande ímpeto a favor das brasileiras, o viajante, no entanto, arrisca-se a dizer que, pelo menos no Rio de Janeiro, as mudanças na conduta de senhoras e senhoritas eram significativas.

O costume de lançar rosas sobre os passantes, como sinal de distinção, desapareceu completamente do Rio de Janeiro. Não tenho razão para duvidar do que disse um dos membros da expedição do capitão Cook, que garante ter sido favorecido por muitos buquês. Não se pode, todavia, passar ao largo da notável mudança que vem ocorrendo nos hábitos e costumes das brasileiras. Viajantes anteriores sempre lamentaram a dificuldade que encontravam para pôr os olhos sobre uma brasileira decente. Tal situação, no entanto, alterou-se muito. Hoje, a bem da verdade, as maneiras das mulheres do Rio de Janeiro, das solteiras especialmente, aproximam-se muito mais da informalidade das inglesas do que da pudica reserva que, dizem, caracteriza as portuguesas.³⁰

As narrativas legadas pelos oficiais britânicos, as primeiras a enaltecerem ou defenderem uma sensível melhora na conduta das habitantes da América lusitana, todavia, não cessam a tópica na literatura de viagem. Embora possam dar ao leitor a falsa impressão de

²⁸ TENCH, Watkin. A Narrative of the Expedition to Botany Bay. With an account of New South Wales.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. op. cit., 1999, p. 258.

²⁹ Ibidem, loc. cit.

³⁰ TUCKEY, James Kingston. An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass's Strait... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 267.

um ponto final, do desaparecimento ou da supressão desta matéria nos escritos produzidos por viajantes, esses depoimentos devem ser entendidos, antes, como um ponto de inflexão numa série. A partir das narrativas de Arthur Phillip, Watkin Tench e James Kingston Tuckey, percebe-se não a alteração definitiva, mas a variação no testemunho dos visitantes estrangeiros a respeito da conduta moral das mulheres da América portuguesa. De lugar comum na literatura de viagem, sendo matéria quase indispensável nas grandes antologias de viagem, a concupiscência característica das mulheres da colônia lusitana passa a ser mencionada cada vez menos nos escritos europeus.

Para mais, a dar ouvidos aos narradores estrangeiros, o desembarque de D. João VI e da corte lisboeta ao Rio de Janeiro em 1808 trouxe consigo profundas alterações nos costumes dos habitantes da colônia. O modo de ser *civilizado* e *europeu* passa a fazer parte do viver colonial, lapidando, de certo modo, a sociedade brasileira do Oitocentos. A sofisticação dos costumes e o refinamento cultural dos colonos passam a ser, então, percebidos e apreciados por um número cada vez maior de visitantes europeus que desembarcavam em grande quantidade nas terras brasileiras graças ao incentivo do monarca lusitano³¹ e à abertura dos portos às nações amigas. Não por acaso, o médico e botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius e seu compatriota, o naturalista Johann Baptist von Spix, membros da missão artística austro-alemã que visitou a colônia portuguesa em 1817, deixaram o seguinte registro das mudanças ocorridas no Rio de Janeiro após o desembarque da coroa:

Quem chega convencido de encontrar esta parte do mundo descoberta só desde três séculos, com a natureza inteiramente rude, violenta e invicta, poder-se-ia julgar, ao menos aqui na capital do Brasil, fora dela, tanto fez a influência da civilização e cultura da velha e educada Europa para remover deste ponto da colônia as características da selvageria americana, e dar-lhe cunho de civilização avançada. Língua, costumes, arquitetura e afluxo de produtos de todas as partes do mundo dão à praça do Rio de Janeiro aspecto europeu.³²

Graças à “influência da civilização e cultura da velha e educada Europa”, o modo de se portar em sociedade conheceu, segundo os estrangeiros, copioso progresso no Brasil e os costumes libertinos das mulheres locais, tão comentados e repreendidos outrora, passaram a ser cada vez menos visíveis aos olhos estrangeiros.

³¹ Além de trazer ao Brasil inúmeras expedições científicas, D. João VI incentivou a entrada de estrangeiros na colônia, concedendo aos que se estabelecessem no Brasil o direito às datas de terras. Cf. LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 85.

³² SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil**. Vol. I. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada/ São Paulo: EDUSP, 1981, p. 47.

Assim, frente à variação observável no que escreveram os viajantes a respeito da conduta das mulheres da colônia, iniciada, como vimos, nas últimas décadas do século XVIII, com a publicação das obras dos oficiais engajados na colonização da Austrália, Arthur Phillip e Watkin Tench, e na primeira década do XIX, com a impressão do relato de James Kingston Tuckey, e ao volume nada desprezível de narrativas que, após o desembarque da corte portuguesa no porto carioca, ressaltam alterações positivas ocorridas nos costumes dos colonos, encerraremos nossa investigação em 1808.

Entre as narrativas de viagem selecionadas para nossa investigação, o leitor notará a preferência por testemunhos escritos originalmente em línguas que não o português. Evidentemente, não se trata de uma escolha arbitrária. Trata-se, antes, de um procedimento imprescindível a quem se propõe a investigar o processo de construção do Brasil e de sua gente no velho continente. Ora, sabe-se que a contribuição do reino ibérico para o conhecimento de suas possessões ultramarinas, em especial na América, foi pequena. Os lusitanos quase nada escreveram e publicaram a respeito da vasta colônia dos trópicos na época – vários coetâneos, inclusive, já lamentavam tal descaso.³³ Além disso, entre as poucas obras editadas na metrópole, pouquíssimas ultrapassaram as fronteiras lusitanas, permanecendo, assim, restritas ao limitado número de leitores conhecedores da língua portuguesa³⁴ – panorama editorial e de público leitor completamente diferente, todavia, daquele verificável em nações próximas de Portugal.³⁵ As notícias sobre os grandes descobrimentos, assim como as descrições das singularidades americanas e do mundo construído por espanhóis e portugueses no novo continente chamaram a atenção de notável número de leitores e despertaram o interesse de livreiros, editores e casas editoriais em vários cantos da Europa. Diante disso, não causa espanto o fato de a colônia portuguesa situada abaixo da linha equinocial ter sido mais bem conhecida em francês, inglês, italiano, alemão,

³³ Mesmo em Portugal a carência de obras a respeito da colônia americana era sentida. Pero de Magalhães de Gândavo, em sua *História da província de Santa Cruz*, editada em 1576, explica aos leitores que sua intenção ao discorrer sobre a “esquecida província” advinha da inexistência de obras como a sua em solo luso. No *Prólogo* do livro, resultado de mais de meia década na América, Magalhães, “testemunha de vista” de tudo aquilo o que narrava, explica que a história da província de Santa Cruz jazia “sepultada em tanto silêncio mais pelo pouco caso que os portugueses sempre fizeram da mesma província que por faltarem, em Portugal, pessoal de engenho e curiosas que, com melhor estilo e mais copiosamente que eu, a escreverem”. GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **História da Província de Santa Cruz a vulgarmente chamamos Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 37.

³⁴ Outra prova de que o conhecimento sobre a colônia lusitana na América foi pequeno entre os lusitanos é o fato de a maioria dos relatos estrangeiros da época não ter sido vertido para o português.

³⁵ Acerca da imprensa e da circulação de livros no continente europeu, ver: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Ed. UNESP/Hucitec, 1992. Sobre o mercado editorial na França, ver: MARTIN, Henri-Jean; CHARTIER, Roger. **Histoire de l'édition française**. Paris: Promodis, 1982-1986, 4 v.

espanhol ou mesmo latim³⁶ do que em português.³⁷ Não deve causar surpresa, pois, a exclusão dos relatos em língua portuguesa em nosso estudo. Tais escritos não forneceram contributos significativos à construção da colônia e de seus habitantes na Europa. Dito em outras palavras, os escritos em língua portuguesa não concorreram, de maneira substantiva, para a construção da imagem das mulheres de sua colônia tropical no pensamento europeu.

Explicitados os pormenores referentes aos objetivos propostos, ao *corpus documental* selecionado e aos procedimentos de pesquisa adotados no presente trabalho, convidamos o leitor a acompanhar o percurso que estabelecemos.

Antes de passarmos à análise do que escreveram os viajantes estrangeiros a respeito das indiscrições das mulheres da América portuguesa, tema central deste estudo, acreditamos ser necessário deslocar o estudo para dois pontos fundamentais e que antecedem essa imagem.

Primeiramente, torna-se indispensável o exame dos discursos que forjaram a América como um continente, cuja ausência de Deus e dos ensinamentos cristãos levava ao desregramento moral de sua gente. Para tanto, recorreremos às narrativas dos primeiros viajantes que percorreram estas terras. Optamos, desta maneira, no capítulo inicial, por um recuo temporal – a análise das narrativas quinhentistas – e pela alteração de objeto – focalizaremos, por um instante, os nativos –, para apreender as primeiras impressões sobre o novo continente e, mais especificamente, sobre os hábitos dos silvícolas.³⁸ Tal escolha não tem por pretensão construir uma *história da imagem amoral das mulheres no Brasil colonial*, contemplando, assim, o exame da libertinagem das mulheres nativas e culturalmente

³⁶ Visando apresentar, ao menos parcialmente, o alcance, a difusão e a popularidade que conheceram no período as obras selecionadas, delineamos tímido, mas considerável esboço do percurso editorial de tais relatos. Para tanto, empreendemos o levantamento das edições, reedições e traduções conhecidas na época. Logicamente que não se trata de um levantamento detalhado, completo, sem lacunas. Contudo, tais informações, apresentadas em notas de rodapé ao longo do texto, ainda que não forneçam um minucioso panorama da produção e distribuição destes livros pelo continente europeu, podem indicar, ao menos em parte, a circulação destes testemunhos na Europa. Para um arrolamento mais completo e detalhado do que o nosso, de onde, inclusive, levantamos a maioria das informações referentes às obras dos viajantes aqui mencionados, consultar FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Das notícias do Brasil. In: _____. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, pp. 87-192.

³⁷ Gândavo, a quem nos referimos a pouco, assevera em sua *História da província de Santa Cruz* o interesse de outras nações em informações relativas à colônia lusitana na América. Segundo o português, o território luso nos tópicos merecia maior atenção por parte dos estrangeiros do que dos lusitanos. Os outros países conheciam, inclusive, suas “particularidades melhor e mais de raiz” do que os próprios portugueses, donos do lugar. GÂNDAMO, Pero de Magalhães de. **História da Província de Santa Cruz a vulgarmente chamamos Brasil**. p. 38.

³⁸ O recuo temporal se faz necessário uma vez que, a partir do século XVII, há notável perda de interesse em relatar o modo de vida dos nativos, dando ênfase aos hábitos dos colonos. Com exceção dos missionários da segunda tentativa de colonização francesa em território americano, a França Equinocial (1612 – 1615), e dos exploradores da tentativa holandesa de colonização do nordeste brasileiro (1630 – 1654), poucos são os relatos dos séculos XVII e XVIII que fazem menção aos silvícolas, até mesmo em virtude da natureza de tais missões – ambas tinham por objetivo o estabelecimento na colônia lusitana e possibilitavam aos estrangeiros maior tempo para apreensão dos costumes autóctones.

brancas³⁹ – já explicamos a inviabilidade de um propósito como esse –, nem “restabelecer uma grande continuidade”⁴⁰ temporal na abordagem do tema. Pelo contrário, a iniciativa que ora propomos tem por finalidade explicitar as rupturas latentes e demarcar uma descontinuidade, determinando, assim, as diferenças entre as práticas consideradas libertinas de *civilizadas* e de *selvagens*. Aliás, mais do que somente diferenciar os costumes tidos como obscenos de naturais e culturalmente brancas, a variação do objeto apreendido permite – e aqui reside talvez a maior contribuição ao presente estudo – colocar em evidência as causas atribuídas pelos estrangeiros a tais desregramentos.

Uma vez concluída esta primeira etapa, debruçar-nos-emos sobre o segundo ponto fundamental da nossa investigação: passaremos ao mapeamento das proposições estrangeiras que trataram o território luso-americano como passível de corromper o gênero humano. A América foi por vezes descrita pela literatura de viagem como uma região perniciosa e prejudicial aos seres humanos, causando inclusive a degeneração dos homens e mulheres que aqui se estabeleciam. Sabe-se que esta questão configurava um problema acadêmico para os intelectuais da época. Não por acaso, tal matéria era abordada frequentemente no circuito da ilustração europeia. Não nos esqueçamos dos acalorados debates que tratavam a América como um continente imaturo e inferior e que ganharam lugar de destaque entre os homens de letras daquele tempo após a edição, em 1761, do volume IX da *Histoire Naturelle*, do naturalista francês Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon. A partir de então, não foram poucos os acadêmicos ou ilustrados, tais como o holandês Corneille de Pauw com o seu controverso *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'Histoire de l'Espèce Humaine. Avec une Dissertation sur l'Amérique & les Américains*, ou o conhecido Guillaume Thomas François Raynal, autor do célebre *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, que se sentiram à vontade, mesmo sem nunca terem postos os pés na América, para discutir e propagar as teses de inferioridade do Novo Mundo, tido como continente fraco e imaturo, bem como de sua possível influência na degradação do gênero humano.⁴¹ Não nos esqueçamos, igualmente, do conhecido concurso de monografias oferecido pela Academia de Ciências, Belas-letras e Artes de Lion, cujo tema, proposto por Raynal, consistia em examinar

³⁹ Não fizemos menção às mulheres negras, uma vez que os cativos africanos pouco figuraram nas páginas da literatura de viagem, não sendo, assim, possível, nem se nos propuséssemos, analisar o que pensavam os visitantes estrangeiros sobre a conduta sexual das mulheres negras.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008, p. 21.

⁴¹ Um panorama detalhado e bem composto das discussões abordando as teses de inferioridade do continente americano pode ser visto em: GERBI, Antonello. **O novo mundo** - história de uma polêmica: 1750-1900. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

se “a descoberta da América foi útil ou perniciosa para o gênero humano”.⁴² Destarte, torna-se incontornável, para atingirmos os objetivos propostos, investigar aquelas características americanas que os europeus tomavam como responsáveis por influenciar negativamente a conduta dos homens e mulheres aclimatados nos trópicos.⁴³

Apreendidos os fatores responsáveis por motivar os destemperos sexuais na América portuguesa, passaremos, no último capítulo deste estudo, a inventariar as impressões estrangeiras sobre a sexualidade exacerbada das mulheres da colônia. É neste terceiro capítulo que será apresentado ao leitor o conteúdo anunciado na soleira deste trabalho: *a imagem libidinosa das mulheres da América portuguesa*. Mapearemos, ainda que superficialmente, quem eram essas mulheres;⁴⁴ examinaremos os artifícios utilizados pelas senhoras e senhoritas das cidades coloniais para contatar aqueles que seriam brindados com seus *favores*; olharemos com vagar as estratégias empregadas pelas astutas amantes para burlar a vigilância daqueles que deveriam zelar por sua castidade, nomeadamente seus pais, irmãos e esposos; passaremos os olhos pelos lugares e ocasiões propícios e estrategicamente escolhidos para que os encontros pudessem acontecer sem maiores riscos ou interferências; e, por fim, descreveremos as implicações sociais a que eram sujeitas as que fossem apanhadas em delito.

⁴² Na terceira parte do *América em el espíritu francés del siglo XVIII*, intitulada *las Investigaciones filosóficas sobre los resultados del descubrimiento de América*, o historiador Silvio Arturo Zavala ocupa-se do concurso oferecido pela Academia de Ciências, Belas-letas e Artes de Lion. Ver: ZAVALA, Silvio Arturo. **América en el espíritu francés del siglo XVIII**. México: El Colégio Nacional, 1949, pp. 33-90.

⁴³ Os debates a respeito do Novo Mundo e de seus habitantes corrompidos começariam a sofrer alterações, o que não significa, contudo, que se altere permanentemente, somente a partir do início do século XIX com a empiria dos novos naturalistas. Conforme atenta a historiadora Karen Macknow Lisboa: “Diferente dos naturalistas do século XVIII, que espalharam as imagens da inferioridade natural do continente americano, os estudiosos do início do século XIX saem de seus gabinetes naturalistas para perscrutar com os próprios olhos a totalidade dos fenômenos naturais e, por meio da empiria, provar, refutar ou reformular as teses anteriormente concebidas”. LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)**. São Paulo: Editora Hucitec. 1997, p. 113.

⁴⁴ É importante frisar o termo “superficialmente”, pois as narrativas de viagens produzidas no período coberto por nossa análise compõem-se, salvo raríssimas exceções, de breves descrições resultantes de curtas estadias, o que levou seus redatores a raramente se debruçarem sobre os pormenores dos grupos sociais observados e a oferecerem, ocasionalmente, aos leitores, detalhadas informações dos lugares e gentes examinadas. De fato, o novo continente não pareceu tão agradável a alguns visitantes, fator que talvez possa ter influenciado em seu tempo de permanência, como exaspera o poeta inglês Richard Flecknoe neste curto trecho: “se me demorei tanto nessa terra, foi porque não a pude deixar antes. Uma vez satisfeita a curiosidade, nada mais me prende aqui.” FLECKNOE, Richard. *A relation of ten years travels in Europe, Asia, Affrique, and America...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ; José Olympio, 1999, p. 52. Contudo, a brevidade das excursões estrangeiras pelo território da colônia lusitana deve-se, em grande parte, às proibições impostas pela metrópole. A primeira delas, lavrada em 1591, restringia a entrada de embarcações estrangeiras nos portos de seus domínios da América Austral. Já a segunda interdição, cujos termos constam na Carta de Lei de 1605, vedava definitivamente a presença estrangeira nos limites da colônia, estabelecendo, inclusive, um prazo de 12 meses para os estrangeiros ali residentes deixarem suas moradas e zarparem do país. Ao leitor interessado na temática das proibições ao desembarque estrangeiro na colônia, ver: SERRÃO, José Veríssimo. **Do Brasil filipino ao Brasil de 1640**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

CAPÍTULO 1 DAS NATIVAS

1.1 – Da imagem dos nativos no velho continente

Em meados do século XVI, a França foi palco de uma das mais curiosas festas que toda a Europa havia visto até então. Em 1550, Rouen, importante cidade portuária da região da Normandia, às margens do Rio Sena, recebeu algumas dezenas de nativos das costas brasileiras que, para deleite dos presentes, foram apresentados a algumas das maiores personalidades do Velho Mundo. A monumental *entrada*⁴⁵, promovida por negociantes normandos para a recepção do rei Henrique II e da ilustre Catarina de Médici, sua consorte, buscava impressionar não somente o casal real, mas também os inúmeros homens de negócio que se encontravam no seleto grupo de convidados. Além do monarca francês e sua esposa, compareceram à celebração: a Rainha da Escócia, Maria Stuart; a princesa Margarida, filha de Francisco I; a amante titulada do rei, a duquesa de Poitiers – nas palavras de Afonso Arinos de Melo, uma “verdadeira soberana sem coroa”⁴⁶; o núncio do papa Júlio III; além de embaixadores, duques e príncipes de todos os cantos da Europa, e arcebispos, bispos e prelados de toda a França.

Desejosos por angariar entusiastas para o lucrativo comércio dos produtos da Terra de Santa Cruz e por ofuscar o brilho da luxuosa cerimônia realizada em Lyon no ano anterior para o casal real, os organizadores da *fête brésilienne* não economizaram com os preparativos do evento. Além de duas estátuas de ouro prontamente entregues a Henrique II, os promotores do festival contrataram artistas franceses e estrangeiros – para que as criações variassem – que ergueram obeliscos, templos e arcos do triunfo provisórios, tudo adornado ricamente e com o maior cuidado possível.

Pode-se afirmar, porém, que os maiores investimentos para o entretenimento da realeza francesa e dos distintos presentes foram feitos para oferecer aos convidados um simulacro da vida americana. As margens do Sena foram enfeitadas com vários arbustos, “como vassoura, zimbro e buxo”, e árvores carregadas de frutos de diversas cores e tamanhos onde trepavam “macacos, marmotas e saguis”⁴⁷ – todos levados para a Normandia por navios

⁴⁵ Segundo Afonso Arinos de Melo Franco em *O Índio brasileiro e a Revolução Francesa*, as entradas eram “festas usuais na época, como os torneios e cavalcadas, e consistiam em cortejos e desfiles triunfais, organizados em homenagem a algum hospede de marca.” FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Índio brasileiro e a Revolução Francesa**: As origens brasileiras da teoria da bondade natural. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 86.

⁴⁶ Ibidem, p. 87.

⁴⁷ DENIS, Ferdinand. **Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550**: teogonia dos antigos povos do

mercantes que retornaram do Brasil –, competindo e dividindo a graça dos convidados com os papagaios das mais variadas matizes que voavam e gorjeavam entre os frondosos galhos das árvores, responsáveis por representar a bondosa natureza do Novo Mundo. Compondo o cenário, foram erguidas em cada canto da praça fiéis representações das típicas habitações silvícolas, edificadas com troncos toscos, sem acabamentos, e cobertas com folhas e galhos, onde os personagens principais viviam o cotidiano americano em terras europeias. Por todo o sítio cerca de cinquenta nativos da nação dos Tupinambás, dignos representantes do exotismo americano, “trazidos recentemente do país”, e trezentos marinheiros de Havre, Dieppe e Rouen, conhecedores por experiência dos hábitos brasílicos, “todos nus, bronzeados e de cabeleiras revoltas, e sem de modo algum cobrir as partes que a natureza manda”,⁴⁸ retratavam um quadro fiel da vida americana.

Alguns batiam-se para atirar o arco nos pássaros, manejando com tanta destreza sua flecha feita de varas, esguelhos ou caniços que pareciam sagitários sobrepujando Merionez, o Grego, e Pândaro, o Troiano. Outros corriam atrás das macacas, como os trogloditas atrás da selvagenzinha. Alguns se balançavam em suas cordas sutilmente traçadas de fio de algodão, ligada cada ponta ao tronco de alguma árvore, ou então repousavam ao abrigo de algum galho retorcido.⁴⁹

Não bastasse a detalhada encenação do cotidiano selvagem da colônia lusitana que muita surpresa e divertimento levou aos presentes, os organizadores normandos prepararam ainda uma última atração, que foi sem dúvida alguma o ápice da festividade: um grandioso combate selvagem. A *ciomáquia*,⁵⁰ que arrancou largos sorrisos de Catarina de Médicis,⁵¹ simulou a batalha entre dois grupos selvagens, os Tupinambás – com quem os franceses travavam relações amigáveis – e os Tabajaras – aliados dos portugueses. As duas tribos guerrearão com intensa vivacidade e demonstraram aos notáveis presentes muita habilidade e destreza, desferindo suas coloridas flechas e atacando uns aos outros com violentos golpes de maça ou de pesados porretes de madeira. Por fim, um desfecho apoteótico: os aliados dos franceses põem em retirada os Tabajaras e queimam suas fortalezas e suas trincheiras,

Brasil, um fragmento recolhido no século XVI: poemas brasílicos de Cristóvão Valente. Tradução do tupi, prefácio e notas Eduardo de Almeida Navarro; tradução do francês Júnia Guimarães Botelho. São Bernardo do Campo: Usina de Ideias/Bazar das Palavras, 2007, p. 45.

⁴⁸ Ibidem, loc. cit.

⁴⁹ Ibidem, p. 47.

⁵⁰ *Sciomaquie*, do grego, *scio* – sombra – e *maquia* – batalha. É o termo utilizado pelo cronista da entrada de Rouen para designar a peleja fictícia entre os ameríndios. Ibidem, p.137.

⁵¹ De acordo com as notas do cronista francês, “no segundo dia, como se renovava o espetáculo, Catarina de Médicis, passando em sua pompa e magnificência pela rua, não soube fazê-lo sem se deleitar com os bonitos combates e simulacros de lutas dos selvagens.”. Ibidem, p. 37.

promovendo um espetáculo que, pelo que indica a documentação, proporcionou muito gozo aos convidados.

Contudo, ainda que os organizadores normandos tenham despendido vultoso volume de cifras para oferecer aos nobres convidados uma representação bastante fiel e convincente da exótica vida americana⁵² e que tenham sido expostos exemplares vivos das longínquas terras do novo continente, a festividade às margens do Sena não conseguiu exprimir a grandiosidade do *Novo Mundo* descrito pelos viajantes europeus em suas relações de viagens. Os escritos sobre a América saídos da pena de autores quinhentistas e do alvorecer do Seiscentos – viajantes da notoriedade de um Américo Vespúcio, um Hans Staden, um Jean de Léry, um André Thevet, um Claude d’Abbeville, um Yves d’Evreux, um Johan Nieuhof, ou um Willem Piso, para nos atermos apenas a uns poucos nomes – contribuíram de maneira mais incisiva para a concepção tida pelos europeus a respeito da América e de seus habitantes do que os exemplares de carne e osso levados para desfilarem pelas ruas de Rouen.⁵³

Lidos à exaustão por leigos e doutos nos primeiros séculos que seguiram a arribada de Cabral, tais escritos primam pela riqueza de detalhes, prezam pela atenção às miudezas e se

⁵² Acreditamos que a *fête bresilienne* não tenha chamado a atenção dos espectadores por levar ao continente europeu seres completamente desconhecidos com costumes igualmente incógnitos. O propósito da festa, além de suscitar o interesse de Henrique II pela exploração e colonização do Novo Mundo, consistia muito mais em oferecer ao seletto público um espetáculo com o qual já estivesse ao menos um pouco familiarizado do que surpreendê-lo com *novidades*. A admiração dos presentes fora motivada, antes, pela beleza e pelo divertimento proporcionados pelo espetáculo – a destreza na execução do combate simulado, a desenvoltura na encenação, a reprodução do cotidiano autóctone por parte dos reais nativos, o cuidado na representação do ambiente americano, a perfeição na feitura da réplica da aldeia indígena, etc. – do que pela *novidade* do divertimento. As imagens encenadas na França através do roteiro escrito pelos organizadores normandos e executados à risca pelos *atores* já eram conhecidas pelos europeus naquele tempo. Em 1550, ano da monumental entrada, já circulava no velho continente alguns importantes relatos e compilações de viagens e expedições marítimas à América. Nos tempos da festança na Normandia, a Europa culta já tinha em mãos, por exemplo, as várias traduções e edições das conhecidas cartas de Américo Vespúcio – a *Mundus Novus* e *Quatuor Americi Vesputti navigationes*. (Ver nota 55.) Muito popular na época já era também a *Paesi novamente ritrovati. Et Novo Mondo da Alberico Vesputio florentino intitolato*, coletânea de viagens publicada pelo Frei Franczano da Montalboddo que continha em seu corpo de narrativas selecionadas os relatos de Colombo e Cortez. (Ver nota 66).

⁵³ Os nativos protagonistas da festa normanda não foram os primeiros e não seriam os últimos indígenas provenientes da América a aportarem em terras europeias. O traslado de nativos para a Europa parecia ser comum no século XVI. Em 1504, segundo o relato de Paulmier de Gonneville, após uma série de desventuras marítimas, chega à França, na cidade de Honfleur, o jovem Essomericq, um dos primeiros filhos do Brasil e da América a fazer a travessia para o continente Europeu. Ver: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Em meio às páginas de seu *Singularidades da França Antártica*, André Thevet relata o caso de um nativo da nação dos tabajaras que foi levado ao Velho Mundo, onde foi instruído na religião católica, aprendeu a língua e até mesmo desposou uma mulher europeia antes de voltar à costa brasileira e ser morto e feito banquete por seus inimigos. Ver: THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 136. Outro francês, o calvinista Jean de Léry discorre sobre a trágica história de um nativo de nome Antonio que fez a travessia do atlântico rumando para Portugal, onde tomou letras, aprendeu o idioma lusitano e recebeu os primeiros ensinamentos cristãos, mas que, em seu retorno ao Brasil, foi devorado por nativos inimigos. Ver: LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, pp. 161-162.

dedicam, em larga medida, a registrar detidamente os contornos dos habitantes e da natureza do denominado *Novo Mundo*.

Tão logo chegaram aos europeus as novas acerca dos recém-descobertos domínios pertencentes a D. Manuel I, *o venturoso*, insinuaram-se, em meio às páginas de exaltação às bonanças do lugar, sombras de gentes estranhas.⁵⁴ De maneira geral, no que tange aos atributos físicos, os americanos descritos pelos visitantes estrangeiros assemelhavam-se aos europeus: a uniformidade, a proporção, a simetria, o tamanho, a disposição dos membros e o formato do corpo eram, se não idênticos, próximos aos dos habitantes do velho mundo.

Viajando sob as ordens da Coroa portuguesa logo nos primeiros anos do Quinhentos, o renomado explorador florentino Américo Vespúcio já atentava para o fato de os homens e mulheres destas longínquas terras serem bem afeiçoados fisicamente. Em missiva que logo se tornaria célebre, a *Mundus Novus*,⁵⁵ escrita em 1503, o navegador informa ao seu nobre interlocutor Lourenço de Médici que os habitantes destas costas recém-descobertas possuíam “corpos grandes, quadrados, bem dispostos e proporcionais, com cor tendendo para o vermelho”, o “cabelo amplo e negro” e o rosto “afável e bonito”.⁵⁶

Esboço similar ao traçado por Vespúcio legou o aventureiro alemão Hans Staden meio século mais tarde. Artilheiro, cronista e mercenário, Staden empreendeu duas viagens às terras portuguesas no continente americano entre os anos de 1548 e 1555 – excursões que o tornaram profundo conhecedor da conduta nativa. Não se sabe ao certo os motivos pelos quais o aventureiro prussiano viera a prestar seus serviços aos portugueses em sua primeira viagem. Sabe-se, no entanto, que sua segunda passagem pelo território português na América se daria por um infortúnio do destino. O navio espanhol em que se encontrava, rumando em direção ao Rio da Prata, teve de alterar a rota em razão de uma tempestade, fato que o levou novamente a descer em terras luso-americanas. Visita forçada, aliás, que se revelou proveitosa para o seu

⁵⁴ O modo de vida curioso assim como a imagem dos nativos no continente europeu suscitou uma série de reflexões por parte dos historiadores, entre eles, ver: CHINARD, Gilbert. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVIIe et XVIIIe siècle**. Paris: E. Droz, 1934; Idem. **L'exotisme américain dans la littérature française au XVIe siècle**. Paris: Hachette, 1911; FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Índio brasileiro e a Revolução Francesa: As origens brasileiras da teoria da bondade natural**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000; LESTRINGANT, Frank. **O Canibal: grandeza e decadência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

⁵⁵ **Nota sobre a obra:** A carta de Vespúcio rapidamente caiu nas graças dos leitores europeus. Originalmente publicada em latim em 1503, a *Mundus Novus* já possuía, três anos mais tarde, cerca de 22 edições e ainda na primeira década do século XVI já havia sido vertida para o alemão, o italiano, o francês e o holandês. Na introdução à edição brasileira, Eduardo Bueno afirma que teriam sido vendidos mais de 20 mil exemplares da *Mundus Novus*. – Ver: VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo - As cartas que batizaram a América**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. Um estudo detalhado sobre a carta e sobre o caminho percorrido pela missiva no mercado editorial europeu (as edições e traduções conhecidas) pode ser visto em: AMADO, Janaina; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **Brasil 1500: quarenta documentos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 325.

⁵⁶ VESPÚCIO, Américo. op. cit. p. 40.

futuro de escritor. Nesta segunda excursão, o cronista alemão esteve cativo entre os índios antropófagos da tribo Tupinambá e por vezes correu o risco de ser devorado. Tal experiência possibilitou a Staden observar de perto o cotidiano dos canibais brasílicos e descrever, com riqueza de detalhes, os nativos e seus inúmeros costumes estranhos. Daí a minuciosa descrição dos atributos físicos dos naturais da região em sua *Verdadeira história e descrição de um país habitado por homens selvagens, nus, ferozes e antropófagos, situado no novo mundo, denominado América*.⁵⁷

São gente bonita de corpo e estatura, homens e mulheres igualmente, *como as pessoas daqui*; apenas, são queimados do sol, pois andam todos nus, moços e velhos, e nada absolutamente trazem sobre as partes pudendas. Mas se desfiguram com pinturas. Não tem barba, pois arrancam os pelos, com as raízes, tão prontos lhe nascem. Através do lábio inferior, das bochechas e orelhas fazem furos e aí penduram pedras. É o seu ornato.⁵⁸

Gente normal, formosa, de bom talhe e corpo bem definido, como os europeus. As diferenças físicas, aos olhos do mercenário prussiano, decorriam da exposição ao sol e da ausência de vestes, responsáveis por conferir aos nativos uma tonalidade da pele peculiar, das deformações e desfigurações, causadas pela pintura e pelos ornatos pontiagudos que perfuravam os seus corpos, e da ausência de pelos, arrancados tão logo nasciam.

1.2 – A nudez dos naturais do país

A tópica dos predicados físicos dos ameríndios é recorrente nas narrativas que dissertam sobre as sociedades nativas da América lusitana, afinal era necessário prover o leitor europeu de informações não somente acerca das benesses do clima e da natureza exuberante do Novo Mundo que poderiam, certamente, render à coroa lusitana prodigiosas cifras, mas também sobre a estranha gente encontrada abaixo da linha equinocial, habitantes de lugares tão pródigos.

⁵⁷ **Nota sobre a obra:** Os infortúnios vividos pelo militar germânico foram impressos pela primeira vez em 1557 em língua materna. Devido ao sucesso imediato conhecido pelas curiosas notas do aventureiro, após a prensagem inaugural – realizada sob os cuidados de Andres Kolben, em Marburg –, o livro de Staden deu à prensa mais quatro vezes ainda em 1557 e mais um punhado até o limiar do século XVI. O relato do aventureiro não se restringiu, contudo, às fronteiras germânicas. Embora não tenha alcançado fora do país o sucesso galgado entre os editores prussianos, o *Verdadeira história* foi traduzido para o holandês em 1558, pouco tempo depois da primeira edição, e para o latim em 1630.

⁵⁸ STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1974, p. 161. Grifos meus.

As descrições versando sobre a bela compleição dos selvagens mereceram, no entanto, bem menos páginas deste gênero literário do que os parágrafos destinados a examinar e, na maior parte das vezes, censurar suas condutas. A semelhança na constituição física dos nativos chamou, é verdade, a atenção de elevado número de viajantes, principalmente nos primeiros anos da colonização. Todavia, a disparidade dos hábitos americanos mereceu maior atenção. O modo de viver marcado pelo barbarismo, pela selvageria e por perversidades que sugerem estreitas relações com o Diabo e afastamento com o mundo civilizado – Américo Vespúcio enfatizará, inclusive, que os costumes dos naturais destes cantos vai “além da humana credibilidade”⁵⁹ – é ilustrado em grande parte pelas cenas do cotidiano silvícola narradas pelos primeiros viajantes, responsáveis, em larga medida, como assinalamos, por moldar e fixar os contornos dos selvagens nas letras e no conhecimento europeu.

Não tardaria, dessa maneira, para que a nudez e a lascívia atribuída às gentes deste pródigo continente, apontado por alguns como próximo ou até mesmo como o próprio paraíso terrestre, comesçassem a aparecer em um punhado de missivas, diários, opúsculos e relações de exploradores, aventureiros e missionários europeus – obras que ganhavam fama e notoriedade entre um público leitor carente de novidades.⁶⁰ O espetáculo de corpos nus se esgueirando entre as frondosas árvores e correndo pela mata selvagem sem nenhum empecilho, exalando a liberdade natural de que tanto fala Montaigne em seus *Ensaio*s,⁶¹ salta das páginas dedicadas a delinear os habitantes destas novas terras e seus estranhos costumes.⁶²

⁵⁹ VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo** – As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, p. 41.

⁶⁰ Ver nota 35.

⁶¹ O pensador francês faz referência aos indígenas e aos seus costumes em dois capítulos dos seus famosos *Ensaio*s intitulados *Dos canibais* e *Dos cochês*. Ingênuos e puros, os selvagens, vivendo em plena harmonia com a natureza, teriam muito a ensinar aos corrompidos europeus. No entendimento do pensador francês, nas sociedades nativas o homem vivia de maneira mais feliz, mais livre e mais igualitária do que na Europa. Não causa surpresa, pois, para Montaigne, a pouca vontade demonstrada por um indígena que visitou Rouen nos meados do Quinhentos de permanecer na França, nação onde homens paupérrimos conviviam de maneira pacífica com homens abastados. O contato entre civilizados e selvagens, todavia, se beneficiaria os primeiros, poderia se mostrar prejudicial aos últimos. No julgamento do filósofo, a corrompida e viciosa sociedade europeia poderia contaminar os indígenas, seres frágeis e sensíveis. Ver: MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Ensaios. São Paulo: Abril Cultural, 1984, pp. 100-106 e pp. 408-415.**

⁶² A vestimenta possui importante papel na concepção da moral ocidental. As roupas e acessórios indicam, inclusive, em várias sociedades, a posição ocupada pelo indivíduo no campo social. Ver: DUERR, Hans Peter. **Nudité et Pudeur** – Le mythe du processus de civilisation. Paris: Maison de Sciences de L’Homme de Paris, 1999. Não surpreende, pois, o fato de a nudez dos nativos americanos ser tema recorrente nas narrativas estrangeiras, sobretudo daquelas escritas por religiosos, o que representa parte expressiva do que foi escrito durante todo o século XVI. Indicativa de inocência ou de tendência ao pecado, a ausência de vestimentas nas sociedades americanas mereceu reflexão por parte dos muitos visitantes do período, conforme veremos no andamento desse capítulo. A historiadora Mary del Priore, no entanto, relaciona a nudez americana com a pobreza material. Segundo Del Priore, “nuas em pelo, as ‘americanas’ exibiam-se, também, nas múltiplas gravuras que circulavam sobre o Novo Mundo [...]. Os gravadores do Renascimento as representavam montadas ou sentadas sobre animais que os europeus desconheciam: o tatu, o jacaré, a tartaruga. Mas aí, a nudez não era mais símbolo de inocência, mas de pobreza: pobreza de artefatos, de bens materiais, de conhecimentos que

Em 1612, o capuchinho francês Claude d'Abbeville, um dos religiosos engajados na segunda investida francesa para estabelecer uma colônia na América portuguesa, a chamada França Equinocial,⁶³ deparou-se logo ao fundear na costa nordestina com povos nativos vivendo inteiramente nus, como haviam vindo ao mundo, tal como na *idade da inocência*. A singular situação, inédita para o homem de fé que nunca havia professado o Santo Evangelho fora dos limites da França, causou-lhe grande desconforto. Daí, em dado momento de sua *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*, o religioso concentrar seus esforços em compreender este estranho hábito. Após uma série de reflexões, conclui Abbeville que “não há nação, por mais bárbara que seja, que não tenha procurado, em dado momento, cobrir o corpo com vestimentas ou enfeites, a fim de esconder a nudez”.⁶⁴ Tal assertiva, entretanto, parece não se aplicar aos bárbaros moradores da América Austral. Desde as primeiras notícias acerca do Novo Mundo, seus habitantes foram continuamente descritos como seres indiferentes à nudez de seus corpos.

Voltemos uma vez mais aos apontamentos do atento Américo Vespúcio. Já numa das missivas de *batismo* da América, na *Mundus Novus*, o navegador lança mão da tinta e do papel para assinalar a nudez das gentes da América meridional. De forma breve, narra Vespúcio ao seu nobre destinatário na Europa que “todos [os nativos], de ambos os sexos, andam nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo; como saem do ventre materno, assim vão até a morte”.⁶⁵

No ano seguinte à aparição da carta de Vespúcio, vem a público o relato anônimo de um integrante da armada de Pedro Álvares Cabral, conhecido posteriormente como *Relação do Piloto Anônimo*,⁶⁶ que também destina algumas escassas linhas a comentar o costume dos

pudessem gerar riquezas. Comparadas com as mulheres que nas gravuras representavam o continente asiático ou a Europa, nossa América era nua, não porque sensual, mas porque despojada, singela, miserável. As outras alegorias – a Ásia e a Europa – mostravam-se ornamentadas com tecidos finos, joias e tesouros de todo tipo. Mesmo a África, parte do mundo mais conhecida no Ocidente cristão do que a América, trazia aparatos, expondo a gordura. Gordura, então, sinônimo de beleza.” PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 16.

⁶³ A respeito dos capuchinhos em missão no nordeste brasileiro, ver: REZENDE, Modesto. **Os missionários capuchinhos no Brasil**. Esboço histórico prefaciado por Alfonso de E. Taunay da Academia brasileira. São Paulo: Convento da Imaculada Conceição, 1931; PRIMERIO, Fidelis Motta de. **Capuchinhos em terras de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX**. Apontamentos históricos. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

⁶⁴ ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 226.

⁶⁵ VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo – As cartas que batizaram a América**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, p. 40.

⁶⁶ **Nota sobre a obra:** O relato anônimo apareceu primeiramente na coleção *Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo de Alberico Vesputio Florentino intitolato*, organizada por Fracanzano Montalbordo, em 1507, na cidade de Veneza. De acordo com Montalbordo, a edição italiana havia sido traduzida do original em língua portuguesa. Através da *Paesi...*, inclusive, o documento seria bem difundido, uma vez que a coletânea seria reimpressa em 1508, 1517, 1519 e 1521. Além do copioso volume de exemplares impressos em italiano, a *Paesi novamente ritrovati. Et Novo Mondo da Alberico Vesputio florentino intitolato* pôde ser apreciada por leitores franceses,

habitantes dos trópicos de ignorarem o uso de vestimentas. Com a pretensão de relatar os pormenores da viagem, o navegador anônimo anotou que a tripulação, tão logo observou aquela terra desconhecida, enxergou grande quantidade de gente – cuja cor era entre o branco e o negro – caminhando nuas pela praia, como haviam vindo ao mundo e sem demonstrar acanhamento algum.⁶⁷

Os parágrafos destinados, com maior ou menor riqueza de detalhes, a dar conta da estranha nudez presente nestas bandas não se fazem presentes, porém, apenas nas primeiras narrativas. As cartas inaugurais, carregadas de novidades sobre a quarta parte do mundo, abriram caminho para uma série de relatos que traduziam em palavras o que os olhos dos visitantes europeus supostamente testemunhavam – ou o que seus ouvidos escutavam com atenção, de fontes sempre ditas confiáveis – sobre essa curiosa gente, cujo modo de vida se diferenciava completamente dos vigentes na civilização da Europa moderna.

Participante da França Antártica – frustrada tentativa de ocupação francesa na região da baía de Guanabara entre 1555 e 1567 –, o piloto francês Nicolas Barré não foge à tradição dos viajantes do período quando o assunto é a falta de vestes dos povos das costas brasílicas. Dando conta dos meses passados nas terras da baía de Guanabara, Barré enviou duas cartas aos seus patrícios residentes em Paris datadas da metade do Quinhentos (1555 e 1556) e publicadas no ano seguinte, em 1557. Em uma das missivas,⁶⁸ que cobre o período de 12 de julho de 1555 a 1º de fevereiro de 1556, o piloto, protestante fervoroso, faz menção ao modo de vida *livre* dos nativos da região. Do mesmo modo que os animais, completamente à mercê de seus instintos, explica Barré aos seus compatriotas, “tanto os homens como as mulheres andam completamente nus”.⁶⁹

Os missionários empenhados nesta primeira tentativa francesa de colonizar a América Austral, aliás, demonstraram profundo interesse em examinar o proceder das gentes naturais

holandeses e versados em latim graças às traduções para esses idiomas, preparadas a partir de 1508. Além das aparições no compêndio organizado por Montalboldo, o documento seria impresso ainda mais algumas vezes em coletâneas de viagem. Em 1532, na cidade da Basiléia, a *Relação do piloto anônimo* saía na *Novus Orbis Regionum*, luxuosa coleção de relatos de viagens organizada por Simon Grynaeus. O único testemunho dando conta da viagem cabralina a ser editado na época integraria, ainda no século XVI, o *Navigationali et Viaggi*, outra coletânea de relações de viajantes, organizada pelo italiano Giovanni Ramusio, cujos três volumes saíram entre 1550 e 1558.

⁶⁷ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A Relação do Piloto Anônimo. Introdução, tradução e notas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 ago. 1999. Caderno Mais!, pp. 5-10.

⁶⁸ **Nota sobre a obra:** As duas missivas do piloto francês vieram a público em pequeno opúsculo intitulado *Copie de quelques letters sur la navigation du chevalier de Villegaignon*, prensado em 1557 na cidade de Paris e editado por Jean Martin. As páginas escritas por Barré não alcançaram o sucesso dos escritos de seus companheiros de missão. A *Copie...* conheceu apenas uma reedição, saída das prensas no ano seguinte à primeira, em 1558.

⁶⁹ BARRÉ, Nicolas. Copie de quelques letters sur la navigation du chevalier de Villegaignon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 23.

desse Novo Mundo. Compatriota e companheiro de missão de Nicolas Barré, André Thevet, um católico convicto e árduo defensor de Nicolau Durand de Villegaignon, cavaleiro da Ordem de Malta e líder dos missionários franceses,⁷⁰ também nos legou, em seu aclamado *Singularidades da França Antártica*,⁷¹ notas ilustrativas do modo de viver dos selvagens.

Em uma comparação entre os nativos da Barbaria e da Etiópia e os naturais da baía de Guanabara, os Tupinambás, com quem travara contato durante sua curta estada na região,⁷² pondera o *Garde des Curiositez* do rei que os hábitos dos brasileiros são incomparavelmente menos toleráveis do que os dos bárbaros da África. Estes, elucida o frei, “andam quase inteiramente nus, salvo no que se refere às partes pudendas”, que cobrem com “tangas de algodão”, enquanto que os nativos da costa brasileira “andam nus em pelo, do modo como saíram do ventre materno[...] sem qualquer acanhamento ou vergonha”.⁷³ E, contrariando alguns partidários da nudez – os *heréticos* adamitas –, que proclamavam que todos deveriam andar nus, mesmo na Europa, “do mesmo modo que Adão e Eva no paraíso terrestre”, o religioso francês é taxativo:

Ora, não se lê em lugar algum que esta nudez seja do agrado e da vontade de Deus. Sei que alguns heréticos denominados adamitas admitem erroneamente tal teoria, e que seus seguidores vivem inteiramente nus, de modo igual ao dos americanos [...], indo rezar nos seus templos e sinagogas completamente despidos. É fácil ver que tudo isso não passa de uma opinião evidentemente errônea, pois se as Sagradas Escrituras nos testemunham que Adão e Eva, antes de seu pecado, estavam nus, dizem-nos a seguir que eles depois se cobriram com peles.⁷⁴

A nudez no modo de viver dos nativos é tema tão recorrente nesse gênero literário que, mesmo nas mais breves notas, encontra-se um parágrafo ou outro destinado a dar conta desta

⁷⁰ Interessante estudo acerca de Villegaignon e da malograda missão francesa na baía de Guanabara é o *Villegaignon e a França Antártica - Uma Reavaliação*, de autoria de Vasco Mariz e Lucien Provençal. Ver: MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. **Villegaignon e a França Antártica** – Uma Reavaliação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁷¹ **Nota sobre a obra:** As curiosas anotações anotadas pelo fiel católico foram impressas pouco tempo após seu retorno ao continente europeu. No ano de 1557, meses após o cosmógrafo ancorar no Velho Mundo, sai a primeira edição do *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommee Amerique, & de plusieurs terres et isles decouvertes de nostre temps*, editada por Maurice de La porte, em Paris. No ano seguinte, em 1558, o livro salta das prensas em Anvers sob os cuidados de Christophe Plantin. As *singularidades* descritas pelo frei André Thevet chamaram a atenção também de editores de outros cantos da Europa. No ano de 1561, a obra foi vertida para o italiano e, em 1568, veio a público a tradução inglesa de Thomas Hacket.

⁷² As detalhadas e volumosas anotações do curioso André Thevet observando os costumes dos indígenas brasílicos foram colhidas em menos de três meses de estadia na América meridional. Segundo consta, o cosmógrafo oficial do rei Henrique II desembarcou nas terras da Baía de Guanabara em 10 de novembro de 1555 e zarpou rumo à Europa em 31 de janeiro de 1556.

⁷³ THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 101.

⁷⁴ *Ibidem*, pp. 101-102.

tópica. Nos primeiros anos do século XVII, pouco antes dos nativos passarem a figurantes – quando muito – nas narrativas de viagens,⁷⁵ um inglês de nome Willian Davies, natural de Hereford, registrou de forma breve e concisa a nudez característica dos naturais da América. Condenado a servir nas galés por ordem de Fernando de Médici, grão duque de Toscana, o cirurgião-barbeiro navegava por estas bandas no ano de 1608 como escravo do navio *Santa Lúcia* quando a embarcação fez ferro na região do Rio Amazonas, permanecendo ali durante 10 longas semanas. Os mais de dois meses perambulando pelas terras do extremo norte brasileiro mostrou-se tempo mais que suficiente para o prisioneiro britânico colher curiosas informações acerca dos selvagens moradores das margens do Rio Amazonas. Em seu curto opúsculo, intitulado *A true relation of the travels and most miserable captivity of William Davies*,⁷⁶ o *miserável cativo*, apreciador das vestimentas das mulheres do velho continente, anota que as mulheres nativas “não fazem nenhum esforço no sentido de se fazerem atraentes para seus homens”.⁷⁷ Tal constatação decorre do fato de as selvagens viverem “totalmente nuas, como nasceram, com os longos cabelos na altura das costas”.⁷⁸

Pouco mais de quatro décadas após o relato de seu conterrâneo, o poeta e escritor inglês Richard Flecknoe, de passagem pela Baía de Guanabara, região onde vagou por oito meses no ano de 1649, teceu considerações semelhantes a respeito da *repugnante* ausência de vestimentas nos povos da América, os quais descreve como uma “gente que não possui inteligência o bastante para cultivar vícios engenhosos nem temperança suficiente para evitar os mais brutais”.⁷⁹ Nas palavras do bretão, autor do pouco conhecido *Relation of Ten Years Travells in Europe, Asia, Affrique, and America*,⁸⁰ “tanto os homens como as mulheres andam geralmente nus, usando apenas um pequeno trapo para esconder as partes genitais – o que, de resto, ninguém desejaria ver, já que aquilo que está à mostra é bastante repugnante”.⁸¹

⁷⁵ Ver nota 38.

⁷⁶ **Nota sobre a obra:** As informações coletadas pelo britânico foram impressas pelos editores londrinos em 1614, num livreto de 20 folhas. Os apontamentos do prisioneiro inglês, contudo, não chamaram a atenção dos leitores europeus. O *A true relation of the travels and most miserable captivity of William Davies* não foi reeditado nem foi vertido para nenhum outro idioma no período. A relação de Davies seria reimpressa apenas no século seguinte, em 1746, como parte do *Travels and Voyages*, coleção organizada por Thomas Osborne e publicada entre os anos de 1745 e 1747.

⁷⁷ DAVIES, William. *A true relation of the travels and most miserable captivity of William Davies*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 354.

⁷⁸ Ibidem, loc. cit.

⁷⁹ FLECKNOE, Richard. *A relation of ten years travels in Europe, Asia, Affrique, and America...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 49.

⁸⁰ **Nota sobre a obra:** O *Relation of Ten Years Travells in Europe, Asia, Affrique, and America*, livreto contendo as observações do vate inglês, conheceu apenas uma edição, prensada em 1656 na cidade de Londres e paga às custas do próprio autor.

⁸¹ FLECKNOE, Richard. op. cit. p. 49.

1.3 – A lascívia americana

Aspecto do *modus vivendi* ameríndio também muito mencionado pelos homens que se aventuravam pelas ainda incógnitas terras do Novo Mundo nos primeiros séculos de colonização foi a sensualidade exacerbada dos nativos da América portuguesa.

O demasiado apreço dos naturais do país pelos contatos carnavais, inclusive, dificultava a atuação dos missionários – vários religiosos o mencionaram em suas correspondências.⁸² Missionário em terras do sertão do São Francisco, onde passou dois anos catequizando índios cariris no último quartel do Seiscentos,⁸³ o capuchinho francês Martin de Nantes, em uma de suas duas relações endereçadas aos seus superiores de ordem, fazia menção aos conhecimentos e virtudes necessárias àqueles que se aventurassem na conversão dos gentios. Além do conhecimento da língua, pois senão seriam apenas “bárbaros diante de bárbaros”, de possuírem “uma grande caridade”, para suportarem “tantas imperfeições, grosserias e ingratidões” – “a ingratidão é filha da bestialidade”, atenta Martin –, de terem “um grande desinteresse pessoal em face das coisas temporais e um grande devotamento”, era necessário aos interessados em participar da conversão dos selvagens “um grande amor à castidade”.⁸⁴ A última das qualidades essenciais ao missionário virtuoso, esse *grande amor à castidade* de que fala Martin, mostrava-se essencial aos colegas de ordem que por ventura se aventurassem por esses cantos “por causa das solicitações perigosas”⁸⁵ das nativas. Não são poucas as índias, alerta o capuchinho, “que se oferecem aos homens para o mal se neles perceberem qualquer fraqueza ou se podem esperar algum proveito, pois que não têm nem vergonha

⁸² A concupiscência ameríndia, constante nas primeiras descrições da colônia portuguesa nos trópicos, foi tema abordado em diversas correspondências religiosas escritas em diversas línguas. O conhecido Padre José de Anchieta comenta, por exemplo, em uma de suas primeiras missivas, a fuga de dois futuros padres que segundo o religioso “estavam tentados do espírito de fornicção”. Buscando compreender o episódio, Anchieta explica que existem muitas ameaças aos espíritos cristãos “onde as mulheres andam nuas e não sabem se negar a ninguém, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se com eles nas redes porque têm por honra dormir com os Cristãos”. Frei Vicente de Salvador, assim como seu companheiro de Fé, também atribui ao erotismo e à sensibilidade das nativas a perdição de alguns missionários. A tentação em quebrar o voto de castidade foi também matéria tratada em uma missiva do Padre Antônio Rocha. Este, desde que havia chegado ao Espírito Santo, constantemente sentia-se acometido por vários “estímulos gravíssimos”. Cf. RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**. A representação do índio de Caminha a Vieira. São Paulo/Rio de Janeiro, Edusp/Fapesp/Jorge Zahar, 1996, p. 119.

⁸³ A passagem de Martin de Nantes pela colônia portuguesa não se restringe ao biênio passado no sertão do São Francisco. O missionário teria passado cerca de quinze anos em terras Brasileiras (entre 1671 e 1686). Além de pregador, o religioso teria ocupado o cargo de superior do hospício da Penha, em Pernambuco, e teria também dado início ao conhecido convento da Piedade na Bahia. Cf. SOBRINHO, Barbosa Lima. *Introdução*, In: NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. XIII.

⁸⁴ NANTES, Martinho de. op. cit., p. 43.

⁸⁵ Ibidem, loc. cit.

natural, nem temor de Deus”⁸⁶. “Sendo os índios extremamente frágeis”⁸⁷ moralmente, continua, deveria o missionário tomar a respeito “muitas precauções” para não sucumbir aos deleites nativos.

O religioso francês, contudo, teve o cuidado não apenas de alertar seus companheiros de batina acerca da libertinagem americana, mas, também, de ilustrar o cenário pouco casto encontrado por aqueles que eventualmente viessem a desembarcar na costa brasileira. Malgrado o intento de “não ferir almas castas que pudessem ler”⁸⁸ sua *Relação de uma missão no Rio São Francisco*,⁸⁹ o capuchinho não se escusou de redigir ao menos uma ou outra breve nota enfatizando as práticas eróticas censuráveis dos ameríndios. Antes de relatar os conflitos com Francisco Dias D’Ávila,⁹⁰ dono de terras na região responsável por capturar dezenas de nativos e armar saques às tribos do lugar, o religioso francês escreve sobre as funestas consequências dos maus hábitos de seus catequisados. Em festins “quase sempre impudicos”,⁹¹ os selvagens das redondezas praticavam o “adultério” em demasia, ao que, todavia, não davam a menor importância. “Como são extremamente embrutecidos e, como a sua nudez lhes fizera perder o pudor natural”, atenta o estrangeiro, “não há tipo de desregramento contra a pudicícia que não cometam, alguns em idades tão tenras que poderia parecer incrível”.⁹² A devassidão dos pupilos, inclusive, aterrorizou o missionário. “Numa palavra”, resume Martin, “era uma desordem assustadora”.⁹³

As passagens indecorosas descritas por Martin já eram, no entanto, demasiadamente célebres na literatura de viagem no tempo em que o religioso percorrera o nordeste brasileiro, onde “não trabalhou senão na conversão de pobres selvagens”.⁹⁴ Desde os primeiros registros sobre a América, muitas páginas estrangeiras se dedicaram a ilustrar e esmiuçar o comportamento lascivo dos naturais americanos.

⁸⁶ NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, pp. 43-44.

⁸⁷ Ibidem, p. 43.

⁸⁸ Ibidem, p. 6.

⁸⁹ **Nota sobre a obra**: A *Relation succinte et sincere de la mission du père Martin de Nantes, prédicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brezil parmy les Indiens appellés Cariris* deu às prensas em 1706 na cidade de Paris. A obra contém duas relações, uma primeira escrita por anseio próprio, cunhada em 1687 logo após seu retorno ao continente europeu, e uma segunda, produzida graças aos constantes pedidos de seus superiores de ordem, meses antes da obra ir às prensas.

⁹⁰ Informativo artigo acerca dessa disputa entre o missionário e o dono de terras foi escrito por Guilherme Studart, o barão de Studart. Ver: STUDART, Guilherme. O Padre Martin de Nantes e o Coronel Dias d’Ávila, **Revista da Academia Cearense**, 1902, pp. 41-55.

⁹¹ NANTES, Martinho de. op. cit., p. 6.

⁹² Ibidem, loc. cit.

⁹³ Ibidem, loc. cit.

⁹⁴ Ibidem, p. XXIII.

Já na alvorada do Quinhentos, o citado Américo Vespúcio, em uma de suas apreciadas missivas, mencionou a concupiscência que reinava soberana entre os naturais das novas terras. Estes, à mercê de seus impulsos e de seus instintos quase animais, vivendo “segundo a natureza” e podendo “ser considerados antes epicuristas do que estoicos”,⁹⁵ mantinham relações íntimas mesmo com os parentes mais próximos. “O filho copula com a mãe; o irmão, com a irmã; e o primo, com a prima”⁹⁶ explica o viajante, dando a conhecer ao seu destinatário na Europa o espetáculo libertino com o qual se deparou ao aportar nestas novas terras.

Nessa paisagem devassa, foram as nativas as merecedoras da maior atenção de Vespúcio.⁹⁷ Em outra carta, datada de 1506, a fim de poupar “por pudor” o nobre Médici das atrozidades praticadas pelas indígenas para satisfazerem “sua libido insaciável”, o navegador florentino contenta-se apenas em dizer que os índios “são pouco ciumentos, mas sumamente libidinosos, *mais as mulheres que os homens*”.⁹⁸ O viajante, aliás, alude ser tamanha a perversão das mulheres do lugar que logo faziam eunucos seus parceiros.

Na realidade, as mulheres deles, como são libidinosas, fazem intumescer as virilhas dos maridos com tanta crassidão que parecem disformes e torpes; isto por algum artifício e mordedura de alguns animais venenosos. Por causa

⁹⁵ VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo** - As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, p. 74.

⁹⁶ Ibidem, p. 10.

⁹⁷ A relação entre a ausência de vestes e a sexualidade exacerbada dos nativos aparece de forma constante nas narrativas de viagens. Claude d’Abbeville, no entanto, acredita serem os gestos, olhares e atos das mulheres europeias mais convidativos do que a nudez das americanas. Eis o que assinala o francês: “Pensam muitos ser coisa detestável ver esse povo nu, e perigoso viver entre as índias, porquanto a nudez das mulheres e raparigas não pode deixar de constituir um objeto de atração, capaz de jogar quem as contempla no princípio do pecado. Em verdade, tal costume é horrível, desonesto e brutal, porém o perigo é mais aparente do que real, e bem menos perigoso é ver a nudez das índias que os atributos lúbricos das mundanas da França. São as índias tão modestas e discretas em sua nudez, que nelas não se notam movimentos, gestos, palavras, atos ou coisa alguma ofensiva ao olhar de quem as observa; ademais, muito ciosas da honestidade no casamento, nada fazem em público suscetível de causar escândalo. Se tivermos ainda em conta a deformidade habitual, até certo ponto repugnante, concluiremos que essa nudez não é em si atraente, ao contrário dos requebros, lubricidades e invenções das mulheres de nossa terra, que dão origem a maior número de pecados mortais e arruinam mais almas do que as índias com sua nudez brutal ou desprezível”. ABBEVILLE, Claude d’. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 216. O compatriota de Abbeville, Jean de Léry, já havia constatado o mesmo meio século antes. De acordo com seu testemunho: “quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese as opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postigos, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre-saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras em formosura”. LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 121.

⁹⁸ VESPÚCIO, Américo. op. cit. p. 74. Grifos meus.

disso, muitos deles perdem as virilhas – que apodrecem por falta de cuidado – e se tornam eunucos.⁹⁹

Depravadas em demasia, as naturais das costas brasílicas não se contentavam em tentar unicamente os homens de suas tribos. Com o desembarque dos europeus, elas os procuravam tão logo pisavam em terra para *copular*. De acordo com Vespúcio, as mulheres destas remotas plagas “mostram-se muito desejosas de unir-se a nós”.¹⁰⁰ A insistência das ameríndias em arrebataram os exploradores era evidente e o navegador registrou-a mais de uma vez. Anos antes, nos parágrafos da supracitada *Mundus Novus*, o florentino já havia dissertado acerca deste anseio das formosas naturais do país em trocar carícias íntimas com os curiosos visitantes. Estas, “quando podiam juntar-se aos cristãos”, assinala o nauta, “impelidas pela forte libido, contaminavam e prostituíam toda pudicícia”.¹⁰¹

O forte apego dos nativos, em especial das mulheres,¹⁰² às práticas sensuais, aos impulsos carnavais e ao inconsequente e nefasto comportamento sexual despudorado não foi notado somente por Américo Vespúcio ou, em menor medida, por Martin de Nantes. Não era necessária perspicácia ou especial atenção aos detalhes para reparar os hábitos lascivos dos naturais americanos. A concupiscência nestes confins era notada sem qualquer esforço pelos estrangeiros – o transeunte copula com os que cruzam com ele, lembra o florentino.¹⁰³ A dar ouvidos aos visitantes, a sexualidade exacerbada das selvagens, *impelidas pela forte libido*, conforme destaca Vespúcio, esteve presente em todos os cantos deste Novo Mundo.

François Pyrard de Laval, percorrendo a costa brasileira mais de um século após a passagem do ilustre Vespúcio, engrossa o coro dos visitantes que testemunharam o comportamento lascivo reinante na colônia lusitana. Nas páginas do *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes Orientales...*, o marinheiro relata que os naturais do lugar “desconhecem [...] qualquer tipo de matrimônio, sendo a lascívia comum entre eles, *sobretudo por parte das mulheres, que são além da medida apreciadoras da luxúria*”.¹⁰⁴ Ainda segundo Laval, entre os povos de tão remotos lugares, “pode-se ter quantas mulheres se quiser e manter com elas

⁹⁹ VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo** - As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003, p. 41. Grifos meus.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 74.

¹⁰¹ Ibidem, p. 10.

¹⁰² Interessante estudo sobre a sensualidade exacerbada das nativas é o *Eva Tupinambá*, de Ronald Raminelli. Ver: RAMINELLI, Ronald. *Eva tupinambá*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

¹⁰³ VESPÚCIO, Américo. op. cit., p. 10.

¹⁰⁴ LAVAL, François Pyrard de. *Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...]*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 368. Grifos meus.

relações carnavais independente do parentesco, em público e sem qualquer pudor, *como verdadeiros animais selvagens*”.¹⁰⁵

1.4 – O *Pian*: castigo divino aos devassos americanos¹⁰⁶

Adotada, segundo os europeus, como prática corrente entre selvagens das terras brasílicas, a sexualidade excessiva por vezes resultava em males corporais. Não por acaso, as obras de autores quinhentistas estão repletas de páginas expondo as desagradáveis consequências experimentadas pelos nativos – e mesmo pelos seus conterrâneos – em virtude de condutas pouco respeitáveis.

O bem-sucedido *Singularidades da França Antártica* – obra escrita durante o ano de 1555, período em que Thevet acompanhou o senhor de Villegaignon na qualidade de capelão, e que conheceu significativo sucesso no século XVI¹⁰⁷ – dedica uma ou duas linhas de suas páginas a expor a ausência de pudor dos nativos e os males decorrentes de tais impudicícias. Depois de reprovar o execrável costume de ceder, sem maiores cerimônias, as filhas aos inimigos condenados em seus últimos dias de vida¹⁰⁸ ou a visitantes estrangeiros,¹⁰⁹ Thevet discorre acerca dos sintomas e das causas de um mal chamado entre os nativos de *piã* – a sífilis, conhecida também na época como *mal-francês*, termo, aliás, que gerou protestos por parte do casto religioso.¹¹⁰ O cosmógrafo de Henrique II salienta que a doença, causada por

¹⁰⁵ LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...]. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 368. Grifos meus.

¹⁰⁶ Durante a Época Moderna, os males corporais possuíam estreitas relações com os castigos divinos. De acordo com Mary Del Priore, “nos primeiros tempos da colonização, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina. Considerado um *pai* irado e terrível, Deus afligia os corpos com mazelas, na expectativa de que seus *filhos* se redimissem dos pecados cometidos, salvando, assim, suas almas. A enfermidade era vista por muitos pregadores, padres e também por médicos da época como um remédio salutar para os desregramentos do espírito. Nessa perspectiva, a doença nada mais era do que o justo castigo por infrações e infidelidades perpetradas pelos seres humanos.” DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 78.

¹⁰⁷ Ver nota 71.

¹⁰⁸ No capítulo que trata “de como esses bárbaros matam e devoram seus prisioneiros de guerra”, o religioso francês escreve que “cinco dias depois de sua chegada, entrega-se ao prisioneiro uma mulher, que pode ser até mesmo a filha daquele que o capturou! Ela está encarregada de prover todas as suas necessidades, inclusive a de fazer-lhe companhia na rede”. THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 131.

¹⁰⁹ Segundo Thevet, “antes de casar suas filhas, entregam-nas os pais ao primeiro que aparece, a troco de qualquer ninharia, especialmente aos cristãos que por ali passam, podendo estes fazer com elas o que quiserem”. Ibidem, p. 138.

¹¹⁰ Conforme anota o católico, “em vista de tudo isso, somos levados a crer que esta moléstia não seja de fato outra que não a famosa sífilis, tão comum hoje em dia na Europa e erroneamente atribuída aos franceses, como se os demais países não fossem sujeitos a contraí-la. Chamam-na, portanto, de *mal-francês*”. Adiante, Thevet

“certos abusos relacionados ao excesso de contatos carnavais entre homens e mulheres”, encontra na colônia lusitana terreno fértil para se alastrar, haja vista que a “população selvagem [do Brasil] é demasiadamente luxuriosa e carnal”.¹¹¹ Thevet, aliás, recomenda a moderação e o comedimento aos seus patrícios para que estes não sofram as dores e os incômodos da enfermidade americana, fatal aos estrangeiros. “Se algum cristão que vive na América mantiver relações carnavais com as índias, nem precisará sonhar em escapar do piã”,¹¹² adverte. Os viajantes europeus deveriam, inclusive, tomar maior precaução, uma vez que os destemperos no amor afligem “de modo especial as mulheres, que inventam e empregam todos os meios possíveis para arrastar o homem aos prazeres”.¹¹³

A mesma enfermidade, comum àqueles imoderados em suas paixões, mereceu exame em outra obra imputada a um dos participantes dos insucessos franceses na baía de Guanabara. Em obra intitulada *Viagem à Terra do Brasil*¹¹⁴ – cujo objetivo fundamental, conforme assevera o próprio autor em sua introdução, era desmentir os fatos inventados pelo *cosmógrafo oficial do rei*, bem como desmascarar seu desafeto, o cavaleiro de Villegaignon, *traidor dos protestantes* –, o calvinista Jean de Léry concorda com o “refinado mentiroso e imprudente caluniador”¹¹⁵ André Thevet ao menos em suas críticas dirigidas à sensualidade das mulheres americanas, que consentiam relações carnavais com qualquer um e sem cerimônia alguma, e à perigosa moléstia americana.

Da mesma maneira que seu desafeto católico, o *Montaigne dos viajantes*, conforme elogio de Sérgio Milliet na introdução à edição brasileira do *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*,¹¹⁶ legou-nos algumas escassas linhas a respeito do *pian* e, consequentemente, sobre a conduta desordenada dos gentios brasileiros. Em razão de gozarem das benesses de um clima salutar como poucos no mundo, pequeno era o número de doenças que afligiam os americanos. Estes não estavam, contudo, imunes aos males causados por suas destemperanças

sugere que “seria mais correto e razoável denominar-se esta moléstia de ‘mal-espanhol’, lembrando sua verdadeira origem, ao invés de outros nomes que se lhe queiram dar”. THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 147-148.

¹¹¹ Ibidem, p. 147.

¹¹² Ibidem, p. 148.

¹¹³ Ibidem, p. 147.

¹¹⁴ **Nota sobre a obra:** Impresso pela primeira vez em 1578 em La Rochelle, o relato de Jean de Léry rapidamente chamou a atenção dos editores europeus, em especial dos genebrinos. Já em 1580, as observações do protestante foram reeditadas por Antoine Chuppin, na cidade de Genebra, e meia década depois, aos cuidados do mesmo editor, a obra foi reeditada uma segunda vez em versão ampliada. Ainda no século XVI, o relato foi publicado por mais três vezes em língua francesa: em 1599 e em 1600, pelos herdeiros de Eustache Vignon – responsável por verter o livro para o latim – e em 1611 em edição dedicada à princesa de Orange, por Jean Vignon. A tradução latina não demorou muito a ser lançada e foi publicada, novamente em Genebra, por Eustache Vignon, em 1586. Vignon, aliás, seria o responsável pela reedição da obra em latim, em 1594. O relato do religioso francês foi traduzido também para o alemão ainda no Quinhentos, em 1596.

¹¹⁵ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 6.

¹¹⁶ Ibidem, p. XVIII.

sexuais. “Além das febres e doenças comuns”, às quais graças aos bons ares do país estavam menos sujeitos do que os europeus, os americanos sofriam “de uma moléstia incurável denominada *pian*”.¹¹⁷ Este mal, desprazer companheiro daqueles que se poluem em obscenidades – a terrível mazela “tem por causa a luxúria”,¹¹⁸ esclarece o missionário –, incomodava ordinariamente os nativos. “Transformando-se o mal em pústulas mais grossas do que o polegar, que se espalham por todo o corpo”, os desafortunados que o contraem carregam consigo “marcas que se conservam durante a vida toda”, do mesmo modo como no continente europeu acontecia “aos engalicados e cancerosos que se contagiaram na torpeza e na impudícia”.¹¹⁹

Não pensemos, entretanto, que contraíam a doença somente os naturais do país. Todos aqueles que ousassem tentar contra as normas castas estariam propensos às dores decorrentes dos insólitos prazeres. Demasiadamente dolorosa e irremediável, “a moléstia mais perigosa do Brasil”,¹²⁰ conforme atenta Léry, castigava inclusive os viajantes provenientes do velho mundo, assíduos frequentadores das convidativas redes nativas.

Com efeito, vi nesse país um intérprete natural de Ruão que, tendo chafurdado na obscenidade com as raparigas da terra, recebeu tão amplo e merecido salário que tinha o corpo coberto de *pians* e o rosto desfigurado a ponto de parecer com um desses leprosos em quem as cicatrizes se tornam indelévels.¹²¹

O diretor da França Equinocial, um capuchinho francês de nome Yves D’Evreux que, entre os anos de 1614 e 1615 coordenou as ações dos novos colonizadores na Ilha do Maranhão, examinou, também, mais detalhadamente, aliás, que seus compatriotas anteriores, o *pian*. Doença atroz que vem acompanhada “internamente e externamente [...] de cruéis dores, e de incrível putrefação, das quais muitos morrem”,¹²² o *pian* fez notável número de vítimas entre os franceses, que volta e meia se aproveitavam dos favores concedidos pelas nativas. Desse modo, o religioso aconselha aos eventuais servos da coroa francesa contraentes do referido mal “que chega *acidentalmente*”¹²³ a curarem-se “perfeitamente antes de regressar ao seu país, porque não há remédio no mundo, exceto no Brasil, que cure, a não ser o

¹¹⁷ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 193.

¹¹⁸ Ibidem, loc. cit.

¹¹⁹ Ibidem, loc. cit.

¹²⁰ Ibidem, loc. cit.

¹²¹ Ibidem, loc. cit.

¹²² ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929, p. 162.

¹²³ Ibidem, loc. cit. Grifos meus.

ruibarbo comum, isto é, a *morte*, que cura todos os males”.¹²⁴ O *pian* ataca os franceses, segundo o missionário, assim como o chamado *Mal de Nápoles*, “por excessiva comunicação com as raparigas indígenas”.¹²⁵ Para evitá-lo, sugere D’Evreux, “convém a vida casta, [...] que tragam suas mulheres” da Europa, ou ainda

que se casem com as índias cristãs, visto ser o casamento poderoso antídoto contra tal veneno, o que se observa mesmo no casamento natural dos índios, os quais não sofrem o grande mal, se não o tem adquirido algures, e sim o pequeno, que todos sofrem na vida, semelhante à *syphilis* e à varíola na Europa.¹²⁶

E, mostrando aos futuros pecadores o sofrimento que os aguarda, não somente pelas relações ilícitas com as jovens nativas, que acarretam o funesto mal, mas também por seduzir as ingênuas brasílicas e impedir a conversão destas, o religioso adverte:

Esta boubá grande excede em dor e sordidez, sem comparação, ao mal de Nápoles, e com razão, porque merece ser punido nesta vida o pecado, que cometem os franceses com as Índias, arrebatando de nossas mãos, estas infelizes almas quando pretendíamos salvá-las, se com seus maus exemplos não as conduzissem às fornalhas da lubricidade. Meditem bem os que são capazes de cometerem tais crimes, na conta que darão a Deus por haverem causado o dano e a perda destas pobres almas indígenas. Se a vida eterna é somente concedida aos que buscam a salvação de outrem, que lugar esperarão os que, para satisfação de brutais desejos, seduzem essas pobres criaturas a ponto de fazê-las desprezar as prédicas do Evangelho e a sua própria salvação? [...] Por um momento de prazer sofrem mil dores, e o que para os bons é veneno para eles é carne saudável, embora de mau gosto. É costume deste astuto Boticário Satanás untar a borda do copo com mel ou açúcar para se beber de um só trago o veneno, que depois vai roer e encher de dor as entranhas: quero dizer, que ao pecador apresenta o prazer, e não o seu castigo, e bem depressa experimenta o desgraçado que o prazer voa, porém, a dor é eterna.¹²⁷

Os missionários franceses traziam em sua carne a culpa e a vergonha decorrentes dos infames prazeres conseguidos junto às nativas, servindo de exemplo aos próximos cristãos que desembarcassem na costa brasileira. As marcas deixadas no corpo pela atroz doença lembravam a todos as consequências dos comportamentos inapropriados. As menções à terrível moléstia sugerem, ao mesmo tempo, o costumeiro relacionamento entre os missionários franceses e as jovens dos trópicos e a forte inclinação das nativas aos prazeres

¹²⁴ ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929, p. 162. Grifos meus.

¹²⁵ Ibidem, loc. cit.

¹²⁶ Ibidem, loc. cit.

¹²⁷ Ibidem, p. 162-163.

eróticos. Os corpos das naturais do país apresentavam-se dispostos aos mareantes, privados da companhia de mulheres por conta dos longos meses em alto mar. A bem da verdade, a se ter em conta as narrativas de viagens, não era raro que as naturais do país se jogassem nos braços dos filhos do velho mundo sem qualquer acanhamento ou cerimônia – os próprios religiosos sofreram os inconvenientes de tais avanços.¹²⁸ O amor desordenado e a libido excessiva parecem atributos comuns às mulheres destas terras, caracteres próprios da sua natureza. Neste sentido, em acordo com os missionários a pouco mencionados, escreve D’Evreux que “os selvagens do Maranhão são impudicos extraordinariamente, *mais as raparigas do que quaisquer outros*”.¹²⁹

Aliás, após elaborar uma “classe de idades” em que analisa e especifica o *modus vivendi* das mulheres silvícolas em cada fase da vida, principalmente no que concerne às paixões carnavais,¹³⁰ o diretor da missão francesa não se surpreende com a aparência desagradável que apresentam estas ao final da vida. “Nem me atrevo a dizer o que elas são, o que vi e observei”¹³¹ adverte o francês. A decadência física das nativas, sua aparência torpe e desagradável, é atribuída pelo religioso ao desregramento sexual e moral de longos anos. A esse respeito, o capuchinho é claro:

Não quero demorar-me muito nesta matéria, e concluo dizendo que a recompensa dada neste mundo à pureza é a incorruptibilidade e inteireza acompanhada de bom cheiro, mui bem representadas nas letras santas pela flor do lírio puro, inteiro e cheiroso.¹³²

Ao contrário do que ocorria com as naturais do país, os homens das tribos maranhenses, com o passar da idade, continuavam bem afeiçoados e fortes e eram, com frequência, os membros mais reverenciados entre os silvícolas. As selvagens “não guardam asseio algum quanto atingem a idade da decrepitude”, salienta D’Evreux. “Entre os velhos e velhas”, continua, “nota-se a diferença de serem os velhos veneráveis e apresentarem gravidade e autoridade, e as velhas encolhidas e enrugadas como pergaminho exposto ao fogo”.¹³³

Tão elevado quanto o número de testemunhos que mencionam o despudor das americanas são as menções aos filhos do velho mundo que se deixaram levar pelos encantos

¹²⁸ Ver nota 82.

¹²⁹ ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929, p. 124. Grifos meus.

¹³⁰ A classe de idades desenvolvida pelo religioso pode ser vista em: ÉVREUX, Ivo de. op. cit. pp. 127-139.

¹³¹ Ibidem, p. 139.

¹³² Ibidem, loc. cit.

¹³³ Ibidem, p. 149.

das naturais do país. Já passamos os olhos sobre a denúncia de Jean de Léry. Observamos, também, as advertências legadas por Yves D'Evreux aos patrícios seus que pudessem vir a explorar o novo continente. Tais conselhos indicam não apenas a clara preocupação do religioso com a saúde dos servos da coroa francesa, o que aumentaria consideravelmente as chances de a empresa colonizadora obter sucesso, mas demonstram também a pouca recusa destes aos convites das nativas. As recomendações de D'Evreux sugerem a preocupação das autoridades francesas com o comportamento de seus subordinados. Admoestações necessárias, dada a grande quantidade de homens que se deixaram levar pela sensualidade das naturais do país. Aliás, houve mesmo aqueles marinheiros que, entorpecidos pelos afáveis mimos das mulheres da terra, justificavam suas condutas inadequadas nas próprias *escrituras sagradas*. O condutor da França Equinocial relembra um destes casos:

A propósito, dizia um capitão francês, não da nossa gente e pouco crente, que o Papa não tinha poder sobre o mar, porque Deus havia dito a São Pedro que seu poder estendia-se somente sobre a terra, e por isso todos os que passam o mar em busca destas terras não são mais sujeitos aos mandamentos da Igreja, podendo mui livremente tomar uma rapariga por concubina. [...] Conto isto para mostrar quanto são perigosos esses países às almas que tudo envenenam.¹³⁴

Da mesma leva dos escritos do encarregado da segunda missão capuchinha na América portuguesa, o testemunho do companheiro de fé de Yves D'Evreux, Claude d'Abbeville, sugere a frequência dos intercursos sexuais entre as jovens do Novo Mundo e os homens do velho continente. Tão regulares eram os relacionamentos que foi necessário, por parte dos diretores da missão francesa, coibir tais práticas com rigorosos castigos. Em documento intitulado *Leis Fundamentais da Colônia da França Equinocial*, citado e comentado por Abbeville em sua obra e assinado no dia 1º de novembro de 1612 por Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, e François de Razilly, senhor de Razilly e Aunelles, os comandantes da empreitada francesa estabeleceram, dentre as leis da nova colônia de Luís XIII, dois parágrafos em que revelam a sua preocupação com os desregramentos libidinosos entre missionários e nativas:

Ordenamos que não se cometa adultério, por amor ou violência, com as mulheres dos índios, sob pena de morte, pois seria isso não só a ruína da alma do criminoso, mas também a da colônia; igualmente ordenamos, sob idêntica pena, que não se violentem as mulheres solteiras;

¹³⁴ ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929, p. 156-157.

Ordenamos que se não pratiquem quaisquer atos desonestos com as filhas dos índios, sob pena, da primeira vez, de servir o delinquente como escravo na colônia por espaço de um mês; da segunda de trazer ferros aos pés por dois meses; da terceira de ser conduzido à nossa presença para o castigo que julgarmos justo.¹³⁵

Na outra França, a Antártica, mais de meio século antes, procedimentos coercitivos semelhantes já haviam sido implantados pelos diretores do empreendimento para combater o relacionamento entre os servos da coroa francesa e as naturais do país. Tais reprimendas foram comentadas por André Thevet:

Com o fito de evitar este abuso – [as relações entre os missionários e as nativas] –, logo ao chegarmos [na baía de Guanabara] fomos proibidos pelo Senhor de Villegaignon, sob pena de morte, de nos amancebarmos com as nativas, coisa que, além do mais, é vedada a qualquer cristão.¹³⁶

Elevado foi o número de visitantes europeus que se aproveitaram deste cenário nativo de liberdade e lubricidade para ter relações com as desinibidas mulheres dos trópicos. Jean de Léry foi outro viajante que se valeu de suas páginas para bradar contra esses impudicos – sobretudo os missionários – que se deixavam levar pelos encantos das naturais da colônia. Os intérpretes normandos, que serviam de tradutores aos missionários da França Antártica, esbaldavam-se com as jovens nativas. “Antes da nossa chegada ao Brasil”, anota o pastor protestante, “os intérpretes normandos abusavam das raparigas em muitas aldeias”.¹³⁷ Não por acaso, Léry explica que, o senhor de Villegaignon, depois de se reunir com o conselho da missão, proibiu, sob pena de morte, qualquer cristão de ter maiores intimidades com as nativas a menos que fossem estas batizadas e instruídas na religião cristã.¹³⁸ Tal interdição, entretanto, não surtiu o efeito esperado. A dar ouvidos aos rumores que circulavam na época, o próprio diretor do empreendimento – responsável por dar o exemplo e guiar os missionários pelo árduo caminho da sobriedade, da temperança e da castidade – fraquejou frente às contínuas investidas das naturais do país. Embora faça questão de assinalar o controle e o comprometimento dos servos da coroa francesa para com as ordens expedidas pelo conselho da missão – “durante todo o tempo que lá estive não vi francês algum tomar mulher

¹³⁵ ABBEVILLE, Claude d'. **Historia da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 128.

¹³⁶ THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1978, p. 137.

¹³⁷ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 174.

¹³⁸ Ibidem, p. 60.

selvagem”,¹³⁹ frisa Léry –, logo após regressar à Europa, o calvinista ouviu boatos de que o próprio cavaleiro da Ordem de Malta “se poluía na América com mulheres selvagens”.¹⁴⁰

Após meses de confinamento nas embarcações, longe das carícias das esposas ou cortesãs e distante muitas léguas do rigoroso policiamento religioso vigente no velho continente, o amancebamento com as mulheres americanas mostrava-se bastante atrativo aos aventureiros europeus. O *casamento* existia por estas bandas, mas não era válido perante Deus. A prática era vista muito mais como uma forma de aliança pelos nativos do que como compromisso religioso.¹⁴¹ Não eram raros, inclusive, os chefes de aldeias que faziam gosto em fazer de suas filhas *esposas* dos bravos estrangeiros. Além disso, as recriminações, as punições ou a vigilância a estes relacionamentos desgostosos e impróprios eram raras, quando existiam. A não ser pelos esforços dos diretores das duas empresas colonizadoras francesas – a França Antártica e a França Equinocial – e do conde Maurício de Nassau, durante a ocupação neerlandesa no nordeste brasileiro¹⁴² os exploradores europeus conheciam poucas imposições morais quando em solo americano. O fato é que, fora os prazeres da carne e os momentos de distração nas redes das selvagens, escassos eram os divertimentos que as terras americanas propiciavam aos missionários e aventureiros.

Tão numerosos e atraentes eram os regalos oferecidos pelos trópicos que muitos destes visitantes, com o passar do tempo, pareciam enraizar-se nas terras americanas, abraçando os hábitos autóctones como filhos da terra.¹⁴³ Esse parece ser o caso relatado por Léry, em que os mencionados tradutores normandos, residindo já há vários anos sob os trópicos, “tanto se acostumaram aos costumes bestiais dos selvagens que, vivendo como ateus, [...] se poluíam em toda espécie de impudícias com as mulheres selvagens”.¹⁴⁴ O religioso francês tomou conhecimento também de um rapazote deveras aclimatado aos costumes americanos que, aos

¹³⁹ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 60.

¹⁴⁰ Ibidem, p.61.

¹⁴¹ Florestan Fernandes considera algumas formas dos “casamentos” entre os nativos brasileiros, em particular entre os Tupis, como formas de renovar e aumentar as alianças entre parentelas distintas, preservando, assim, a “solidariedade baseada nos laços de parentesco”. FERNANDES, Florestan. Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, tomo II, v. 1, 1965, p. 88-89.

¹⁴² Veremos brevemente os cuidados tomados por Nassau nas primeiras páginas do capítulo 2.

¹⁴³ Os casos mais conhecidos de europeus aclimatados à vida selvagem dos indígenas são, sem dúvida, os de Diogo Álvares, o *caramuru*, e João Ramalho. Ambos deram à terra do Brasil em decorrência de naufrágios e os dois, da mesma maneira, estabeleceram-se como lideranças entre os indígenas, desposando as descendentes dos chefes das tribos em que se instalaram. Cf. GIUCCI, Guillermo. **Sem Fé, Lei ou Rei: Brasil 1500-1532**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, pp. 162-205. Outros europeus, contudo, também abraçaram os costumes autóctones. São conhecidos vários casos de cristãos que incorporaram os costumes nativos “casando poligamicamente com índias, matando inimigos em terreiro, tomando nomes cerimonialmente, e mesmo comendo gente”. CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 207.

¹⁴⁴ LÉRY, Jean de. op. cit. p. 153.

13 anos, já se fazia valer da libidinagem das nativas e, mesmo em tão tenra idade “copulava com mulheres” brasílicas.¹⁴⁵

Desde os primeiros testemunhos, como se vê, a colônia portuguesa foi retratada como uma porção de terra habitada por homens e mulheres demasiadamente luxuriosos. Os nativos, levados por seus instintos primitivos, mostravam-se descomedidamente inclinados aos prazeres da carne, e seus excessos libidinosos mereceram destaque em dezenas de narrativas de viagens. As páginas estrangeiras, aliás, reforçaram diversas vezes serem as mulheres selvagens mais inclinadas à voluptuosidade do que os homens. O número de europeus que sucumbiram frente aos mimos e afagos das naturais do país não é nada desprezível. Muitos, inclusive, contraíram a terrível mazela que assolava os dissolutos americanos: o *pian*.

1.5 – O desconhecimento do pecado

Intrigados com a lubricidade peculiar aos naturais do continente, alguns missionários e aventureiros europeus do período puseram-se a refletir sobre suas causas. Entre novembro de 1555 e janeiro do ano seguinte, o afamado André Thevet pôde verificar de perto o comportamento lascivo dos naturais da baía de Guanabara. Diante de tantas barbaridades, descritas em minúcias no seu *Singularidades...*, o francês dissertou brevemente acerca das causas de tamanhas perversidades. Na opinião do missionário, tais indecências proviriam da ignorância do *conhecimento verdadeiro*. Quando de sua visita ao litoral sudeste, Thevet explica que, salvo pelos cristãos que se estabeleceram por aquelas bandas após a chegada de Vespúcio, aquela distante terra “era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens”.¹⁴⁶ Essa exótica gente, “sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza”¹⁴⁷, aguardava o dia em que o contato com os cristãos lhe extirpasse essa brutalidade natural. Os naturais viviam em constante corrupção, pois ignoravam as luzes da verdade:¹⁴⁸

É coisa digna da maior comiseração o fato de existirem criaturas que, embora racionais, vivam como animais. Só podemos concluir que esta brutalidade seria uma herança trazida do ventre materno, e que nela teríamos

¹⁴⁵ LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972, p. 153.

¹⁴⁶ THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 98.

¹⁴⁷ Ibidem, p. loc. cit.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 135.

permanecido se Deus não tivesse, com sua bondade, iluminado nossos espíritos.¹⁴⁹

Diante disso, haveria salvação para os silvícolas americanos. A selvageria e a bruteza desses povos poderiam ser erradicadas com a tomada de consciência do pecado. Os próprios europeus haviam assim procedido, segundo Thevet. Por conseguinte, tal como o ocorrido nas nações civilizadas, bastaria a instrução nos ensinamentos de Cristo para que os nativos deixassem o estado licencioso em que se encontravam.

Argumentação semelhante seria elaborada por outro evangelizador a serviço da coroa francesa. Claude d'Abbeville, um dos missionários franceses da França Equinocial, percorreu a Ilha de Maranhão e suas circunvizinhanças com a nobre intenção de “espalhar a luz do Santo Evangelho”¹⁵⁰ às suas “pedras preciosas”¹⁵¹ – os nativos – e angariar novas almas para o reino dos céus e novos servos para Luís XIII.¹⁵² A empreitada evangelizadora, contudo, não alcançaria grandes resultados. Mal conduzidos pelo Senhor de La Ravardière e abandonados pelo monarca francês, Abbeville e seus parceiros de ordem não tiveram tempo hábil para levar as sagradas escrituras léguas adentro no *País dos Canibais* e o projeto caiu por terra três anos depois de seu início – o empreendimento francês começou em 1612 e terminou em 1615, com a derrota para os portugueses, liderados por Jerônimo de Albuquerque. Ainda assim, Abbeville conseguiu compor formidável obra aludindo ao período de pregação nos domínios portugueses. Sua *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Marignan et terres circonvoisines où est traicté des singularitez admirables & des moeurs merveilleuses des indiens habitants de ce pais* está repleta de parágrafos ilustrando a vida nativa e o árduo trabalho de conversão dos capuchinhos. No que tange aos vícios dos ameríndios, o relato do religioso traz valiosas informações acerca da nudez característica dos povos destas plagas. A ausência de vestes não gera nenhum desconforto aos selvagens, pois estes não têm o esclarecimento necessário – os ensinamentos de Cristo – para perceber o quão nefasto e prejudicial ao gênero humano é tal hábito. Abbeville, neste ponto, é bastante claro:

¹⁴⁹ THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 137.

¹⁵⁰ ABBEVILLE, Claude d'. L'Arrivée des pères capucins en l'Inde Nouvelle, appelée Maragnon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 382.

¹⁵¹ Ibidem, p. 381.

¹⁵² O nobre intento dos missionários franceses desde cedo se mostrou claro. “Diz e assevera-nos Nosso Senhor que seu Evangelho será pregado antes da consumação do mundo, *in omnes gentes*, a todos os povos, em todos os países e ilhas habitadas no mar ou fora do mar, e tanto aquém como além da linha equinocial”. Idem. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 14.

Segundo as Escrituras, logo que os nossos primeiros pais comeram o fruto proibido, abriram-se os seus olhos e eles perceberam que estavam nus e lançaram mão de folhas de figueira para cobrir a nudez de que se pejavam. Como se explica que os tupinambás, compartilhando a culpa de Adão e sendo herdeiros de seu pecado, não tenham herdado também a vergonha, consequência do pecado, como ocorreu com todas as nações do mundo? Pode-se alegar, em sua defesa, que em virtude de ser velho costume seu viverem nus, já não sentem pudor ou vergonha de mostrar o corpo descoberto e o mostram com a mesma naturalidade de nós as mãos. Eu direi entretanto que nossos pais só sentiram a vergonha e ocultaram sua nudez quando abriram os olhos, isto é, quando tiveram conhecimento do pecado e perceberam que estavam despidos do belo manto da justiça original. A vergonha provém, com efeito, da consciência da malícia do vício ou do pecado, e esta resulta do conhecimento da lei. *Peccatum non cognovi*, diz S. Paulo, *nisi per legem*. Como os maranhenses jamais tiveram conhecimento da lei, não podiam ter, tampouco, consciência da malícia do vício e do pecado; continuam com os olhos fechados em meio às mais profundas trevas do paganismo. Donde não terem vergonha de andar nus, sem nenhuma espécie de vestimenta para esconder a nudez.¹⁵³

Baseando-se, assim, nas palavras do apóstolo Paulo, o capuchinho conclama seus superiores a compreenderem o vicioso estado em que se encontravam os indígenas. Estes não possuíam consciência dos vícios e eram desconhecedores da ideia de pecado, por isso viviam na completa torpeza e impudicícia. Os nativos ainda vagavam no limbo da ignorância e era dever dos capuchinhos franceses servirem de tocha para as pobres almas, guiando-as através da escuridão até o conhecimento verdadeiro, único meio capaz de extirpar os hábitos rústicos e depravados dos silvícolas.

Outro visitante que dividiu seu tempo entre a conversão de almas cativas e a reflexão a respeito das causas da vida desregrada destes incrédulos foi Yves d'Evreux. O líder dos capuchinhos franceses no Maranhão foi, talvez, o viajante europeu que mais se empenhou em avaliar dos costumes dos naturais destes cantos. O religioso, ao longo dos dois anos em que socorreu as almas nativas no extremo norte da América portuguesa, coletou detalhadas informações sobre os costumes dos autóctones do Maranhão e os descreveu minuciosamente em seus escritos. Daí não causar espanto o fato de o missionário se dedicar em alguns parágrafos a indagar o porquê de tão controversa conduta.

Sugere d'Evreux que essas práticas estranhas e perversas, inimagináveis para um religioso europeu, se devem à ausência da verdadeira religião entre os nativos. Não conhecendo o verdadeiro Deus, os ameríndios continuam presos às falsas verdades, sublevados pelas trevas e cativos da ignorância – viciados porque incrédulos, insinua

¹⁵³ ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 216.

d'Evreux.¹⁵⁴ Embora descrevesse os tupinambás como “mais fáceis de serem civilizados do que os aldeões da França”,¹⁵⁵ o francês explica aos leitores que a exposição feita por ele de uma série de costumes perversos dos nativos da tribo, entre eles a prática de darem com “muita facilidade o que mais presam”, ou seja, “suas filhas e mulheres”, servia a uma única finalidade: “mostrar a cegueira das almas cativadas pelo *espírito imundo*, que não se descuida perdê-las por meio de suas traças”.¹⁵⁶ Eis o que diz o religioso:

Concordo que sejam estes povos inclinados pela natureza a muitos vícios, porém é necessário lembrar-nos, que eles são cativos por infidelidade destes espíritos rebeldes a Lei de Deus, e instigadores da sua transgressão.¹⁵⁷

Parecer semelhante ao oferecido por d'Evreux chegaria aos livreiros europeus quase um século mais tarde, através da pena do também religioso Martin de Nantes. Em 15 de fevereiro de 1671, dando continuidade ao trabalho realizado pela ordem dos capuchinhos na conversão dos nativos das possessões lusitanas, o Reverendo Padre Provincial Ange de Mamers despacha Martin, um de seus companheiros de hábito, primeiro para Lisboa e logo em seguida para Pernambuco, onde a ordem possuía um convento. Os dois anos pelejando pelo sertão nordestino renderam ao capuchinho uma série de páginas dando conta deste biênio de conversão nativa e, tal como seu compatriota e companheiro de batina havia feito quando de sua passagem pela Ilha do Maranhão, Martin examina as causas da conduta nativa e chega a conclusões semelhantes às de d'Evreux.

Embrutecidos pela carência dos pilares da fé cristã e pelo desconhecimento dos modos da vida civilizada, os cariris se assemelhavam aos animais. “Devemos admitir”, explica o padre, “que esses pobres índios, não tendo Fé, nem Lei, nem Rei, nem artes [...] estavam de tal modo embrutecidos, pela maneira de vida grosseira, fundada toda nos sentidos, que se pode dizer que não tinham senão a figura de homens e as ações de animais”.¹⁵⁸ E, conquanto “tivessem alguma forma de culto aos deuses, era tão ridículo e vergonhoso o culto quanto as coisas que adoravam”.¹⁵⁹ Em outro ponto de sua *Relação de uma missão no Rio São*

¹⁵⁴ ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929, p. 124.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 116.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 98. Grifos meus.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 123.

¹⁵⁸ NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. 4.

¹⁵⁹ Ibidem, loc. cit.

Francisco, quando tece “observações em torno de seus augúrios”, o padre Martin é mais contundente:

Não é de surpreender que esses índios, sem Fé, sem Leis, sem escrita e sem arte, hajam praticado desordens tão monstruosas, pois que nossa história nos ensina que nossos ancestrais, na cegueira do paganismo, também foram responsáveis por atitudes semelhantes, até mesmo em razão da religião que adotavam, conquanto tivessem todos os outros benefícios quanto à vida civil e moral. O demônio que eles adoravam nos ídolos não tinha prazer senão em afogá-los em todo o gênero de abominações. É preciso, pois, nos persuadirmos que tudo o que pode nascer de uma natureza corrompida, instigada pelo Demônio, encontra-se entre os índios, que antes de sua conversão são arrastados por essas ilusões.¹⁶⁰

As desordens de todos os tipos, as monstruosidades relatadas em um sem número de opúsculos, cartas e relações, as torpezas inimagináveis aos olhos dos civilizados europeus e toda a sorte de impudicícias que chocavam os leitores no velho continente derivariam, nas asserções do padre Martin, da ausência de religião e de civilidade. Os silvícolas americanos vagavam pelo mundo na cegueira do paganismo. Os próprios ancestrais europeus, antes de terem seus olhos abertos, viviam de modo sórdido e cometiam atitudes parecidas. Não bastassem a ausência de fé e o desconhecimento das sagradas escrituras, os naturais do país sofriam ainda com a influência do demônio que, iludindo-os, conduzia-lhes à destemperança.

Não era necessário, todavia, ser religioso de ofício para buscar nas influências do *espírito maligno* as causas das desordens repugnantes dos brasílicos. Tal como o padre Martin e o líder capuchinho d’Evreux, Zacharias Wagener, alemão nascido em Dresden em 1614, ressalta a maléfica influência do *espírito imundo* sobre os silvícolas americanos. A passagem do germânico pela *Nova Holanda* teve início em 1634, quando o jovem Zacharias entrou para as fileiras da Companhia das Índias Ocidentais na qualidade de soldado e embarcou para o Recife, sítio onde combateria por sete anos. Neste período, Wagener exerceu as funções de escrivão de despachos e despenseiro do conde Maurício de Nassau, com quem batalhou em diversas campanhas realizadas entre 1638 e 1639. Exímio ilustrador – antes de singrar para o nordeste brasileiro, o alemão havia trabalhado quase um ano com o conhecido editor e cartógrafo flamengo Wilhelm Janszoon Blaeu, que o abrigou em sua residência em Amsterdã –, o jovem alemão aproveitou a flora e a fauna riquíssimas do extremo norte da colônia lusitana para produzir uma série de belas aquarelas. Os dotes de desenhista do ex-despenseiro

¹⁶⁰ NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. 7.

de Nassau, todavia, não foram utilizados somente para registrar os animais, as flores e os frutos da América portuguesa; seus traços serviram também para esquadrihar os nativos do lugar. Mais do que isso, além de ilustrar os selvagens habitantes dos sítios percorridos – em seu *Thier Buch* há aquarelas do homem e da mulher brasileiros e tapuias, além de outros tipos do Brasil colonial, como o homem e a mulher negros, mulatos e mamelucas –, Wagener insere comentários pormenorizados em cada uma das aquarelas. O homem tapuia, por exemplo, explica o alemão, “é gente de todo cega e ignorante, nada sabendo de Deus nem de sua Divina Palavra”.¹⁶¹ Além disso, “honram, servem e adoram o demônio, com quem tem grande afinidade”.¹⁶² Há, inclusive, alguns entre eles “que trazem morcegos pendentes nas orelhas e são denominados *esconjugadores*”.¹⁶³ Estes, assinala Wagener,

se deixam muito voluntária e alegremente possuir e invadir pelo espírito maligno, e começam a proferir blasfêmias, profecias, mentiras e imposturas peçonhentas e sacrílegas, que, entretanto, são piamente acreditadas pelos parvos circunstantes.¹⁶⁴

Em resumo, de acordo com os depoimentos dos viajantes estrangeiros, as abominações cometidas pelos nativos americanos se deviam, antes de qualquer coisa, ao desconhecimento da palavra divina. Inocentes, os nativos não tinham ciência de seu estado. Lembremos, aqui, do julgamento de Claude d’Abbeville, enunciado no início do Seiscentos: como “jamais tiveram conhecimento da lei, não podiam ter, tampouco, consciência da malícia do vício e do pecado”.¹⁶⁵ Imersos na ignorância e na profunda escuridão do paganismo, além de não conhecerem as *sagradas escrituras* – saber essencial para adotar condutas virtuosas e gozar de seus benefícios terrenos e extraterrenos –, os ameríndios sofriam ainda com as influências do *espírito imundo*. Este, aproveitando-se da ignorância que os tornava peças vulneráveis às suas investidas, não enfrentava maiores dificuldades em arrebatá-los, tornando-os cativos de seus caprichos e instaurando, entre as sociedades americanas, os vícios e as corrupções de todas as ordens, inclusive o despudor e a libertinagem. O testemunho de Martin de Nantes é elucidativo a esse respeito: “é preciso, pois, nos persuadirmos,” salienta o capuchinho francês,

¹⁶¹ WAGENER, Zacharias. **Zoobiblion** – Livro de animais do Brasil. Trad. e comentário de Edgard de Cerqueira Falcão. São Paulo: Coleção Brasiliensia Documenta, 1964, p. 322.

¹⁶² Ibidem, loc. cit.

¹⁶³ Ibidem, loc. cit.

¹⁶⁴ Ibidem, loc. cit.

¹⁶⁵ ABBEVILLE, Claude d’. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 216.

de “que tudo o que pode nascer de uma natureza corrompida, instigada pelo Demônio, encontra-se entre os índios, que antes de sua conversão, são arrastados, por essas ilusões.”¹⁶⁶

¹⁶⁶ NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979, p. 7.

CAPÍTULO 2 DO CONTINENTE AMERICANO

2.1 – “Além da linha equinocial não se peca”¹⁶⁷

Em 1647, enquanto os conflitos entre portugueses e holandeses eclodiam em violentas batalhas pelo domínio da *Nova Holanda*¹⁶⁸ – o nordeste brasileiro –, vinha a lume em latim a *História dos feitos recentemente praticados no Brasil*, de Gaspar Barlaeus. O luxuoso e detalhado livro, encomendado por João Maurício de Nassau-Siegen e que teve boa repercussão na Europa,¹⁶⁹ revela que uma das objeções apresentadas pelos conselheiros contrários à ofensiva neerlandesa ao litoral nordestino fora a de que “os neerlandeses, afeitos ao trabalho e ao sofrimento, iriam corromper-se e embotar-se com o contágio dos deleites exóticos e com a ociosidade”.¹⁷⁰ A bondosa natureza da América, no entendimento dos empreendedores batavos, poderia encantar de tal forma os holandeses, tão “afeitos ao trabalho e ao sofrimento”, que os corromperia com sua comodidade e *deleites exóticos*. O temor dos administradores da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, para o desânimo de Barlaeus, se confirmara, pois tão rápida quanto a ascensão da respeitável armada flamenga sobre Salvador, que tomou a cidade de assalto em 9 de maio de 1624, foi sua queda.

As causas de vergonhoso fracasso, como já haviam pressagiado os membros contrários à ofensiva, encontravam-se, no entendimento de Barlaeus, relacionadas aos prazeres dos trópicos. Tão logo as naus militares holandesas fundeavam nos portos brasileiros, a natureza punha à disposição das tropas – famintas e exaustas após longos meses em alto mar – tudo aquilo que necessitavam para sobreviver, sem o mínimo esforço ou labor. Entretanto, maior influência para o fatídico resultado das hostes flamengas após a vitoriosa campanha na marcha à cidade de São Salvador tiveram as mulheres locais. Os soldados batavos recém-

¹⁶⁷ BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau**: História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange. Trad. e notas de Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 36.

¹⁶⁸ A bibliografia sobre o período de dominação holandesa no nordeste brasileiro é vasta. No entanto, o leitor interessado em um panorama geral da ocupação neerlandesa na colônia portuguesa pode consultar os clássicos estudos: BOXER, Charles Ralph. **Os holandeses no Brasil**: 1624 – 1654. Trad. Olivério Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961; MELLO, Evaldo Cabral de. **O negócio do Brasil**: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998; WÄTJEN, Hermann. **O domínio colonial holandês no Brasil** – Um capítulo da história colonial do século XVII. Trad. de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

¹⁶⁹ **Nota sobre a obra**: A obra do cronista, que teve como base documentos do próprio Maurício de Nassau e entrevistas realizadas com participantes da empresa holandesa, foi reimpressa mais duas vezes no século XVII, em 1660 e em 1689 em língua latina. A *História dos feitos recentemente praticados no Brasil* conheceu também uma tradução para o alemão, em 1659.

¹⁷⁰ BARLÉU, Gaspar. op. cit. pp. 32-33.

chegados das batalhas eram brindados com toda a voluptuosidade e sensualidade das naturais do país, capazes de corromper até mesmo os castos e rígidos neerlandeses. Ouçamos o que, em tom repreensivo, nos diz o insigne Barlaeus:

Os vencedores não se defenderam com a mesma coragem com que triunfaram. Efeminando-se e *entregando-se à licença, engolfaram-se em insólitos prazeres* tanto mais avidamente quanto mais bravamente se haviam portado. *Perdeu à lascívia a cidade ganha pelo valor* e fez para os nossos uma Canas desta Cápua voluptuosa, como outrora para Aníbal a Cápua da Itália. Enquanto se cuidava mais das delícias do que da utilidade, quebrantados, na ociosidade e na intemperança, os ânimos dos chefes e dos soldados, o espanhol recuperou a cidade com um rápido cerco, efetuado pelo general D. Fadrique de Toledo. *Vencidos os holandeses mais pelos vícios do que pelas armas*, voltaram para a sua terra inúteis à Companhia, vergonhosos para a Pátria, desprezados pelo inimigo, sofrendo, assim, o infamante castigo de seu desleixo e perfídia.¹⁷¹

Os holandeses foram vencidos *mais pelos vícios do que pelas armas*, assevera Barlaeus – leia-se aqui, na lamúria do historiador do Conde Maurício, vencidos mais pelas mulheres e seus encantos do que pelas espadas, mosquetes e canhões. Conhecedores destes perversos erros que custaram à Companhia volumosa soma em investimentos e, principalmente, a prodigiosa cidade de Salvador, os comandantes em campo não permitiram, quando da invasão de Pernambuco, que o comportamento condenável de suas tropas se repetisse e ocasionasse uma nova derrota. Nassau, desta vez,

coibiu com penas os vícios que soem grassar nos primórdios das dominações novas. De feito, os holandeses primeiro abriram o caminho para o poder e depois para o desregramento, porquanto, faltando então um governador e achando-se longe os regedores supremos de tão relevantes interesses, facilmente se abandonou a virtude, e, enfraquecida a disciplina, os naturais e os nossos patrícios deixaram as armas pelos prazeres, os negócios pelos ócios, maculando, de maneira vergonhosíssima, a boa fama de sua nação com a impiedade, os furtos, o peculato, os homicídios e a libidinagem. De sorte que era necessário um Hércules para limpar esta cavalaria de Augias. Todos os flagícios eram divertimento e brinquedo, divulgando-se entre os piores o epifonema: “– Além da linha equinocial não se peca” –, como se a moralidade não pertencesse a todos os lugares e povos, mas somente aos setentrionais, e como se a linha que divide o mundo separasse também a virtude do vício. Mas tudo isto foi suprimido e emendado pela severidade e prudência do novo governador, que coibia muitos abusos, corrigia muitos erros e punia rigorosamente muitos delitos, de modo que se poderá crer ter ele feito maior número de bons do que encontrou.¹⁷²

¹⁷¹ BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau** [...] Trad. e notas de Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 36. Grifos meus.

¹⁷² Ibidem, p. 68.

Não fossem os enormes esforços do futuro príncipe de Nassau-Siegen¹⁷³ que, de forma análoga ao mito hercúleo, em um dos doze grandes trabalhos, realizou uma heroica limpeza entre suas fileiras, extirpando a libertinagem e os destemperos das linhas de frente, a derrota batava em terras americanas teria se concretizado muitos anos antes. Desta maneira, um dos principais problemas relatados pelo polímata neerlandês em sua *História...* foi a subordinação das austeras e disciplinadas tropas holandesas não aos comandos de seus superiores, como era de se esperar, mas aos impulsos da carne.¹⁷⁴ Homens corretos, de rigidez moral incontestável, praticantes da religião reformada, valentes e honrados, os holandeses, ao desembarcarem em terras austrais, abstinham-se de seus deveres e se colocavam ao dispor das carícias das formosas nativas.

O desregramento europeu em terras do chamado *Novo Mundo* não é, contudo, tópica particular à obra de Barlaeus. Poucos anos após a edição da *História dos feitos recentemente praticados no Brasil*, veio a público outro relato que tinha como pano de fundo os combates neerlandeses no nordeste brasileiro e que, tal como seu predecessor, advertia aos leitores acerca das indiscrições que os povos vindos do velho continente cometiam ao fundearem na América: a *História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses*,¹⁷⁵ escrita por Pierre Moreau.

Na ânsia de ver outras paragens, o guarda-marinha Pierre Moreau, convicto de que o conhecimento não se adquire apenas com os livros, viaja para a Holanda – “verdadeiro ponto de encontro dos que tencionam dirigir-se às regiões distantes, pelas suas navegações comuns em todos os cantos da terra”¹⁷⁶ – e daí para o Brasil, onde arriba em 1645, na qualidade de secretário de Michel van Goch, que no mesmo ano “fora nomeado, juntamente com Walter

¹⁷³ O título de Príncipe foi concedido a João Maurício de Nassau somente em 1653, pelo imperador Fernando III. Cf. MELLO, Evaldo Cabral de. **Nassau**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

¹⁷⁴ De acordo com Herman Wätjen, “os soldados arrebanhados de todos os campos de batalha da Europa, para arriscarem diariamente a vida e a saúde numa campanha de guerrilhas contra um inimigo ardiloso e prático, queriam gozar à rédea solta os seus dias de folga. O mesmo proceder adotavam também os marinheiros quando o navio, após uma travessia de muitas semanas de ardente calor, lançava ferro no ancoradouro de Recife. [...] A Holanda ficava longe, e se os austeros preceitos da moral tinham para a Europa justificada aplicação, *aqui a ideia dominante era desforrar-se, viver e deixar viver, render a devida homenagem a Vênus e a Baco.*” WÄTJEN, Hermann. **O domínio colonial holandês no Brasil** – Um capítulo da história colonial do século XVII. Trad. de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938, p. 395-396. Grifos meus.

¹⁷⁵ **Nota sobre a obra:** *A História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses*, cunhada por Pierre Moreau, saiu em 1651 na cidade de Paris em uma coletânea de relatos de viagens organizada em dois volumes aos cuidados de Augustin Courbé. No ano seguinte, as anotações de Moreau foram traduzidas para o holandês. Já o *Relação da viagem ao país dos tapuias*, relatório enviado pelo judeu de origem germânica Roulox Baro ao presidente e aos conselheiros da Companhia das Índias Ocidentais dando conta da estadia nas terras austrais, ou “país dos tapuias”, deu às prensas na referida coletânea organizada por Courbé.

¹⁷⁶ MOREAU, Pierre; ROULOX, Baro. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias**. Trad. e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1979, p. 7.

van Schonenburgh e Hendrick Haecxs, para compor o [...] governo do Brasil Holandês”.¹⁷⁷ O francês, livre para voltar à Holanda quando bem entendesse, passou dois anos batalhando no nordeste e para compor sua extensa crônica, além de documentar de próprio punho o que viu ou ouviu durante sua estada no nordeste brasileiro, valeu-se de memórias e registros da Companhia das Índias Ocidentais. O relato, que foi à prensa em 1651 na cidade de Paris, traça um panorama detalhado não apenas das batalhas ou das dificuldades da vida no nordeste brasileiro dos tempos de guerra, mas também da população e dos costumes do lugar. As argutas observações de Moreau, sobretudo aquelas relativas aos hábitos locais, deveram-se ao desejo do estrangeiro de conhecer outras terras e “ir verificar pessoalmente o que existe de louvável ou censurável nas outras nações”.¹⁷⁸ De louvável, certamente, pouco foi escrito em suas notas sobre os habitantes do nordeste. Todavia, a crítica aos costumes dos habitantes do lugar – oriundos dos mais variados cantos da Europa – mereceu a atenção de Moreau, que se empenha em dar uma generosa amostra do que um viajante que se dirige para a capitania de Pernambuco deve esperar.

Os judeus moradores do lugar foram os primeiros a terem censurados os seus costumes. Todos, indiferentemente, assevera o francês, “levavam vida lasciva e escandalosa”.¹⁷⁹ A concupiscência e a corrupção da castidade, todavia, não marcariam seus exames unicamente sobre os praticantes da religião judaica.¹⁸⁰ A devassidão, conforme atenta o aventureiro, se estendia a todos os moradores do lugar, independente da religião ou da nacionalidade. “Judeus, cristãos, portugueses, holandeses, ingleses, franceses, alemães, negros, brasileiros, tapuias, mulatos, mamelucos e crioulos”, lista Moreau, “coabitavam promiscuamente”¹⁸¹ na cidade. Isso sem mencionar, continua o francês, os “incestos e

¹⁷⁷ MOREAU, Pierre; ROULOX, Baro. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias**. Trad. e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1979, p. 7.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 17.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 30.

¹⁸⁰ Durante a tentativa de colonização batava, em especial no período de governo de João Maurício de Nassau, um número expressivo de judeus se instalou no nordeste brasileiro, participando ativamente das práticas comerciais da região. Nassau, inclusive, parece ter tido participação decisiva para o desembarque de judeus em terras tropicais. Nos anos em que a *Nova Holanda* esteve sob sua administração “muitos judeus se sentiram animados a emigrar para o Brasil”. Cf. WIZNITZER, Arnold. **Os judeus no Brasil colonial**. São Paulo: Pioneira, 1966, p. 55. Dado o volume imigratório e o importante papel desempenhado pelos praticantes da religião judaica no nordeste brasileiro a historiografia é considerável. Além da obra de Wiznitzer, ver também: VAINFAS, Ronaldo. **Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; FEITLER, Bruno. Gentes da Nação: judeus e cristãos-novos no Brasil holandês. In: GRIMBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 65-85.

¹⁸¹ MOREAU, Pierre; ROULOX, Baro. op. cit. p. 30.

pecados contra a natureza” cometidos na urbe, práticas deploráveis pelas quais “diversos portugueses convictos foram condenados à morte e executados”.¹⁸²

Os colonizadores lusitanos, aliás, da mesma maneira que os estrangeiros – visitantes ou emigrantes – não escaparam às críticas dos viajantes que percorreram o Brasil dos tempos coloniais. Em 12 de setembro de 1711, a esquadra comandada pelo almirante francês René Duguay-Trouin irrompe pela baía da Guanabara e em pouco menos de uma semana toma a cidade do Rio de Janeiro. Os incômodos visitantes partiram somente em 13 de novembro e os quase dois meses de permanência na urbe renderam aos invasores quantia significativa, graças ao nada modesto resgate extorquido dos cariocas. Além de sua astúcia, experiência e da habilidade e presteza de seus capitães, é sabido que o corsário francês, à frente de cerca de 5000 homens distribuídos em 17 embarcações, aproveitou-se de condições naturais favoráveis ao assalto. O sítio se encontrava, no momento da investida, consideravelmente bem protegido por fortalezas, navios e fragatas enviadas pelo Rei de Portugal. A fortuna, no entanto, brindou os invasores com uma forte neblina que cobria a baía no momento da investida e facilitou consideravelmente a tomada do lugar. O “tempo extremamente favorável [...] garantiu, de antemão, a vitória final”¹⁸³ aos estrangeiros, conforme um dos observadores do evento. A facilidade com que se deu a tomada da cidade causou surpresa aos franceses e, do ponto de vista de um dos participantes da tomada da urbe, o jovem guarda-marinha Guillaume François du Parscau,¹⁸⁴ o sucesso do ataque, além da clara competência de seu articulador, deu-se graças à ajuda recebida dos céus. A esquadra seria, na visão do francês, um flagelo enviado por Deus como castigo aos devassos lusitanos que habitavam a prodigiosa região da baía de Guanabara. Eis o que registra o soldado:

Essa foi, talvez, a causa de toda a nossa boa sorte: Deus quis servir-se de nós para castigar *esse povo, que, entre todos do mundo, é o mais dissoluto em seus costumes e o mais desprezível em seu caráter*.¹⁸⁵

¹⁸² MOREAU, Pierre; ROULOX, Baro. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias**. Trad. e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1979, p. 30.

¹⁸³ PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s'est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l'escadre du Roi commandés par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 71.

¹⁸⁴ **Nota sobre a obra:** O testemunho atribuído a Guillaume François du Parscau deu às prensas em apenas duas oportunidades. A primeira em 1885, quando foi publicada por Doneaud de Plan, na *Revue Maritime et Coloniale* (tomo 95) e a segunda, datada de 1977, ano em que Louis Miard o publicou nas *Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l'enseignement du Portugais*. O manuscrito original contendo as observações do guarda-marinha francês se encontra aos cuidados da Biblioteca do porto de Brest.

¹⁸⁵ PARSCAU, Guillaume François. op. cit. p 131. Grifos meus.

O sucesso do saque à cidade do Rio de Janeiro,¹⁸⁶ profetizado não muito tempo antes da invasão francesa por um considerado bispo da cidade,¹⁸⁷ teria sido, pois, na ótica do guarda-marinha, um castigo de Deus aos portugueses desta bela parte do globo. Finalizando seu julgamento acerca dos moradores da cidade saqueada, povo que, segundo o viajante, *entre todos os povos do mundo é o mais dissoluto em seus costumes*, sentencia: “Com efeito, vícios de toda a espécie reinam soberanamente entre os indivíduos de ambos os sexos e de todas as classes”.¹⁸⁸

Aliás, a dar ouvido a muitos estrangeiros, os céus serviram-se mais de uma vez das suas armas para punir os lascivos moradores das cidades da colônia lusitana. Prestando seus serviços ao exército holandês entre os anos de 1638 e 1639, o alemão Zacharias Wagener atribuiu a tomada do nordeste brasileiro pelas tropas flamengas, tempos antes de sua passagem, aos excessos dos locais. Aponta o ex-despenseiro de Maurício de Nassau que “os espanhóis e portugueses, os brasilienses e tapuias, os mulatos e mamelucos, vivem quase todos entre si, à moda das impuras bestas lascivas”.¹⁸⁹ Mesmo os moradores “que se dizem cristãos”, assevera Wagener, carregam “bem visíveis os sinais da ira e os notáveis castigos de Deus contra essa vida licenciosa e sodomítica”.¹⁹⁰ Aliás, conforme o juízo do jovem germânico, um destes *notáveis castigos de Deus* aos dissolutos colonos teria sido a perda das capitânicas do extremo norte brasileiro para os batavos. De acordo com as notas legadas pelo jovem Wagener, foi esse despudor generalizado que permitiu às hostes flamengas se apoderarem à mão armada

das suas grandes e fortes cidades, saqueando, destruindo e incendiando as suas igrejas, conventos e outros belos edifícios, expulsando os portugueses,

¹⁸⁶ Mais detalhes sobre a invasão do almirante francês, ver: DUGUAY-TROUIN, René. **O Corsário: uma invasão francesa no Rio de Janeiro** – Diário de Bordo, 1740. Trad. de Carlos Ancedê Nougé. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2002; LAGRANGE, Louis Chancel de. Tomada do Rio de Janeiro em 1711 por Duguay-Trouin. Introdução, trad. e notas pelo Almirante Mário Ferreira França. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v. 270, 1967, p. 3-124; FRAGOSO, Augusto Tasso. **Os franceses no Rio de Janeiro**. Revisão, acréscimos e anotações pelo General Antônio de Sousa Júnior. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.

¹⁸⁷ Conforme assuntado entre os moradores locais e registrado pelo francês, “todos asseguraram-nos de que há não muito tempo ele profetizou, em um dos seus sermões, a nossa invasão, bradando que as abominações cometidas na cidade, se não cessassem, atraíam sem tardar as iras do senhor. Seja por prudência cristã ou por inspiração divina, o certo é que o bispo não se enganou.” PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s’est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l’escadre du Roi commandés par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 131.

¹⁸⁸ Ibidem, loc. cit.

¹⁸⁹ WAGENER, Zacharias. **Zoobiblion** – Livro de animais do Brasil. Trad. e comentário de Edgard de Cerqueira Falcão. São Paulo: Coleção Brasiliensia Documenta, 1964, p. 328.

¹⁹⁰ Ibidem, loc. cit.

com suas mulheres e filhos, e impelindo-os para regiões completamente desertas e selvagens.¹⁹¹

O castigo divino aplicado pelas tropas neerlandesas, todavia, parece não ter intimidado os colonos, que pouco tempo depois de retomarem o domínio da região tornaram a se entregar aos infames prazeres que os condenaram. Os habitantes locais, mal haviam se reerguido, “esqueceram as desventuras passadas, voltando à prática dos antigos pecados, caindo nos braços da abominável luxúria”,¹⁹² estado em que permaneceriam, assevera Wagener, “até que Deus onipotente [desse] fim não só a eles como também a nós todos e a todos aqueles que tão prontamente olvidam as suas paternas admoestações”.¹⁹³

O calamitoso estado de libertinagem encontrado nestas plagas foi também destacado pelo cirurgião Gabriel (ou Charles) Dellon no último quartel do Seiscentos. Após ser detido pela Inquisição na cidade de Damão em agosto de 1673, onde fixara residência havia poucos meses a pedido do governador Furtado de Mendonça, o cirurgião francês foi transferido para Goa, cidade em que permaneceria encarcerado por dois anos sofrendo as torturas destinadas aos hereges, até ser condenado e rumar para Lisboa, onde deveria, enfim, cumprir seus cinco anos nas galés. Em maio de 1676, no entanto, antes de alcançar Portugal, a embarcação que levava Dellon fundeu na Baía de Todos os Santos. Enquanto esteve na cidade, aguardando embarque para a capital lusitana, o cirurgião gozou de certa liberdade para perambular pelas ruas de Salvador e colher algumas informações a respeito da urbe soteropolitana e de seus habitantes. Em uma de suas duas cartas, que veio a público em 1685 na cidade de Paris com o título de *Relation d'un voyage aux Indes Orientales*,¹⁹⁴ Dellon faz questão de assinalar o quão corrompidos moralmente eram os habitantes da cidade. “Desconheço se a libertinagem é, no Brasil, tão generalizada quanto na Baía de Todos os Santos”,¹⁹⁵ pondera o francês, mas na Bahia conclui, “pode-se dizer que o vício reina soberanamente”.¹⁹⁶ Em decorrência de sua

¹⁹¹ WAGENER, Zacharias. **Zoobiblion** – Livro de animais do Brasil. Trad. e comentário de Edgard de Cerqueira Falcão. São Paulo: Coleção Brasiliensia Documenta, 1964, p. 328.

¹⁹² Ibidem, loc. cit.

¹⁹³ Ibidem, p. 328-329.

¹⁹⁴ **Nota sobre a obra:** A missiva do francês, além da mencionada edição francesa de 1685, conheceu uma reedição publicada em Amsterdam no final do século XVII, em 1699, com o título de *Nouvelle relation d'un Voyage fait aux Indes orientales*, que foi vertida para outras línguas algumas vezes: em 1687 foi publicada na cidade de Utrecht uma tradução para o holandês; uma versão para o inglês viria a público em 1698 na cidade de Londres; e a tradução alemã sairia das prensas em Dresden em 1700.

¹⁹⁵ DELLON, Gabriel. *Nouvelle relation d'un Voyage fait aux Indes orientales contenant la description des isles de Bourbon & de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa, etc. Avec l'histoire des plantes & des animaux qu'on y trouve, & un Traité des maladies particulieres aux pays orientaux & dans la route, & de leurs remedes*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 430.

¹⁹⁶ Ibidem, loc. cit.

estadia ter se restringido apenas à cidade de Salvador o cirurgião não soube explicar aos seus destinatários na Europa se a lascívia dos baianos se estendia aos colonos de outras regiões. Os residentes no velho continente, no entanto, não tardariam muito para obter a resposta. O considerável volume de notas descrevendo para os leitores europeus a impudência cara aos habitantes das possessões lusitanas na América logo esclareceriam a dúvida de Dellon.

2.2 O desregramento do clero

Aos olhos dos visitantes estrangeiros, nem mesmo os homens responsáveis por guiar os rebanhos de Deus à salvação eterna escapavam ao desregramento sexual comum a tantos visitantes e habitantes da América portuguesa. O exemplo dado pelo clero brasileiro em muito deixava a desejar e, em vários aspectos, suas práticas assemelhavam-se às condenáveis pela Igreja. Não são raros os testemunhos europeus, sobretudo aqueles cunhados durante o século XVIII, que dão conta da conduta despudorada e repreensível dos sacerdotes brasileiros das mais variadas ordens.

No término do Seiscentos, François Froger já denunciava o comportamento vergonhoso dos religiosos da colônia lusitana. Em uma de suas missivas, escrita durante sua estadia no Rio de Janeiro em 1695, o visitante observa que “não somente os burgueses, mas também os religiosos, podem manter relações com mulheres públicas sem temerem serem alvos da censura e da maledicência do povo”.¹⁹⁷ Além de viverem “na mais absoluta ignorância” – “pouquíssimos sabem latim”, assevera Froger –, os “monges ímpios”, adjetivação adotada pelo próprio francês, relacionam-se sem maiores reservas com as “mulheres públicas” da cidade.¹⁹⁸ Temerário quanto ao destino dos devassos habitantes da colônia lusitana, desprovidos de líderes que inspirem a virtude e abandonados a toda sorte de vícios, o engenheiro prevê um futuro apocalíptico para a cidade. “Temo que nos façam assistir, em breve”, assevera, “ao incêndio de uma nova Sodoma”.¹⁹⁹

Guillaume François du Parscau, o guarda-marinha participante do saque à cidade do Rio de Janeiro, em passagem pelo mesmo porto em 1711, reforça as críticas feitas por seu compatriota poucos anos antes.

¹⁹⁷ FROGER, François. Relation d'un Voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Isles Antilles. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 64.

¹⁹⁸ Ibidem, loc. cit.

¹⁹⁹ Ibidem, loc. cit.

Os frades, principalmente, não importando a ordem a que pertençam – excetuando a dos Jesuítas – [...] vivem em uma licenciosidade e depravação de horrorizar os nossos mais renomados libertinos.²⁰⁰

Os padres seculares, contudo, foram resguardados das reprimendas do francês; conforme esclarece em sua correspondência, estes religiosos não levavam vida tão desregrada quanto os monges. A razão pela qual isso ocorria, no seu entendimento, devia-se ao fato de haver maior policiamento sobre os padres. Diferentemente dos monges das mais variadas ordens, os padres seculares eram observados de perto pelo bispo que, diante da mínima falta, castigava-os severamente. O bispo, contudo, não teria a mesma autoridade sobre os monges, os quais não se incomodavam minimamente com suas repreensões e levavam a termo seus romances e depravações.²⁰¹

Este julgamento de que alguns membros do clero brasileiro se comportavam de modo exemplar, no entanto, diverge do extraído da missiva do astrônomo Nicolas Louis de la Caille, um religioso que preferiu a carreira científica em detrimento da monástica. Em 1750, participando de uma viagem de observação ao Cabo da Boa Esperança, promovida pela Real Academia de Ciências, o astrônomo francês desembarcou na costa brasileira para uma estadia de descanso de cerca de trinta dias. Enquanto esperava o embarque para seu destino final, La Caille pôde conhecer a Baía de Guanabara e seus habitantes. Especialista na observação de corpos celestes, o estudioso mostrou-se também perspicaz observador do modo de viver dos habitantes do Rio de Janeiro. Embora afirme em seu *Journal historique du voyage fait au Cap de Bonne-Espérance*²⁰² não existir na urbe carioca vida social, La Caille deixa claro que tal ausência não a priva de desregramentos. Nem mesmo o clero, seja ele secular ou regular, está imune à imoralidade. Aqui La Caille difere de seu compatriota supracitado, haja vista que no seu entendimento estariam todos os religiosos cariocas, sem exceção, contaminados pela impudicícia. De acordo com o francês:

Quase não há vida social nesta urbe, o que não impede que o desregramento dos costumes encontre aí campo fértil. Desregramento de que não escapam

²⁰⁰ PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s'est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l'escadre du Roi commandés par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 131.

²⁰¹ Ibidem, loc. cit.

²⁰² **Nota sobre a obra:** O livro contendo as notas de La Caille sobre a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes foi impresso apenas uma vez antes do século XX, em 1763. A única tradução de que se tem notícia no período é a alemã, aparecida em 1778.

nem os membros do clero regular nem do secular – admitidos pelas ordens sem nenhum critério.²⁰³

Os testemunhos estrangeiros não se limitaram, contudo, a criticar somente as indiscrições dos homens de fé que pregavam na cidade do Rio de Janeiro. Um comerciante francês de nome Le Gentil La Barbinais, em passagem de quatro meses por Salvador no ano de 1717, também relatou as perversidades cometidas pelos religiosos da cidade. La Barbinais, no entanto, ao contrário de seus conterrâneos Guillaume François du Parscau e Nicolas Louis de la Caille, não se contenta apenas em tecer comentários cáusticos sobre os hábitos dos doutos religiosos. As suas duras críticas estendem-se aos fiéis do lugar. Referindo-se aos últimos, o homem de negócios narra uma curiosa cena em que supostos devotos se fazem valer de penitências para despertar sentimentos amorosos nas moças da urbe. Ao acompanhar, no dia 2 de março, uma procissão solene que dava início às festividades da quaresma, o viajante deparou com duas centenas de “homens vestidos de branco, com o rosto coberto”, marchando desordenadamente pelas ruas de São Salvador e “flagelando os ombros com tanta força que o sangue espirrava para todo lado”.²⁰⁴ Tais devotos, com o intento de chamar a atenção dos espectadores, especialmente das senhoras e senhoritas, “antes de começar a ridícula procissão, [retalhavam] as costas com uma lâmina ou com uma bola de cera, com pedaços de vidro, amarrados numa grossa corda de algodão”.²⁰⁵ Segundo nos conta La Barbinais, ao caminhar pelas ruas e travessas de São Salvador era comum o visitante estrangeiro se surpreender ao encontrar um desses penitentes estacionado sob a escada de sua dama. Ali, o pobre apaixonado – “insensatos que se oferecem como espetáculo ao público” –, procurando “despertar uma espécie de compaixão amorosa”²⁰⁶ nas moças, flagela-se com notável empenho. Ainda de acordo com os escritos do francês, os penitentes “passam e repassam sob as escadas” sem cessar, afinal essa dolorosa estratégia é a “mais apurada pedra de toque da galanteria”²⁰⁷ dos baianos. A penitência, prova irrefutável do arrependimento dos pecados, é utilizada por estes fiéis muito mais para fins amorosos do que religiosos. Nesse

²⁰³ LA CAILLE, M. Abbé de. *Journal historique du Voyage fait au Cap de Bonne-Espérance...*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 133.

²⁰⁴ LA BARBINAIS, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 549.

²⁰⁵ Ibidem, loc. cit.

²⁰⁶ Ibidem, p. 550.

²⁰⁷ Ibidem, loc. cit.

sentido, a censura de La Barbinais é evidente. “O que condeno”, admoesta o estrangeiro, “é a intenção dos flageladores, que transformam uma ação piedosa em um gesto de galanteria”.²⁰⁸

As práticas religiosas²⁰⁹ destorcidas dos colonos da América Austral poderiam causar surpresa ao viajante não fossem os péssimos exemplos dados pelos clérigos da urbe.

Os religiosos e os padres seculares, além de ignorantes ao extremo, mantêm relações públicas com as mulheres, a ponto de muitos serem conhecidos não pelos seus sobrenomes, mas pelos de suas senhoras.²¹⁰

Impudicos, prossegue La Barbinais, “quando escutam os pecados de uma mulher no confessionário, parecem antes incentivar a sua conduta do que inspirar nela sentimentos de contrição e piedade”;²¹¹ Dito isso, escreve o francês:

É espantoso que se cometam tantos abusos na colônia, mas tudo aqui é difícil de ser remediado. Se um viajante resolve, por exemplo, falar do desregramento dos religiosos e daqueles que são responsáveis pela condução das almas, se resolve pôr em evidência os seus crimes, em suma, se resolve dizer que em toda a América os pastores são uns hipócritas que, sob uma aparência grave e composta, ocultam um coração aberto às paixões mais indecorosas, esse viajante será acusado de imprudência.²¹²

O comerciante, colocando um ponto final em suas censuras,²¹³ assevera ainda que o que mais o deixou perplexo durante sua estadia em Salvador foi a “falta de moderação dos padres e monges que, no local de penitência, riem e fazem misteriosos sinais para as damas, as quais, nessas ocasiões, vestem suas mais belas roupas e metem-se nas sacadas”.²¹⁴

²⁰⁸ LA BARBINAIS, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 550.

²⁰⁹ A historiografia referente às práticas religiosas no Brasil colonial é vasta e abrangente. Em especial, ver: SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In: **História da vida privada no Brasil. I: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, pp. 155-220; ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

²¹⁰ LA BARBINAIS, Le Gentil. op. cit. p. 537.

²¹¹ Ibidem, loc. cit.

²¹² Ibidem, pp. 543-544.

²¹³ A postura pouco austera dos religiosos no Brasil colonial acarretou uma série de denúncias junto à Justiça Eclesiástica e, posteriormente, à Inquisição. Um dos crimes mais delatados no período parece ter sido o de solicitação, crime que se caracterizava por propostas amorosas feitas pelo confessor ao confitente durante o Sacramento da confissão. A historiadora Lana Lage de Gama Lima arrolou mais de 460 denúncias de crime de solicitação no Brasil entre os séculos XVII e XVIII. Ver: LIMA, Lana Lage de Gama. **A confissão pelo avesso: o crime de solicitação no Brasil Colonial**. São Paulo: USP – FFLCH, 1990. (Tese. Doutorado em História).

²¹⁴ LA BARBINAIS, Le Gentil. op. cit. p. 544.

2.3 – Das causas da devassidão na colônia lusitana

Em meios às muitas notas que retornavam ao velho continente dando conta dos destemperos sexuais dos visitantes ou habitantes da América portuguesa, observa-se a tentativa de compreender as razões para tantos descomedimentos. Um destes relatos, escrito por um viajante anônimo que desembarcou em terras brasileiras em 1748, registra que a cidade do Rio de Janeiro parecia contar com um contingente de negros digno de nota, até mesmo para visitantes europeus mais experimentados no mundo colonial. O número de escravos africanos era tamanho que um dos oficiais da embarcação refere-se à cidade como um “verdadeiro formigueiro de negros”.²¹⁵ Tal “concentração funesta”, conforme avalia o viajante, poderia trazer consigo grandes contratempos aos cariocas, uma vez que a população escrava superava em muito o número de colonos, tornando constante, inclusive, o perigo de revoltas. A engenhosa solução adotada pelos portugueses para impedir a provável sublevação negra na cidade, conta-nos o navegador anônimo, foi “adquirir escravos de diferentes proveniências e utilizar a oposição entre seus caracteres para controlá-los”.²¹⁶ Em geral, explica o estrangeiro, “os negros são capturados na costa vulgarmente chamada da Guiné e no reino de Angola”.²¹⁷ Os primeiros “são [...] perspicazes, velhacos e preguiçosos”, já os provenientes de Angola se distinguem por serem “taciturnos, trabalhadores e honestos”, e os “primeiros não gostam dos últimos e vice-versa”.²¹⁸ Tal antipatia natural entre os escravos era o que assegurava a tranquilidade dos cariocas e afastava o perigo de rebeliões. De acordo com o visitante, “quando essas duas espécies inconciliáveis se misturam, uma não consegue nada empreender sem que a outra rapidamente não delate”.²¹⁹

Não foi, todavia, unicamente a parcela negra da população que mereceu destaque. O apontamento feito pelo desconhecido oficial do *L’Arc-en-Ciel* adianta também que “o Rio de Janeiro e seus arredores são povoados por brancos, mas há, na região, um número inacreditável de negros e mulatos”.²²⁰ O elevado contingente de mulatos vagando pela cidade em meados do Setecentos se devia, logicamente, à grande concentração de negros do lugar. Todavia, o anônimo credita o aumento de homens e mulheres mulatos no seio da população da baía de Guanabara a dois outros fatores peculiares à colônia lusitana: o clima do lugar e a

²¹⁵ SONNERAT, Pierre. *Voyage aux Indes Orientales et à la Chine*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 212.

²¹⁶ *Ibidem*, loc. cit.

²¹⁷ *Ibidem*, loc. cit.

²¹⁸ *Ibidem*, loc. cit.

²¹⁹ *Ibidem*, loc. cit.

²²⁰ *Ibidem*, p. 211.

ociosidade de seus habitantes. No entendimento do oficial do L’Arc-en-Ciel, no Rio de Janeiro, “a cada dia que passa, o sangue mistura-se mais e mais, pois *o clima e a ociosidade tornam o povo fortemente inclinado à libertinagem*”.²²¹ Para o anônimo, a hoste mulata em São Sebastião, além de apontar para a quantidade exorbitante de negros no lugar, indicava também o quão dissolutos eram os moradores da urbe. A corrupção moral observada na cidade parecia, aos olhos do visitante, estar relacionada tanto à ociosidade dos colonos, que, desprezando o labor, punham-se a flertar com as negrinhas pelos cantos da cidade, quanto ao clima do Rio de Janeiro, que tendia a exacerbar o sensualismo de seus moradores.

Publicada apenas em 1806 como suplemento à segunda edição do *Voyage aux Indes Orientales et à la Chine*, do naturalista e navegador francês Pierre Sonnerat, a relação atribuída a um dos oficiais do L’Arc-en-Ciel não foi a primeira e nem seria a última obra estrangeira a relatar a influência nefasta do clima americano sobre os hábitos dos colonos. O leitor europeu já havia sido informado, sobre o quão danoso à natureza humana poderia ser o clima tropical, em 1716, quando foi impresso pela primeira vez o *Voyage de la mer du Sud*,²²² de Amédée François Frézier. Enviado para o Novo Mundo pelas autoridades francesas com o desígnio de dar a conhecer os pormenores da costa oeste do continente, destino de grande número de embarcações francesas na época, o engenheiro não abre mão de dedicar algumas páginas de seu livro ao comportamento dissoluto que encontrou na Baía de Todos os Santos, cidade onde permaneceu por quase dois meses durante a viagem de retorno ao seu país natal. Escandalizado com os costumes da população local, sobretudo com as indiscrições das mulheres, Frézier reflete sobre a causa de tantos maus exemplos entre as gentes do lugar. Explica o estrangeiro:

A verdade é que, seja em razão do clima, seja porque sentimos uma especial atração pelo que é proibido, não há grande dificuldade em ter com as mulheres daqui as maiores intimidades.²²³

²²¹ SONNERAT, Pierre. *Voyage aux Indes Orientales et à la Chine*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 211. Grifos meus.

²²² **Nota sobre a obra:** A narrativa do sábio Amédée Frézier foi editada pela primeira vez em 1716, seguido por duas reedições, uma no ano seguinte, em 1717, e outra em 1739. O *Voyage de la mer du Sud* também se tornou bastante conhecido fora da França, graças às traduções para o inglês, em 1717, para o holandês no ano seguinte e para o alemão também em 1718.

²²³ FRÉZIER, Amédée François. *Relation du Voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili, Du Pérou, et du Brésil, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714*, par M. Frézier. In : FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 509.

A julgar pelas notas do engenheiro francês, as mulheres de Salvador não eram grandes apreciadoras da vida casta. As *maiores intimidades* eram mantidas com as baianas sem muitos empecilhos. Essas, seduzidas pelos perigos que acompanhavam os romances proibidos ou afetadas pelas temperaturas da região, cediam facilmente às investidas do sexo oposto.

Exame semelhante ao proposto por Frézier proveio das observações do britânico James Kingston Tuckey, quase um século mais tarde. Ainda que advogue a favor das mulheres da América portuguesa, asseverando o melhoramento de seus costumes e não as achando tão condescendentes quanto haviam insinuado os viajantes anteriores, o oficial inglês não abre mão de terminar sua explanação sobre os habitantes da cidade sem antes anotar algumas linhas acerca da sexualidade exacerbada dos colonos: no Brasil, adverte Tuckey, “a permissividade no relacionamento entre os sexos é quase semelhante àquela existente na degenerada época do Império Romano”.²²⁴ Aos olhos do oficial da marinha, “a causa maior de tal degradação deve ser atribuída ao clima, cuja ação intensa potencializa as propriedades do amor”.²²⁵

Nota-se que tanto o autor do relato anônimo, quanto os senhores Amédée Frézier e James Kingston Tuckey – homens de distinção e dotados de um nível de instrução acima do verificado entre a maioria dos viajantes europeus que percorreram o território brasileiro nos tempos de colônia²²⁶ – descreveram, em suas relações, comportamentos lascivos ao discorrerem acerca dos hábitos dos habitantes destes cantos. Os três visitantes, da mesma forma, embasbacados com o suposto despudor generalizado, puseram-se a averiguar as causas de tal desregramento sexual e concluíram ser o clima austral o fator responsável pelas falhas de caráter verificadas.

2.4 – O paraíso terrestre?

Frente às constatações de Amédée Frézier, James Kingston Tuckey e do oficial anônimo do L’Arc-em-Ciel, torna-se necessário que nos debrucemos sobre o que escreveram os viajantes europeus a respeito do clima tropical.²²⁷

²²⁴ TUCKEY, James Kingston. An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass’s Strait.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 269.

²²⁵ Ibidem, loc. cit.

²²⁶ Embora não tenhamos informações detalhadas a respeito da vida do viajante anônimo, este dá a entender em suas notas ser possuidor de um cargo de distinção na embarcação. Em suas anotações, o autor do relato dá indícios de ser um dos oficiais a bordo.

²²⁷ GERBI, Antonello. **O novo mundo** - história de uma polêmica: 1750 1900. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

No início do Oitocentos, o czar Alexandre IV, resolveu financiar uma expedição com a missão de explorar o Pacífico Norte, estabelecer diplomacia com o governo japonês, melhorar as relações comerciais com os países da América do Sul e empreender o reconhecimento da costa californiana. Para tal empresa, o czar russo despachou duas embarcações, o *Nadeshda* e o *Neva*, comandadas pelos experientes Urey Lisianski e Adam Johann Krusenstern, sendo este último o comandante da missão. Depois de zarpar de Kronshtadt, no golfo da Finlândia, a expedição seguiu para as Ilhas Canárias e depois para a costa brasileira, onde fundearam na altura da Ilha de Santa Catarina em dezembro de 1803. Naquele porto os exploradores russos permaneceriam até fevereiro do próximo ano. As impressões sobre o lugar não poderiam ser melhores. O capitão Urey Lisiansky, encantado com o cenário paradisíaco que encontrou no litoral sul da colônia, não se escusou de lançar mão de tinta e papel para registrar suas impressões acerca do belo local. O clima “suave e sadio”, aliado aos estímulos da prodigiosa natureza dos trópicos, dotada de fragrâncias exóticas e talentosos cantores alados, conferia ao sítio características que levaram o navegador russo a lançar mão da metáfora cunhada por Américo Vespúcio três séculos antes.²²⁸ Eis o que registrou Lisianski, estupefato com tamanha variedade de deleites:

O clima é suave e sadio e, enquanto nosso olfato se deleita com os perfumes que o embalsamam, o ouvido, em tranquilo êxtase, escuta o gorjeio de numerosos pássaros, que parece terem escolhido este bonito lugar para sua moradia. Todos os sentidos, em suma, são gratificados; tudo o que vimos, escutamos ou sentimos, abre o coração para sensações encantadoras. Estas fascinantes costas podem ser reconhecidas como a Natureza própria do Paraíso; tão pródigas em generosidades que são favorecidas por uma eterna primavera.²²⁹

Quase dois séculos antes da passagem do comandante do *Nadeshda* pelos domínios lusitanos, um dos missionários empenhados na segunda tentativa de colonização francesa na costa brasileira, o capuchinho Louis de Pezieu, também toma de empréstimo a metáfora paradisíaca de Américo Vespúcio para discorrer sobre as benesses do lugar. Em passagem pela Ilha do Maranhão, em 1612, o missionário da França Equinocial, entusiasmado com as condições naturais do lugar e confiante no sucesso da empreitada conduzida pelo Senhor de la

²²⁸ De acordo com Leyla Perrone-Moisés, o Brasil descrito pelos primeiros viajantes, no caso os franceses Léry, Thevet e Gonneville, podendo ser, contudo, estendido à maioria dos aventureiros europeus da época, “é uma terra de beleza, fertilidade e alegria. A opinião sobre os bons ares, a riqueza e o colorido da flora e da fauna, assim como a boa impressão sobre os habitantes é unânime”. PERRONE-MOISES, Leyla. **Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry**. *Revista da USP* (Dossiê Brasil dos Viajantes), São Paulo, n. 30, 1996, p. 85-94.

²²⁹ LISIANSKI, Urey. *A Voyage round the world, in the years 1803, 4, 5 & 6*. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina**: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996, p. 152.

Ravardière, escreve, em carta datada de 16 de dezembro,²³⁰ que, embora os grãos trazidos da França não tenham vingado em solo maranhense, tal infortúnio se deveu antes ao provável apodrecimento durante a travessia do que ao clima da região, que parecia ao religioso bastante agradável e salubre. Excetuando o inverno – “período em que o calor não é menos intenso do que o de costume” – o resto do ano conta com o céu “sempre azul” e calor “maior do que aquele que experimentamos no verão”.²³¹ As árvores e as plantas, continua Pezieu, “estão sempre verdes”.²³² Não por acaso, diante deste belo cenário que se oferecia aos olhos do capuchinho, o mesmo não hesita em exclamar que reinava por estas bandas “uma *primavera eterna*, com um ar temperado e muito agradável”.²³³

Menos empolgado, mas igualmente satisfeito com os ares desfrutados na costa nordestina, mostrou-se o conterrâneo de Pezieu, Gabriel Dellon, durante sua passagem forçada pela Baía de Todos os Santos em 1676. O condenado pela Inquisição menciona a estadia entre os baianos em seus dois livros e, em ambos, redige notas elogiosas a respeito do clima local. Nas páginas da *Relation d'un voyage aux Indes Orientales*,²³⁴ prensado em 1685, relata o francês que “o país é muito agradável e o ar é bom e temperado por chuvas constantes, que *amenizam os ardores do sol*”.²³⁵ Já em seu segundo registro impresso, intitulado *Relation de L'Inquisition de Goa*,²³⁶ de 1687, Dellon destaca: “em todo o Brasil o clima é temperado e agradável, o ar é são [...] e a terra fértil”.²³⁷

²³⁰ **Nota sobre a obra:** A carta de Pezieu, intitulada, *Brief recueil des particularitez contenues aux lettres enuoyeés, par Monsieur de Pezieu, à Messieurs ses parents & amis de France*, foi editada uma única vez, em 1613.

²³¹ PEZIEU, Louis de. *Brief recueil des particularitez contenues aux lettres enuoyeés, par Monsieur de Pezieu, à Messieurs ses parents & amis de France*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 391.

²³² Ibidem, loc. cit.

²³³ Ibidem, loc. cit. Grifos meus.

²³⁴ Ver nota 194.

²³⁵ DELLON, Gabriel. *Nouvelle relation d'un Voyage fait aux Indes orientales contenant la description des isles de Bourbon & de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa, etc. Avec l'histoire des plantes & des animaux qu'on y trouve, & un Traité des maladies particulieres aux pays orientaux & dans la route, & de leurs remedes*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 425. Grifos meus.

²³⁶ **Nota sobre a obra:** O *Relation de L'inquisition de Goa*, foi publicado pela primeira vez em Leiden no ano de 1687 e angariou considerável número de leitores interessados nas aventuras de Dellon. As notas legadas pelo condenado francês deram às prensas mais uma vez no Seiscentos, em 1688, e no Setecentos foi reimpressa em 1701, 1709, 1711, 1716 e 1759. Além das edições em língua francesa o *Relation de L'Inquisition de Goa* foi vertido para o holandês em três oportunidades, quatro vezes para o alemão e nada menos do que cinco vezes para o inglês.

²³⁷ Idem. *Relation de L'inquisition de Goa*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 432.

Adentrando o século XVIII é a vez do guarda-marinha Guillaume François du Parscau, que combateu ao lado do célebre capitão Duguay-Trouin na tomada da cidade do Rio de Janeiro, em 1711, acompanhar seus conterrâneos nos elogios dirigidos à generosidade do clima da América portuguesa. Contudo, diferentemente de seus compatriotas mencionados, suas anotações versam sobre os ares da baía de Guanabara.

O clima é muito agradável e salubre. Excetuando as chuvas abundantes, em certas estações, e *alguns dias de calor*, quando falta a viração, pode-se dizer que é muito bom e, apesar de o local se encontrar muito próximo do sol, temperado.²³⁸

Poucos anos haviam se passado desde que a esquadra comandada pelo corsário francês tomara a cidade de São Sebastião quando outro viajante proveniente do velho continente, perambulando pela colônia portuguesa, dedicou parte de seu relato a enaltecer o clima da região. O viajante em questão, um alemão de nome Karl Behrens, vagou por menos de 2 meses pelas ruas de São Sebastião – pequeno povoado situado no capitânia de São Paulo – na primavera de 1721. O germânico, natural de Mecklenburg, às margens do mar Báltico, desde a mocidade demonstrara interesse em conhecer outras paragens. Após percorrer léguas e mais léguas ao norte do continente europeu, Behrens, tomado pela ânsia de ampliar seu conhecimento e satisfazer sua curiosidade, resolveu tomar os ventos em direção ao Novo Mundo. Para tanto, seguiu à Amsterdam, de onde partiu, finalmente, em uma pequena armada holandesa que visava descobrir novas terras nos Mares do Sul. Após uma breve passagem pelas Canárias, os navios da frota batava à qual o alemão se juntara fundearam em São Sebastião para reabastecerem, permanecendo ali ancorados entre outubro e novembro. O período no litoral paulista ao que parece foi benéfico ao aventureiro.²³⁹ Embora afirme que “em certas épocas do ano faz um *calor excessivo*”²⁴⁰ na região, o ar de São Sebastião se mostrou bem saudável ao estrangeiro. Behrens, inclusive, se valeu dos terapêuticos ares

²³⁸ PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s'est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l'escadre du Roi commandés par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, pp. 132-133. Grifos meus.

²³⁹ **Nota sobre a obra:** A *História da viagem de três navios, enviados pela Companhia das Índias Ocidentais das Províncias Unidas, às terras austrais em 1721*, foi publicada em alemão, em 1737, na cidade de Leipzig. A única tradução que conheceu a obra de Behrens foi a francesa, saída das prensas holandesas, na cidade La Haye, em 1739.

²⁴⁰ BEHRENS, Karl Friedrich. Histoire de l'expédition de trois vaisseaux, envoyés par la Compagnie des Indes Occidentales des Provinces-Unies, aux terres australes en MDCCXXI. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 560.

paulistas para recobrar a saúde. “Eu próprio”, assinala o germânico, “senti os efeitos do ar daqui, curando-me inteiramente de algumas indisposições que me incomodavam”.²⁴¹

O aventureiro alemão, no entanto, não foi o único europeu a se beneficiar das condições naturais das possessões lusitanas para restaurar a saúde. No dia 22 abril de 1748, meses antes de fundear na costa de Coromandel, a nau francesa L’arc-en-ciel deu no porto do Rio de Janeiro após enfrentar terríveis tempestades na região próxima às ilhas Canárias. Assim que lançaram âncora na baía de Guanabara, o capitão da embarcação solicitou junto ao governador local, dom Fernando, as autorizações necessárias para estabelecer um hospital em terra e prestar os devidos cuidados ao grosso da tripulação, que padecia de escorbuto. Bem estabelecidos na cidade, já nos primeiros dias após o desembarque dos adoentados, o autor do relato, fazendo uma visita de rotina aos seus companheiros que repousavam no hospital improvisado – “uma longa fileira de casas térreas [...] situadas numa bela enseada”²⁴² – já os encontrara ligeiramente mais dispostos.

No hospital, encontramo-los já com um ar mais saudável e rodeados de alimentos em abundância, bem como de outras benesses próprias para, *em parceria com o ar do país*, concorrerem para o seu pronto estabelecimento.²⁴³

Aliás, uma dezena de dias de repouso nas terras cariocas bastaria para que os marujos recobrassem a saúde quase por completo, conforme as notas do anônimo:

Passados 10 ou 12 dias, nossos doentes, por uma espécie de milagre – que atribuímos aos muitos cuidados que receberam, mas também, e sobretudo, à *qualidade do clima* e dos viveres –, estavam quase todos convalescentes, e tanto quanto lhes permitiam suas forças e o administrador, voltaram a trabalhar. O restante não precisava de mais do que alguns dias para estar no mesmo estado.²⁴⁴

Em menos de um mês, os moribundos do L’arc-en-ciel já haviam se recuperado inteiramente graças aos muitos cuidados recebidos e à *qualidade do ar*. No dia 9 de maio, véspera da

²⁴¹ BEHRENS, Karl Friedrich. Histoire de l’expédition de trois vaisseaux, envoyés par la Compagnie des Indes Occidentales des Provinces-Unies, aux terres australes en MDCCXXI. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 560.

²⁴² SONNERAT, Pierre. Voyage aux Indes Orientales et à la Chine. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 197.

²⁴³ Ibidem, p. 198. Grifos meus.

²⁴⁴ Ibidem, p. 204.

partida, os combalidos, como haviam previsto os oficiais, “estavam já todos de pé”²⁴⁵ e em boa forma. Em terra, ficara apenas “um ajudante de artilharia, cujo escorbuto, aparentemente, resistiu à boa qualidade do ar e aos tratamentos”.²⁴⁶ O pobre escorbútico, contudo, gozaria de bons cuidados enquanto permanecesse no Rio de Janeiro. A mando do governador, o último enfermo do L’arc-en-ciel foi internado no hospital da cidade e seria enviado novamente à Europa tão logo se restabelecesse.

Ainda que os ares terapêuticos do lugar tenham caído nas graças dos estrangeiros, o autor do relato anônimo registra que a temperatura da cidade pode vir a incomodar os europeus menos acostumados. Embora fosse *inverno* na época de sua estadia na costa brasileira, o anônimo escreve que ele e seus companheiros de viagem enfrentaram “dias mais quentes” do que os vivenciados no verão europeu. Esse “calor excessivo”, conforme anota o visitante, poderia, inclusive, ter “consequências funestas” aos habitantes da cidade “se não fosse amenizado por duas brisas: uma que sopra pela manhã, de noroeste, e outra que sopra à tarde, de sudeste”.²⁴⁷

Tais brisas, atentamente estudadas e elogiadas pelo navegador anônimo, mereceram relevo também no relato do oficial da marinha inglesa John Byron.²⁴⁸ Capitaneando o *Dolphin*, John Byron deu no porto do Rio de Janeiro no dia 5 de Outubro de 1764, permanecendo na cidade por 45 dias, ao longo dos quais pôde perceber os benefícios das correntes de ar em plagas onde as temperaturas são sempre elevadas. “O ar do Rio de Janeiro renova-se através da sucessão constante de ventos terrais e de brisas marítimas”,²⁴⁹ escreve Byron. Esses ventos terrais, salienta o britânico, “sopram desde a manhã até a uma hora da tarde”, quando dão lugar às brisas marítimas, “que são bastante fortes e muito contribuem para tornar o porto salubre e agradável”.²⁵⁰ Ainda consoante às observações do honorável oficial – avô do célebre poeta britânico George Gordon Byron, o Lorde Byron – “os naturais do país estão tão convencidos de que esse vento do mar é saudável que os negros o chamam

²⁴⁵ SONNERAT, Pierre. Voyage aux Indes Orientales et à la Chine. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 204.

²⁴⁶ Ibidem, p. 205.

²⁴⁷ Ibidem, loc. cit.

²⁴⁸ **Nota sobre a obra:** A obra contendo as impressões da viagem de John Byron, o *Voyage round the World*, foi publicada em 1767, ano em que saíram duas edições em língua inglesa, ambas publicadas em Londres. O relato foi traduzido ainda em 1767 para o francês e, dois anos depois, em 1769, para o alemão e para o espanhol.

²⁴⁹ BYRON, John. A Voyage round the world in his majestys ship the Dolphin. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 147.

²⁵⁰ Ibidem, loc. cit.

de *doutor*”.²⁵¹ A dar ouvidos aos moradores da urbe, “essa crença baseia-se na constatação de que, nos lugares onde ele não penetra, *o ar é de tal modo aquecido* que as aves lá não pousam”.²⁵² Aliás, as altas temperaturas registradas em São Sebastião ditavam o cotidiano de seus habitantes. Em geral, anota o inglês, “os habitantes mais abastados da cidade conservam-se em casa das dez da manhã às duas horas da tarde, quando então começam a sair de casa para resolver os seus negócios”.²⁵³ Tomando tais precauções, os moradores não são incomodados pelo forte calor que assola a cidade, pois, conforme observa Byron, “nessa hora já sopra a brisa marítima”.²⁵⁴

Considerações parecidas às legadas pelo navegador britânico saíram das penas de um escocês natural de Edimburgo de nome Sydney Parkinson.²⁵⁵ O jovem estudioso em história natural, que desembarcou na baía de Guanabara em novembro de 1768, observou que, embora o sol castigasse a cidade e sua gente, os ventos e brisas cuidavam para que o local não se tornasse inóspito: “a temperatura, segundo me informaram, raramente atinge valores extremos”.²⁵⁶ O que se deve ao fato de “todas as manhãs, [soprar] uma brisa marítima e, durante as noites, um vento terral”,²⁵⁷ responsáveis por dissiparem os inconvenientes do forte calor.

Em resumo, as temperaturas registradas na América portuguesa receberam elogios de ampla gama dos estrangeiros que percorreram o continente entre os séculos XVII e início do XIX.²⁵⁸ Vários foram os visitantes europeus que, em andanças pelas cidades brasileiras do período colonial, se deliciaram com o clima tropical experimentado nestas plagas. Malgrado fosse considerado quente e, portanto, distante do característico do velho continente, o clima americano proporcionou aos viajantes agradáveis temporadas em solo brasileiro. Mesmo os europeus mais sensíveis às elevadas temperaturas não se mostraram descontentes ou incomodados com o forte calor que se fazia sentir nos trópicos. Muitos navegadores,

²⁵¹ BYRON, John. *A Voyage round the world in his majestys ship the Dolphin*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 147.

²⁵² Ibidem, loc. cit.

²⁵³ Ibidem, loc. cit.

²⁵⁴ Ibidem, loc. cit.

²⁵⁵ **Nota sobre a obra:** Publicado em 1773, o *A Journal of a Voyage to the South Seas* foi reeditado pouco mais de uma década mais tarde, em 1784. O relato do escocês, ainda que não tenha galgado sucesso no mercado editorial europeu, foi vertido uma única vez no período: para o francês, em 1797, em edição impressa por C. Henri, na cidade de Amsterdam.

²⁵⁶ PARKINSON, Sydney. *A Journal of a Voyage to the South Seas*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 223.

²⁵⁷ Ibidem, loc. cit.

²⁵⁸ Ainda que tenhamos centrado nossas análises em descrições cunhadas nos séculos XVII, XVIII e XIX, o século XVI não é menos célebre em parágrafos elogiosos às temperaturas americanas. A esse respeito, ver nota 228.

inclusive, davam à costa brasileira movidos pelo desejo de gozarem das graças e milagres oferecidos pelos terapêuticos e revigorantes ares da América portuguesa.

2.5 – O desencanto

Equivocam-se, todavia, aqueles que acreditam serem contínuos os elogios ao clima luso-americano. Ainda durante o período colonial, a amenidade do clima americano começa a ser posta em dúvida por contingente nada desprezível de viajantes europeus. O calor excessivo, por vezes, ocasionou numerosos desconfortos aos aventureiros menos acostumados.²⁵⁹ A salubridade e a propriedade terapêutica dos ares tropicais foram, inclusive, questionadas em diversas relações de viagem. Em passagem pela Baía de Todos os Santos, em 1667, os capuchinhos genoveses Diogini de Carli e Michael Ângelo de Guattini, por exemplo, suportaram dias de altas temperaturas na urbe nordestina e registraram suas impressões a respeito do forte calor que assolava os baianos.²⁶⁰ Contradizendo o amplo coro dos visitantes que encontraram na América portuguesa propriedades curativas, os religiosos italianos não perceberam tais benesses em sua passagem. Embora não tenham sofrido de grandes males, os missionários sentiram, ao aportarem na costa baiana, uma série de indisposições: “adoecer quando se desembarca neste país é uma coisa extremamente comum, quase inevitável”,²⁶¹ comentam. Os visitantes, entretanto, não sabiam responder se tais inconvenientes se deviam à “alimentação ou ao ar”; quanto ao clima, ponderam os padres, “ainda que muito quente, não é de todo ruim”.²⁶² Além disso,

há somente duas estações neste país: uma primavera bastante temperada, mas muito chuvosa, durante a qual as árvores não perdem as suas folhas; e

²⁵⁹ Ver notas 278 e 279.

²⁶⁰ **Nota sobre a obra:** Publicado em 1672 em Reggio, o relato, intitulado *Il Moro trasportato in Venezia ovvero curioso racconto de' Costumi, Riti et Religione de' Populi dell' Africa, America, Asia ed Europa*, tornou-se célebre rapidamente. Dois anos depois desta primeira edição saía a primeira reedição, publicada na cidade de Bolonha, com o título de *Viaggio del Padre Michael Angelo de Gualtini da Regio, et del padre P. Dionigi de Carli da Piacenza Capuccini, Predicatori, & Missionarij Apostolici nel Regno del Congo*. A terceira edição saltaria das prensas ainda no Seiscentos, em 1687, na cidade de Bassano. A tradução francesa saiu em 1680 na cidade de Lion, aos cuidados de Jean-Baptiste Labat. Já a versão alemã foi publicada em 1693. Além das edições mencionadas, as notas dos missionários foram incluídas em célebres coletâneas de relações de viagem, como a *Histoire generale des voyages*, organizada por Antoine François Prévost e a *Collection of Voyages*, de Churchill e Astley.

²⁶¹ CARLI, Diogini. Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 416.

²⁶² Ibidem, p. 417.

*um verão muito quente e seco, de tal modo que, se não fosse o orvalho, a terra seria toda queimada e ressecada.*²⁶³

Outro visitante que, assim como os religiosos italianos, mostrou-se sensível aos incômodos das altas temperaturas desta faixa do globo foi o insigne pirata inglês Woodes Rogers. Embora não tenha criticado de forma veemente o forte calor da Ilha Grande, o renomado corsário, em trânsito por menos de duas semanas pela cidade em novembro de 1708, percorreu sobre os belíssimos dias passados na urbe, os quais, contudo, vinham sempre acompanhados de temperaturas terrivelmente elevadas.²⁶⁴

Mesmo a cidade do Rio de Janeiro, elogiada por um sem número de visitantes europeus pela amenidade de seu clima e pelos seus bons ares, pareceu excessivamente quente para alguns naturais do velho continente. Perambulando oito meses pelas terras da coroa portuguesa em meados do século XVII, Richard Flecknoe conheceu não mais do que a cidade do Rio de Janeiro e suas vizinhanças. Tal restrição geográfica, no entanto, não pareceu ser grande problema para o inglês lançar notas gerais sobre o país e, em meio destas, parágrafos informativos acerca das temperaturas do lugar; no seu *Relation of Ten Years Travells in Europe, Asia, Affrique, and America* lê-se: o clima é “quente e, devido às chuvas abundantes e contínuas, úmido”.²⁶⁵

Julgamento semelhante apareceria logo no despontar do Setecentos, em 1703, quando um traficante de escravos, rumando para o Rio da Prata, deu na Baía de Todos os Santos e no Rio de Janeiro. Ao que parece, os dias passados na cidade carioca não foram dos mais prazerosos para o negociante de escravos:

Não obstante o sol estar a mais de 40° de nós, o calor que se faz sentir é muito forte. Tive a impressão de que, na Bahia, o sol estava mais próximo umas duzentas léguas, mas o clima era mais ameno. A mesma coisa acontece frequentemente na Europa. O calor, às vezes, chega a ser maior em agosto do que em junho, apesar de o sol estar mais distante naquele mês.²⁶⁶

²⁶³ CARLI, Diogini. *Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 420. Grifos meus.

²⁶⁴ ROGERS, Woodes. *A Cruising Voyage Round the World: First to the South Seas, Thence to the East Indies, and Homewards by the Cape of Good Hope*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, pp. 494-495.

²⁶⁵ FLECKNOE, Richard. *A relation of ten years travels in Europe, Asia, Affrique, and America...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999, p.42.

²⁶⁶ ANÔNIMO. *Journal d'un Voyage sur les costes d'Afrique et aux Indes d'Espanne*. In: **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999, p. 73.

Houveram mesmo aqueles estrangeiros que afiançaram serem os domínios lusitanos insalubres ao gênero humano por conta das temperaturas elevadas ali registradas. Aliás, tantos tinham sido os europeus a elogiarem em suas notas os ares medicinais da América portuguesa, tantos haviam sido os testemunhos de curas quase impossíveis operadas nestes cantos, que, em 1740, o célebre navegador inglês George Anson, tendo parte de sua tripulação combalida graças aos males “comuns destes climas quentes”,²⁶⁷ surpreendeu-se com o não reestabelecimento de seus comandados em terras brasileiras. Após quase um mês de estadia buscando os prodígios dos ares da América portuguesa, os marujos retornaram às embarcações ainda debilitados e sem perspectiva de melhora, o que decepcionou profundamente o experiente navegador. O embarque dos marinheiros ainda doentes “nos dava uma triste demonstração de que a bondade do ar deste local tenha sido extremamente exagerada pelos escritores que dele falaram”,²⁶⁸ lamenta Anson. O *Centurion*, assevera o britânico em seu popular *A Voyage Round the World, In the Years MDCCXL, I, II, II, IV*,²⁶⁹ “depois de haver perdido 28 doentes desde a nossa chegada, tinha 96 doentes, sendo que 16 destes haviam contraído a doença na Ilha de Santa Catarina”.²⁷⁰ Tamanha frustração com as benesses do clima americano fez com que os visitantes levantassem âncora desiludidos.

No dia seguinte, 18 de janeiro, o sinal para levantar âncora foi dado, e nós deixamos sem arrependimento uma ilha, da qual nós tínhamos formado as mais elogiosas ideias, mas que, quanto aos viveres, aos refrescos e à hospitalidade, não corresponderam de maneira nenhuma à nossa expectativa.²⁷¹

Contrariando, também, os partidários do agradabilíssimo clima americano e os propagadores declarados dos milagres realizados pelos ares tropicais, o jovem soldado

²⁶⁷ ANSON, George. *A Voyage round the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV*, by George Anson [...]. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina**: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996, p. 61.

²⁶⁸ Ibidem, p. 72.

²⁶⁹ **Nota sobre a obra:** Os pormenores da aventura de George Anson pela costa catarinense tiveram boa recepção no mercado editorial da Europa. Impresso em 1748 pelas prensas londrinas o *A Voyage Round the World, In the Years MDCCXL, I, II, II, IV* tornou-se célebre em seu tempo. As reedições começaram a pipocar dos prelos rapidamente. Já no mesmo ano da primeira publicação o relato foi prensado mais quatro vezes e nos anos seguintes o sucesso não foi menor. Além das reedições mencionadas a relação cunhada pelo conhecido navegador deu às prensas em 1749, 1753, 1754, 1756, 1762, 1765, 1768, 1769, só para mencionarmos algumas reedições. As observações do britânico, contudo, não saíram impressas somente em sua língua materna. Já no ano seguinte ao seu lançamento os editores Johann Caspar Arkstee e Henricus Merkus, proprietários de casas editoriais nas cidades de Amsterdam e Leipzig, verteram os escritos para o francês e reeditaram dois anos depois. Em 1750, traduções francesas saltaram de prensas de Paris e de Genebra, nesta última cidade, aliás, por duas casas editoriais diferentes. O *A Voyage Round the World...* foi vertido também para o alemão, em 1749, para o russo, em 1751, para o holandês, em 1754 e para o italiano, em 1756.

²⁷⁰ ANSON, George. op. cit. p. 72.

²⁷¹ Ibidem, loc. cit.

Ambrósio Richshoffer, um alemão natural de Estrasburgo, registrou em seu diário as dificuldades enfrentadas pelos empenhados soldados da companhia batava nas terras da *Nova Holanda* e não pôde deixar de mencionar as adversidades ocasionadas pelas altas temperaturas do nordeste brasileiro. Richshoffer, que havia completado 17 anos quando embarcou rumo à América portuguesa, participou de uma série de ações militares em Pernambuco entre os anos de 1629 e 1632 e descreveu, em seu *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais*,²⁷² as dificuldades enfrentadas nas campanhas no nordeste brasileiro. Além dos perigos inerentes ao próprio ofício de soldado, suas observações mencionam a precariedade das hostes flamengas na América e, sobretudo, o forte calor que assolava a região. Em entrada do seu diário, datada de 13 de maio de 1631, Richshoffer, inclusive, faz referência ao desembarque de novos contingentes de soldados holandeses e deseja melhor sorte aos novatos. O jovem soldado roga para que os novos companheiros de peleja consigam se adaptar melhor do que as antigas tropas às altas temperaturas do nordeste brasileiro.

No dia seguinte os soldados foram desembarcados; eram todos bonitos rapazes e, queira Deus, suportem melhor o clima que as outras tropas novas que até agora têm chegado. Muitos morrem por não poderem se habituar a esta terra quente.²⁷³

O forte calor, insuportável em muitos momentos do dia, conforme assinala o jovem soldado,²⁷⁴ matava, por vezes, maior número de soldados neerlandeses do que os próprios confrontos armados com portugueses e nativos, as doenças, ou ainda, a fome. Combatendo em terras de temperaturas assaz elevadas, os soldados não raro padeciam por não se habituarem a guerrear em condições tão adversas. Em dada altura de seu diário, Richshoffer relata que “os canos dos mosquetes estavam tão aquecidos pelo sol e pelo constante fogo que quase era impossível carregá-los mais”.²⁷⁵ As intensas temperaturas derretiam mesmo a cera dos selos que lacravam as correspondências. Em nota, o autor do *Diário...* afirma que

²⁷² **Nota sobre a obra:** O *curioso livrinho* foi prensado uma única vez no período. Tal edição, escrita em vernáculo alemão, foi publicada aos cuidados do editor Josias Städeln, na cidade de Strasburgo, em 1677. O relato do soldado germânico, contudo, passou despercebido às casas editoriais da Europa e não foi vertido para nenhum outro idioma na época.

²⁷³ RICHSHOFFER, Ambrósio. *Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)*. 2. ed. São Paulo: Ibrasa/ Brasília: INL, 1978, p. 90.

²⁷⁴ Em seu diário, o sentinela alemão menciona uma série de passagens em que o forte calor acompanha suas atividades. Num parágrafo bem mais feliz, o germânico dá notícias acerca dos refrescos utilizados – raramente – para aliviar o forte calor e o cansaço das batalhas. Eis o que escreve Richshoffer: “Não obstante estivéssemos todos muito fatigados do constante pelejar e do intolerável calor, de pronto nos restauramos com o delicioso vinho de Espanha e refrescamos com limões, laranjas e açúcar”. Ibidem, p. 60.

²⁷⁵ Ibidem, p. 100.

a cera espanhola do selo [da missiva] derreteu-se e estragou-se por tal forma, durante a minha viagem às Índias Ocidentais que, quando aqui chegou felizmente o meu Sr. Major teve que selá-lo novamente.²⁷⁶

Daí, comenta Richshoffer, “pode-se facilmente inferir qual o *quase intolerável calor* que se faz naqueles países”²⁷⁷ abaixo da linha equinocial e, em especial, no Brasil.

Adentrando pelo Setecentos, a percepção do intenso calor destas plagas mostra-se mais saliente. Conquanto alguns visitantes europeus ainda insistiam em enfatizar a amenidade e a temperança do clima, – enaltecendo, inclusive, suas propriedades terapêuticas –, o número de estrangeiros incomodados com as elevadas temperaturas que se faziam sentir nesta porção do globo aumentava gradativamente.²⁷⁸

Juan Francisco de Aguirre, por exemplo, em seu *Diário*, sugere ser o Rio de Janeiro insalubre e prejudicial à saúde dos moradores.²⁷⁹ A cidade, “dominada por montanhas, que formam, na parte ocidental, uma espécie de paredão”,²⁸⁰ não pareceu lá muito saudável ao viajante. Tal configuração, explica, “impede a circulação do ar e não permite que o vento refresque a região, de ordinário *muito quente*”.²⁸¹ As temperaturas elevadas, aliadas ao mau planejamento do município,²⁸² edificado entre elevações que impedem a livre circulação do

²⁷⁶ RICHSHOFFER, Ambrósio. **Diário de um soldado da Companhia das Índias Ocidentais (1629-1632)**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa/ Brasília: INL, 1978, p. 110.

²⁷⁷ Ibidem. Grifos meus.

²⁷⁸ De acordo com o historiador Jean Marcel Carvalho França, “ao longo do século XVIII, malgrado a persistência da percepção do clima temperado e da reafirmação dessa ideia, o calor dos trópicos passa, num crescendo, a realmente tocar os visitantes estrangeiros e, sobretudo, a parecer-lhes bastante inóspito e insalubre”. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. “O mundo natural e o erotismo das gentes no Brasil Colônia: a perspectiva do estrangeiro”. In: **Topoi**, v. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 17.

²⁷⁹ As temperaturas elevadas registradas na cidade do Rio de Janeiro e seus efeitos nocivos incomodaram mesmo vários vice-reis lusitanos. Conforme escreve o historiador Nireu Cavalcanti, “os vice-reis registravam em suas correspondências as doenças que os acometiam ao chegarem à cidade, em função, principalmente, das condições climáticas adversas”. O marquês do Lavradio, por exemplo, lastimava, em missiva endereçada ao amigo João Gomes de Araújo no ano de 1770, os incômodos que o acometiam na cidade do Rio de Janeiro, pois “o ar que aqui se respira é sumamente prejudicial à saúde.” CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 36.

²⁸⁰ AGUIRRE, Juan Francisco de. *Diário de J. F. de Aguirre*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 211.

²⁸¹ Ibidem, loc. cit. Grifos meus.

²⁸² A cidade do Rio de Janeiro conheceu razoável número de críticas quanto à sua localização, que impedia a circulação do ar, fazendo inóspito o lugar. O tenente da marinha inglesa Watkin Tench, passando pela urbe em 1787, escreve que “a cidade de São Sebastião situa-se do lado oeste do porto, num terreno baixo e insalubre, rodeado por montanhas. Tal localização impede a livre circulação do ar e expõe os habitantes a febres intermitentes e a doenças pútridas.” TENCH, Watkin. *A Narrative of the Expedition to Botany Bay. With an account of New South Wales....* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 257. A funesta realidade anotada pelo oficial britânico foi constatada anos depois por outro inglês, um dos membros da comitiva do Lorde Macartney, o camareiro do célebre George L. Staunton, Aeneas Anderson. Em temporada na cidade

ar, eram, aliás, tidas pelo espanhol como fatores determinantes para os mal-estares comuns dos cidadãos.

A palidez estampada no semblante dos habitantes deixa claro que essa região é péssima para a saúde. Há quem afirme que isso se deve à temperatura, outros dizem que à alimentação, há ainda os que culpam a falta de ventilação e a diminuição das ventanias. A temperatura realmente é bastante elevada. Durante o verão, o termômetro, instalado no alto do Castelo de São Sebastião, nunca marca menos do que 82°F, subindo até 86°F. No inverno, os termômetros dificilmente marcam menos de 60°F. Essa temperatura, somada à alimentação, à falta de ventilação, ao curso regular dos ventos e à atmosfera, produz as deploráveis condições de saúde da população dessa cidade.²⁸³

“Tenho para mim”, conclui Aguirre, “que o consumo excessivo de peixe e de carne de porco e a ausência de ventos, que torna o ar muito seco, são as causas principais” desta palidez estampada nas feições dos colonos.²⁸⁴

Uma década após as andanças do espanhol pela baía de Guanabara, foi a vez de um inglês colocar em dúvida as virtudes medicinais dos ares cariocas. Um dos membros da comissão diplomática enviada à China por George III, o soldado da guarda, Samuel Holmes, escreveu que o clima local era

quente e insalubre, sujeito a tempestades, trovões, relâmpagos, chuvas e ventos variáveis. Sem as brisas marítimas, que sopram no período da tarde, a temperatura seria insuportável. Durante a nossa arribada, no mês de dezembro, *o calor foi intenso*.²⁸⁵

Diante de cenário tão adverso, o soldado comenta:

carioca entre novembro e dezembro de 1792 o britânico anotou que “A cidade, chamada por uns de São Sebastião e por outros de Rio de Janeiro, foi edificada sobre uma planície, situada a oeste do porto. O terreno é todo rodeado por altas montanhas, o que impede a circulação do ar e torna o ambiente muito insalubre para a constituição do Europeu.” ANDERSON, Aeneas. *A Narrative of the British Embassy to China in the Years 1792, 1793, and 1794*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 313. Observações semelhantes foram escritas pelo oficial inglês James Kingston Tuckey uma década após a passagem da comitiva diplomática britânica, em 1802. Diz-nos o exímio navegador que “a cidade de São Sebastião, cidade circundada por montanhas que impedem a livre circulação do ar, é mais insalubre que outras possessões situadas na costa” TUCKEY, James Kingston. *An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass’s Strait...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 270.

²⁸³ AGUIRRE, Juan Francisco de. *Diário de J. F. de Aguirre*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 223.

²⁸⁴ Ibidem, loc. cit.

²⁸⁵ HOLMES, Samuel. *The Journal of Mr. Samuel Holmes, sergeant-major of the XI light dragoon...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, pp. 254-255. Grifos meus.

Não pudemos deixar de pensar que, na mesma época em que os nossos amigos na Europa buscavam todos os meios para se protegerem do frio, nós respirávamos com dificuldade os vapores envolventes de uma atmosfera sufocante.²⁸⁶

No ano anterior à arribada da comitiva diplomática britânica, a má qualidade dos ares do Rio de Janeiro já havia sido mencionada pelo condenado irlandês George Barrington. Em abril de 1791, a caminho da prisão de Botany Bay, na Austrália, presídio onde o criminoso deveria cumprir seus sete anos de cárcere, a embarcação encarregada de transportar a ele e a outros 292 condenados, o *Albemarle*, teve de fazer aguada de três semanas no Rio de Janeiro depois que os condenados se amotinaram nas proximidades da Ilha da Madeira. O trapaceiro, a dar ouvidos às informações que deixou de próprio punho, desempenhou papel decisivo para o fim da baderna em alto mar e, ao descer em terra, pôde perambular pela então capital dos domínios portugueses na América e conhecer um pouco da urbe e de sua gente.²⁸⁷ Aliás, a arquitetura da capital das possessões portuguesas impressionou consideravelmente o irlandês. “A cidade de São Sebastião é grande e bem construída”,²⁸⁸ enaltece o larápio. Os elogios, porém, não se estendem à localização e aos ares do lugar. A urbe se encontra “situada num terreno baixo, úmido e cercado por altas montanhas”,²⁸⁹ aspectos estruturais e naturais que exercem influência negativa sobre o belo município. A temporada na baía de Guanabara mostrou, ainda, ao prisioneiro, que a cidade “nunca recebe ar fresco, nem do mar nem da terra”.²⁹⁰ As altas temperaturas da região mereceram igualmente as suas queixas: “o calor, durante o verão, é insuportável” e o ar, “em todas as estações, terrivelmente insalubre”.²⁹¹

Os testemunhos sobre a qualidade do ar e das temperaturas na colônia lusitana, conforme observamos, variaram consideravelmente no decorrer de todo o período colonial. Os viajantes que encontraram nestas plagas os contornos e indícios de um paraíso terrestre há muito perdido não são raros. O clima deleitável e as deliciosas brisas marítimas, responsáveis

²⁸⁶ HOLMES, Samuel. The Journal of Mr. Samuel Holmes, sergeant-major of the XI light dragoon...In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p.255.

²⁸⁷ **Nota sobre a obra:** O *An Account of a Voyage to New South Wales*, livro contendo as descrições do gatuno irlandês – nomeado posteriormente juiz de paz na colônia de Parramatta – foram publicadas em Londres, em 1793. As reedições não demoraram a saltar das tipografias. Já em 1795 o relato é prensado novamente e no ano seguinte a obra ganha a sua terceira prensagem. No Oitocentos o *An Account...* ainda foi publicado em mais três oportunidades, em 1801, 1803 e 1810. O prestígio que tiveram as notas de Barrington entre os leitores de língua inglesa não foi experimentado, no entanto, entre os leitores de outros vernáculos. A obra foi vertida apenas uma vez, para o francês, no ocaso do Setecentos, em 1797.

²⁸⁸ BARRINGTON, George. *An Account of a Voyage to New South Wales*. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 266.

²⁸⁹ Ibidem, loc. cit.

²⁹⁰ Ibidem, loc. cit.

²⁹¹ Ibidem, loc. cit.

por amenizar o calor e extirpar os ares viciados e pútridos, mereceram atenção em um punhado de cartas e relações. Por sua vez, o contingente de visitantes estrangeiros que notaram serem estas terras insalubres, quentes ou abafadas demais para o estabelecimento europeu é também considerável. As temperaturas elevadas causavam, frequentemente, incômodos, enfermidades e uma série de indisposições aos exploradores oriundos do velho continente, chegando, inclusive, a vitimar os menos aclimatados.

2.6 – Da ação das altas temperaturas

Para além, no entanto, das divergências, os visitantes estrangeiros concordam em ao menos um ponto: o clima da América portuguesa é quente. Tanto os apreciadores das temperaturas elevadas quanto aqueles que se queixaram ou criticaram os dias e noites de calor sentidos em suas visitas ao continente americano concordam sobre este ponto fundamental. Discordâncias quanto às apreciações, consentimentos quanto às percepções. Excessivamente elevadas são as temperaturas sentidas nesta faixa do globo, não há qualquer dúvida sobre essa questão. E, ao que indicam os escritos estrangeiros, as altas temperaturas tendiam a influenciar não somente o aspecto físico de homens e mulheres, mas também, e de forma mais acentuada, a sua conduta moral. O erudito francês André Thevet, escrevendo em meados do Quinhentos, já ponderava a respeito dos efeitos das temperaturas sobre o comportamento humano:

Quanto aos costumes, sabe-se que, assim como as temperaturas do ar de lugares distintos, assim também as pessoas adquirem temperamentos variados, ocorrendo conseqüentemente a diversificação dos costumes, pela afinidade que existe entre a alma e o corpo, como o demonstra Galeno em seu livro.²⁹²

O corpo humano, de acordo com o religioso, responde aos mínimos estímulos das temperaturas. A sua própria experiência assim o dizia, pois, mesmo dentro dos limites da pequenina França – nação territorialmente modesta e, portanto, com ínfima variação nas temperaturas – era verificável a alteração nos modos dos habitantes de acordo com a região ocupada.

²⁹² THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 24.

Vemos em nossa Europa, até mesmo dentro da França, uma certa diferenciação dos costumes de acordo com a região. Age-se de um determinado modo na Céltica, de outro na Aquitânia, e de ainda um outro na Gália Bélgica: em cada uma das três encontrar-se-á alguma diferença.²⁹³

Menos esclarecedores do que os apontamentos legados por Thevet, mas igualmente importantes para a matéria em questão, são os comentários de Claude d'Abbeville, registrados logo no início do século XVII, em 1612: “Ensina-nos o filósofo, e a experiência o comprova, que o clima temperado é saudável não somente ao corpo, mas ainda ao intelecto e à natureza humana”, pondera o capuchinho; mais adiante, conclui: “é por existirem tantos climas fantasticamente diferentes que se deparam tantos costumes diversos e díspares e concordes com a temperatura”.²⁹⁴

Ambos os religiosos franceses concordam, desta maneira, na relação existente entre as diferentes temperaturas do mundo e os diversos costumes dos homens. Amparados pelos conhecimentos adquiridos em obras de referência na época – Thevet se apoia nos clássicos escritos de Galeno enquanto seu compatriota invoca a autoridade de um *filósofo* – e, tendo percorrido distantes terras e conhecido diferentes povos cujos modos de se portar se diferenciam consideravelmente uns dos outros, os missionários julgam imperiosa a atuação do clima na definição dos temperamentos humanos.

Dito isto, passemos os olhos pelos apontamentos do grande divulgador da moralidade delicada do belo sexo na América, o capitão inglês James Cook. Ao longo das páginas que redigiu acerca de sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1768 o navegador britânico destaca a voluptuosidade das mulheres da recém-nomeada capital dos domínios lusitanos na América. Conhecedor de diversos territórios por todo o mundo e, por conseguinte, de vários povos, Cook diagnosticou ser comum às mulheres das colônias meridionais, espanholas e lusitanas, o desregramento amoroso:

Creio que todos estarão de acordo em admitir que as mulheres das colônias espanholas e portuguesas da América meridional concedem seus favores mais facilmente do que aquelas dos países civilizados.²⁹⁵

²⁹³ THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978, p. 24.

²⁹⁴ ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945, p. 243.

²⁹⁵ COOK, James. *Cook's Voyage (1768-1771)*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p.180.

O julgamento do oficial aponta dois aspectos merecedores de atenção. Em um primeiro momento, o parágrafo acima sugere uma espécie de consenso sobre a matéria, consenso decorrente, certamente, das dezenas de viajantes que haviam deixado registrados comentários versando sobre as condutas inapropriadas das americanas. O segundo aspecto, mais interessante neste momento da exposição, indica existir correlação entre a posição geográfica das colônias portuguesas e espanholas e o comportamento lascivo de seus habitantes. Quando o navegador inglês conclama seus leitores a reconhecerem a lubricidade inerente às mulheres das colônias lusitanas e espanholas na América meridional, sua intenção não é denunciar a corrupção de costumes dos colonos naturais de Portugal ou Espanha. A origem dos colonizadores não deve ser entendida como fator fundamental nas considerações de Cook. Da mesma maneira, a concepção geográfica de América meridional deve ser ignorada, ou antes, entendida de outro modo, pois a questão essencial proposta pelo oficial britânico é anterior à posição do globo e se esconde nas entrelinhas. O que induz as mulheres americanas aos desregramentos sexuais é, no entendimento do viajante, a incidência das temperaturas elevadas.²⁹⁶ Amantes das paixões as mulheres dos trópicos não em razão dos laços sanguíneos ou culturais com os pequenos reinos de Espanha ou Portugal ou de habitarem um continente luxurioso por si mesmo, mas devido ao intenso calor a que estão constantemente expostas.

Indicativa a respeito da atuação das temperaturas elevadas sobre o corpo e sobre a conduta dos homens e mulheres é a constatação do barão Georg Heinrich von Langsdorff.²⁹⁷ Observador atento e possuidor de rara sabedoria e cultura – principalmente se o confrontarmos com a maioria dos viajantes que percorreram a América portuguesa antes do desembarque da família real no Rio de Janeiro²⁹⁸ –, o naturalista germânico, atento à

²⁹⁶ Toda a sorte de paixões, mesmo as mais violentas, conheciam nestes cantos suas mais pulsantes facetas. O ciúme, por exemplo, sofre também a influência do clima setentrional, segundo os viajantes europeus. O misterioso M. de la Flotte é efusivo a esse respeito. Segundo o viajante “ninguém ignora até que ponto os povos meridionais são capazes de levar o seu ciúme”. LA FLOTTE, M. de. *Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p.140.

²⁹⁷ **Nota sobre a obra:** O relato do barão deu às prensas em 1812 na cidade de Frankfurt. No ano seguinte saiu a tradução para o inglês, que foi reeditada no ano de 1817 e, em 1818 o *Bemerkungen auf einer reise um die welt in den jahren* foi vertido para o holandês.

²⁹⁸ Graças às medidas tomadas por D. João VI com a transferência da corte para o Brasil – a abertura dos portos às nações amigas e a concessão de datas de terras a estrangeiros – o contingente de viajantes oriundos do velho continente em tráfego pelo Brasil aumentou. O cenário convidativo, sem as perseguições e privações de outrora, proporcionou a uma série de visitantes curiosos e cultos a oportunidade de conhecer a América portuguesa lida nos livros de viagem dos séculos anteriores. Assim, após 1808 temos o desembarque de homens da estatura intelectual de um Auguste de Saint-Hilaire, de um John Luccock, de um Ferdinand Denis, de um Maximilian Wied-Neuwied, de um Jean Baptiste Debret – que integrou junto com outros artistas franceses a *Missão Artística Francesa* –, de um Johann Moritz Rugendas, ou dos participantes da *Missão Artística Austro-Alemã* Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, para nos atermos apenas a alguns poucos nomes. Ver:

temperatura local, aos males corporais que tanto atormentavam os catarinenses e ao despudor dos colonos, teceu, em 1803, algumas breves considerações acerca da influência exercida pela temperatura sobre o corpo humano. Encontra-se em Santa Catarina, escreve o alemão, “toda espécie de doenças de pele, caso comum a todos os lugares de clima quente”.²⁹⁹ Da mesma maneira que as enfermidades cutâneas, “o vírus da doença venérea está bem difundido”³⁰⁰ entre os habitantes locais, graças à ação das altas temperaturas. Aliás, o instinto sexual na colônia portuguesa, “*como em todas as regiões quentes do globo*”,³⁰¹ desperta precocemente. Jovens na tenra idade, “aos 12 ou 13 anos”, por força da trágica influência climática, “se entregam à sua sensualidade, envolvendo-se com suas escravas e outras mulheres”, alastrando, desse modo, a “terrível peste” – característica das localidades quentes – entre os habitantes.³⁰²

Charles-Louis de Secondat, o barão de Montesquieu, desenvolveu teoria mais esclarecedora a respeito do império da temperatura sobre a fisiologia dos corpos³⁰³ – relação responsável, de acordo com os viajantes mencionados, pela alteração nos atributos físicos e pelos comportamentos distintos nas mais variadas nações do planeta. Em seu afamado *Espírito das Leis*, publicado pela primeira vez em 1757, o homem das luzes procura demonstrar o modo como as diversas temperaturas da Terra atuam sobre o corpo humano e, conseqüentemente, sobre o caráter dos povos, por meio do desenvolvimento “de uma espécie de ‘teoria das fibras’”.³⁰⁴

De acordo com Montesquieu as extremidades das fibras exteriores do corpo se reduzem quando expostas aos rigores das baixas temperaturas. Essa diminuição do comprimento das fibras externas colaboraria para o retorno do sangue dos extremos do corpo ao coração, pois aumentaria sua força e sua elasticidade. Já as altas temperaturas, pelo contrário, tenderiam a distender e alongar as extremidades das fibras, diminuindo sua tensão e sua força. Diante disto, fica evidente para o filósofo francês, que nos países de climas frios os habitantes tendem a possuir corações mais fortes, de maior potência. Não por acaso, os

LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

²⁹⁹ LANGSDORFF, Georg Henrich von. Voyages and travels in various parts of the world, during the years 1803, 1804, 1805, 1806, and 1807. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996, p. 180.

³⁰⁰ Ibidem, loc. cit.

³⁰¹ Ibidem, loc. cit. Grifos meus.

³⁰² Ibidem, loc. cit.

³⁰³ Acerca da teoria desenvolvida por Montesquieu e sua influência na época, ver: BOURDIEU, Pierre. Le Nord et le Midi: Contribution à une analyse de l'effet Montesquieu, **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 35, novembre 1980, pp. 21-25.

³⁰⁴ KURY, Lorelai B. No calor da pátria. **Revista USP**, v. 2007, p. 80-89, 2007, p. 86. Segundo a historiadora, para compor essa “teoria das fibras” Montesquieu “sintetizou e sistematizou diversos elementos tradicionais e modernos”. Ibidem, loc. cit.

habitantes de regiões onde predomina a incidência de baixas temperaturas se mostram mais corajosos, detentores de maior vigor físico, além de serem mais francos, menos vingativos e terem pleno “conhecimento de sua superioridade”.³⁰⁵ Além de aumentar a potência do coração, as baixas temperaturas tenderiam a estimular a contração da pele, fechando os poros e reduzindo a sensibilidade das terminações nervosas. À diminuição da percepção aos estímulos sensíveis decorreria a austeridade e a temperança: “Nos países frios se terá pouca sensibilidade para os prazeres”.³⁰⁶ Em nações agraciadas com o clima temperado “ela será maior”.³⁰⁷ Já nos lugares caracterizados por temperaturas elevadas, atenta Montesquieu, a sensibilidade de seus habitantes será “extrema”.³⁰⁸ Desta forma, conclui o homem das letras que, da mesma maneira que “distinguímos os climas pelo grau da latitude, poderíamos distingui-los, por assim dizer, pelos graus de sensibilidade”.³⁰⁹ Nas terras em que predominam as temperaturas elevadas prevaleceria, portanto, o gosto pelos prazeres eróticos ao invés da prudência – “nos climas mais quentes, ama-se o amor por ele mesmo; ele é a única causa da felicidade; é a vida”,³¹⁰ assevera o francês; consequentemente,

encontrar-se-ão nos climas do norte povos que têm poucos vícios, bastantes virtudes, muita sinceridade e franqueza. Aproximemo-nos dos países do sul e acreditaremos afastar-nos da própria moral; paixões mais vivas multiplicarão os crimes; todos tentarão ter sobre os outros todas as vantagens que possam favorecer essas mesmas paixões. Nos países temperados, encontraremos povos inconstantes nas maneiras, em seus próprios vícios e virtudes; ali o clima não tem uma qualidade suficientemente determinada para fixá-los.³¹¹

Nos países ao norte do globo imperaria, portanto, a virtude: povos corajosos, valentes, valorosos, sinceros, francos e sexualmente moderados. Basta, no entanto, afastarmos-nos do norte e nos aproximarmos das terras quentes, localizadas ao sul do Equador, para que os atributos morais corrompam-se em razão das imperfeições do clima. “*Aproximemo-nos dos países do sul e acreditaremos afastar-nos da própria moral*”, destaca Montesquieu – hipótese semelhante às elaboradas pelos viajantes europeus mencionados há pouco. Proposição parecida, igualmente, com o epifonema pronunciado em tom de chacota pelos licenciosos

³⁰⁵ MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. **O espírito das leis**. Apresentação de Renato Janine Ribeiro; trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 239-240.

³⁰⁶ Ibidem, p. 241.

³⁰⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁰⁸ Ibidem, loc. cit.

³⁰⁹ Ibidem, loc. cit.

³¹⁰ Ibidem, p. 242

³¹¹ Ibidem, loc, cit.

holandeses que participaram da tomada e da perda da cidade de São Salvador, aquele que irritou profundamente Gaspar Barlaeus: *além da linha equinocial não se peca*.

Parece haver, desse modo, consenso na época no que diz respeito à subordinação dos temperamentos humanos à temperatura do ambiente que os circundam. Em meio aos povos que habitam as regiões localizadas ao norte do Equador reinaria, graças às baixas temperaturas, a virtude e os comportamentos moderados. Já entre os habitantes de terras situadas ao sul do equinócio, em razão da ação das temperaturas elevadas, imperariam os costumes passionais e a falta de moderação nos prazeres venéreos.

CAPÍTULO 3 DAS MULHERES DA COLÔNIA

3.1 Dos destemperos eróticos das mulheres da colônia

Em 1770, salta das prensas holandesas a primeira edição da *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, de autoria do abade Guillaume Thomas François Raynal. O livro, indiscutivelmente um sucesso editorial para a época, tendo sido, desde seu lançamento, reeditado pelo menos 50 vezes em 15 anos, tinha por intuito oferecer ao leitor uma detalhada análise do sistema colonial europeu. As gentes, os costumes, a religião, o comércio e a cultura dos povos das colônias portuguesas, francesas, espanholas e inglesas situadas nas Índias Orientais e Ocidentais foram cuidadosamente estudados sob a perspectiva iluminista.³¹²

Quando examina o proceder dos colonos das possessões lusitanas, o erudito francês emite juízos nada amistosos a respeito da vida levada por homens e mulheres nos trópicos. Ao abordar os hábitos dos povoadores da América portuguesa, Raynal não enxerga neles condutas exemplares e dignas de estima. Aliás, muito pelo contrário. Por toda a colônia, encontra-se a mesma corrupção dos hábitos: “os costumes do Rio de Janeiro são iguais aos da Bahia e [de] todas as regiões das minas”, escreve Raynal, “os mesmos roubos, as mesmas traições, as mesmas vinganças, *os mesmos excessos de todos os tipos* e sempre a mesma impunidade”.³¹³ Em outra passagem de sua *Histoire*, lembra ainda que, embora tenha havido melhora evidente nos hábitos dos baianos,³¹⁴ “todos os vícios que estão esparsos ou reunidos nas regiões meridionais mais corrompidas formam o caráter dos portugueses da Bahia”.³¹⁵

Neste espetáculo digno de poucos louvores, onde os vícios se sobrepõem às virtudes e os excessos encontram livre tráfego pelas ruas das jovens urbes da América portuguesa, as mulheres da colônia chamam a atenção por suas transgressões às normas de castidade. O

³¹² A respeito da obra e do pensamento do francês, ver: FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida ; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. . A Propósito do Abade Raynal. In: RAYNAL, Guillaume Thomas François. **A Revolução na América**. Prefácio de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Oswaldo Munteal Filho. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993, pp. 1-35.; CAVALCANTE, Berenice de Oliveira. Dilemas e Paradoxos de Um Filósofo Iluminista. In: RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**. Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 11-33.

³¹³ RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**. Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 117, grifos meus.

³¹⁴ “No entanto, a depravação dos costumes parece diminuir, agora que a ignorância não é mais a mesma. As luzes, cujo abuso corrompe, às vezes, povos virtuosos, pode senão depurar e reformar uma nação degenerada, pelo menos tornar o crime mais refinado, jogar um verniz de elegância na corrupção, introduzir uma urbanidade hipócrita e o desprezo pelo vício grosseiro”. Ibidem, p. 112.

³¹⁵ Ibidem, p. 112.

pouco recato com que procuram contatar e seduzir seus eleitos, a coragem para enfrentar as severas punições em caso de apreensão e a sagacidade para burlar a vigilância dos pais, irmãos e maridos provocam rígidas medidas preventivas por parte de seus tutores. Não por acaso, o ciúme masculino se torna marca característica da sociedade colonial brasileira das narrativas de viagem.³¹⁶ A tentativa de coibir o adultério e os romances proibidos fazia com que as mulheres dos domínios lusitanos no além-mar fossem confinadas em suas casas e restritas a poucos passeios. O abade comenta que era permitido às mulheres de São Salvador somente “ir à missa, cobertas com seus mantos, nas mais importantes solenidades”.³¹⁷ Além disso, prossegue: “ninguém tem a liberdade de vê-las no interior de suas casas”.³¹⁸ Tais cuidados, ou “constrangimentos”, como frisa o francês, “obra do ciúme desenfreado” dos homens do lugar, contudo, “*não as impedem de fazer intrigas*”, mesmo tendo a certeza de “serem apunhaladas à menor suspeita de infidelidade”.³¹⁹ Quando, por acaso, eram os pais a descobrirem as indiscrições de suas descendentes, a compaixão os obrigava a repreendê-las de forma mais branda.

Por um relaxamento dos costumes mais razoáveis que o nosso, as jovens que, sem aprovação de suas mães, ou mesmo sob sua proteção, se entregam a um amante, são tratadas com menos severidade; mas se os pais não conseguem encobrir sua vergonha com um casamento, abandonam-nas ao infame ofício de cortesãs.³²⁰

Não menos familiarizadas com as tais *intrigas amorosas*, continua Raynal, eram as mulheres do Rio de Janeiro. As cariocas, assim como suas congêneres soteropolitanas, demonstravam claros sinais de apreço pelo amor desordenado. Armadas da astúcia própria aos corações menos cautelosos e aproveitando-se da arquitetura dos casarões da cidade, as mulheres da sociedade carioca deixavam de lado o recato e a segurança para colocarem-se ao alcance dos olhos daqueles os quais desejavam. Sob as janelas de seus casarões, “as mulheres, sós ou acompanhadas por seus escravos, deixam-se entrever”.³²¹ É do alto das vidraças ou

³¹⁶ O ciúme é tido frequentemente na literatura de viagem como característica marcante dos colonos portugueses na América. Os itens 3.2 “O conhecido ciúme português” e 3.3 “Em defesa da honra: a violência dos homens” versarão sobre essa tópica.

³¹⁷ RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**. Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 118.

³¹⁸ Ibidem, loc. cit.

³¹⁹ Ibidem, loc. cit.

³²⁰ Ibidem, loc. cit.

³²¹ Ibidem, loc. cit.

gelosias, complementa Raynal, que estas “jogam flores aos homens que lhes agrada distinguir, aos que querem convidar para a ligação mais íntima entre os dois sexos”.³²²

Ao contrário do que se pode cogitar, no entanto, a *magnus opum* de Raynal, embora tenha gerado largas discussões a respeito da América e da liberdade dos povos,³²³ não trouxe novidades ou reflexões relevantes quanto aos costumes dos colonos portugueses, nomeadamente das mulheres. Raynal, como outros tantos homens cultivados de seu tempo, fiava-se em conhecimentos adquiridos por meio das viagens empreendidas por europeus para compor suas reflexões. Os contornos traçados pelo religioso francês dando forma às mulheres de moral duvidosa já eram, pois, na época da impressão do *Histoire...*, lugar comum nas descrições estrangeiras. Bem antes de o abade ponderar a respeito da conduta desaconselhável das mulheres da América portuguesa, muitos já haviam sido os europeus que, anotando os pormenores de suas andanças por estas terras distantes e pouco conhecidas, disseminaram comentários mais ou menos detalhados e informativos reprimendo a conduta leviana das mulheres destes cantos.

Francisco Coreal, um espanhol que no último quartel do Seiscentos se aventurou pelas terras pertencentes ao recém-titulado D. Pedro II, o *Pacífico*, mostrou-se surpreso com a solicitude das mulheres da América portuguesa a ponto de escrever alguns parágrafos sobre o assunto. Embora jovem quando de sua chegada à Baía de Todos os Santos – a confiar nas informações contidas em seu *Voyages de François Coreal aux Indes Occidentales*, publicado em 1722 na cidade de Amsterdã,³²⁴ o visitante teria cerca de 34 anos quando aportou na capital da América portuguesa em 1683 –, o estrangeiro já havia experimentado os frescores e os sabores de um punhado de cidades do Novo Mundo. Suas aventuras pela quarta parte do globo começaram precocemente quando, em 1666, com apenas 18 anos de idade, o jovem Coreal singrou rumo ao novo continente. Após perambular por Flórida, México, Antilhas, América Central e Nova Granada, o espanhol, natural de Cartagena, retornou brevemente à Espanha para receber generosa soma proveniente de uma herança paterna e, logo em seguida, partiu rumo a Lisboa, de onde embarcou com destino à América portuguesa para mais três

³²² RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**. Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 118.

³²³ As considerações de Raynal a respeito da liberdade administrativa, política e fiscal das colônias americanas podem ser lidas em: RAYNAL, Guillaume Thomas François. **A Revolução na América**. Prefácio de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Oswaldo Munteal Filho. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

³²⁴ **Nota sobre a obra:** Além desta primeira edição, prensada simultaneamente por quatro casas editoriais – uma holandesa, por J. Frederic Bernard, e três parisienses, por Denis Hortmels, Robert-Marc D’Espelly e Andre Caillau – as impressões do espanhol foram reeditadas em mais três ocasiões ainda no Setecentos: em 1728, 1738 e 1772. Curiosamente, o *Voyages de François Coreal aux Indes Occidentales* não foi vertido para nenhuma outra língua além do francês. Inclusive, não há notícias nem sobre a edição em espanhol, língua materna do autor, da qual a edição francesa teria se valido para a tradução do texto.

anos de andanças pelo novo continente. Nas terras luso-americanas o estrangeiro pôde ampliar consideravelmente seus conhecimentos acerca dos habitantes e de seus costumes, uma vez que, além da capital da colônia, Coreal passou por Santos, São Paulo de Piratininga e Rio de Janeiro. Deixemos de lado, entretanto, suas considerações sobre as demais cidades, pois, foi na cidade de Santos que o espanhol diz vivido “uma situação bastante singular”,³²⁵ semelhante, para não dizer idêntica, àquela experimentada por François Pyrard de Laval e que ilustra a suposta condescendência das mulheres da colônia portuguesa.

De acordo com seus escritos, certa feita, retornando para casa ao cair do dia, o viajante se viu surpreendido por uma negrinha que o abordara de pronto, informando-o que sua senhora a ordenara a conduzi-lo até sua residência “a qualquer preço”.³²⁶ Ciente dos perigos a que se expunha, mas claramente intrigado com a situação, Coreal hesitou por um instante, mas, por fim, deixou-se convencer. Já era noite fechada quando o galante espanhol e sua guia cativa chegaram ao recinto da astuta dama. Esta já o aguardava e, conforme suas notas, o recebeu muito bem, “com uma polidez que, em se tratando de Santos, estava longe de esperar”.³²⁷ A afável recepção, inimaginável segundo o espanhol, devia-se ao mais nobre dos sentimentos, o amor, uma vez que “nada inspira mais a delicadeza e a graça do que o amor”.³²⁸ O romance com a jovem dama da colônia portuguesa o fez perceber que “apesar da ignorância e da grosseria” da boa gente da cidade, as mulheres do lugar são, em matéria de amor, “tão sutis e astutas como as de qualquer localidade da Europa”.³²⁹

O século XVII, no entanto, é um período relativamente pobre no que concerne aos relatos estrangeiros sobre a colônia lusitana. A construção de uma imagem mais detalhada das mulheres dos trópicos, dar-se-á, desse modo, no decorrer do Setecentos. É sobretudo a partir do início do século XVIII que surge um número realmente significativo de escritos que destinam suas páginas a divulgar impressões desabonadoras a respeito da conduta das mulheres locais.

Já na aurora do Setecentos, os leitores europeus interessados em literatura de viagem eram brindados com novos parágrafos descrevendo os destemperos eróticos das mulheres dos trópicos. Em 1703, um viajante anônimo em passagem pela Baía de Guanabara, após elogiar a bela compleição tanto dos homens – que se vestiam “muito decentemente” e “de maneira

³²⁵ COREAL, Jean François. *Voyages de Jean François Coreal aux Indes Occidentales*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 440.

³²⁶ Ibidem, loc. cit.

³²⁷ Ibidem, loc. cit.

³²⁸ Ibidem, loc. cit.

³²⁹ Ibidem, loc. cit.

semelhante à dos franceses”³³⁰ –, quanto do *belo sexo*, comenta em sua narrativa a dificuldade em encontrar no Rio de Janeiro mulheres respeitadas. Nas palavras do anônimo, “a dar ouvidos à gente daqui, não há na cidade mais do que quatro mulheres virtuosas” e, embora saíssem poucas vezes a passeio em seus palanquins cobertos, adornados ricamente e carregados por dois negros para ir à igreja ou realizar pequenas visitas, as jovens, quando na ausência dos maridos, comportavam-se “de maneira muito livre”.³³¹

Apreciações semelhantes saíram poucos anos depois, das observações do comerciante francês Le Gentil La Barbinais. O viajante lançou âncora duas vezes na costa brasileira – a primeira em 1714 na altura de Ilha Grande e a segunda, três anos mais tarde, na Baía de Todos os Santos – e, em sua segunda visita, não poupou palavras para descrever a licenciosidade das baianas. Em uma das cartas que compõem o seu *Nouveau Voyage autour du monde*,³³² após denunciar veementemente a imoralidade do clero brasileiro, o comerciante francês relata que, além de se encontrarem com religiosos pervertidos, “as mulheres [da cidade] vivem de maneira completamente desregrada”.³³³

Nem mesmo a primeira mulher europeia a publicar uma descrição sobre as terras luso-americanas encontrou motivos para elogiar a conduta de suas congêneres dos trópicos. Jemima Kindersley, que visitou a Baía de Todos os Santos em meados de 1774, escreveu sete cartas detalhando os trinta dias passados na cidade e, em algumas delas, tece numerosas queixas a respeito das mulheres do lugar. Já no início de uma de suas missivas, a inglesa adverte seus leitores que não esperem “ouvir nada de muito elogioso sobre as mulheres”.³³⁴ Indolentes e incultas, as baianas usavam de sua astúcia somente para ludibriar os responsáveis por sua vigilância. Conforme narra a Sra. Kindersley em seu *Letters from the island of Tenerife, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies*,³³⁵ “a bem da verdade, elas são, para dizer

³³⁰ ANÔNIMO. Journal de Bord du Président de Grénédan. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p. 103.

³³¹ Ibidem, loc. cit.

³³² **Nota sobre a obra:** O *Nouveau Voyage autour du monde* veio à luz no ano de 1725, em Paris, e no ano seguinte a pomposa obra ganha novamente uma edição saída das prensas parisienses. As curiosas notações de Le Gentil La Barbinais chamaram também a atenção de editores estrangeiros e foram editadas na cidade de Amsterdam em 1727 e em 1731. Contudo, a obra não ficou restrita apenas aos leitores fluentes na língua francesa. O *Nouveau Voyage autour du monde* foi vertido para o italiano em 1762 e para o alemão em 1781.

³³³ LA BARBINAIS, Le Gentil. *Nouveau Voyage autour du monde*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 182.

³³⁴ KINDERSLEY, Jemima. *Letters from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1773-1820)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007, p. 30

³³⁵ **Nota sobre a obra:** As 68 missivas relativas ao período de sua viagem, das quais sete dão conta dos dias passados em companhia dos soteropolitanos, foram compiladas e publicadas com o título de *Letters from the island of Tenerife, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies* por uma conhecida casa editorial inglesa em 1777. As impressões da senhora Kindersley, entretanto, não circularam muito além das fronteiras da

o mínimo, bastante inclinadas às intrigas amorosas”.³³⁶ Por fim, procurando poupar seus leitores de descrições dos desagradáveis hábitos das mulheres destes cantos, a inglesa conclui:

Pudera eu contar-lhe o que a escuridão da noite oculta daquelas que, durante o dia, são vistas somente nas igrejas, as minhas missivas pareceriam um libelo sobre o sexo.³³⁷

Outro inglês, um cirurgião de nome George Hamilton, também teve, assim como sua compatriota, a oportunidade de examinar os indecorosos costumes das mulheres da colônia portuguesa. No entanto, diferentemente de Jemima Kindersley, que assinala a libidinagem das baianas, as *agraciadas* pelas notas do cirurgião britânico foram as cariocas. Durante o verão de 1790, em virtude da difícil travessia do Atlântico, do forte calor e da febre que assolou a tripulação do *Pandora*, navio em que viajava, George Hamilton e seus companheiros de missão tiveram de lançar ferro na cidade de São Sebastião para uma estada de 8 dias. A breve visita, contudo, revelou-se suficiente para que o inglês pudesse discorrer ligeiramente sobre os costumes da cidade. Ao descrever o jardim público da urbe, Hamilton delata os namoricos das jovens da Baía de Guanabara sob as copas das frondosas árvores americanas. “A copa das laranjeiras e de outras elevadas e cerradas árvores, dispostas em diferentes partes desse jardim”, narra o inglês, “pode abrigar cerca de mil pessoas”.³³⁸ Sob a proteção destas magníficas árvores tropicais, “as ninfas libertinas levam a termo suas pândegas noturnas”.³³⁹ Ainda conforme o autor do *Voyage round the World, in His Majesty's frigate Pandora*, livro editado apenas uma vez, em 1793, “as mulheres, que nunca aparecem em público sem a proteção de um véu, são muito dadas à galanteria”.³⁴⁰

3.2 Do ciúme português

Que não se pense, porém, dada a gama de notas que denunciavam os corrompidos hábitos na colônia portuguesa, que as aventuras amorosas vividas pelas mulheres se davam

Inglaterra, uma vez que conheceu apenas uma tradução, para o alemão, quase coetânea à edição em língua inglesa, publicada na cidade de Leipzig.

³³⁶ KINDERSLEY, Jemima. Letters from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1773-1820)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007, p. 30.

³³⁷ Ibidem, loc. cit.

³³⁸ HAMILTON, George. A Voyage round the World, in His Majesty's frigate Pandora. Performed under the direction of Captains Edwards in the years 1790, 1791, and 1792. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 242.

³³⁹ Ibidem, loc. cit.

³⁴⁰ Ibidem, loc. cit.

facilmente e sem implicações para as damas ou para seus amantes. As ações das transgressoras, mesmo as mais cotidianas, eram assistidas de perto por guardiães que deveriam zelar por todos os seus passos e evitar suas quebras de decoro.³⁴¹ A vigilância constante de seus pais, irmãos e esposos não lhes permitia muita liberdade e, para levarem adiante suas patuscadas, as jovens necessitavam de muita astúcia, o que certamente possuíam, como bem mencionou linhas acima a senhora Jemina Kindersley. Passemos, pois, os olhos sobre os parágrafos estrangeiros que registraram, em uma linha ou outra, a vigilância a que estavam submetidas as mulheres destes cantos. Este tipo de vida, em que a reclusão e o zelo desmedido figuram em todas – ou quase todas, como veremos adiante – as esferas da vida pública e privada, chamou a atenção de razoável número de viajantes.³⁴²

Nadando contra a corrente da maioria dos relatos de viajantes sobre o Brasil dos tempos de colônia, Jean-François de Galaup La Pérouse, depois de permanecer quase duas semanas na pequena vila de *Nostra-Senõra-del-Desterro*, em Santa Catarina, descreveu os moradores do lugar como um povo dotado de maneiras polidas, costumes delicados, enorme hospitalidade e apreço pelo trabalho – predicados incomuns nos discursos europeus dedicados aos colonos brasileiros. O relato do navegador francês não deixou, contudo, de mencionar caracteres pouco abonadores dos habitantes da ilha de Santa Catarina.

Polidos e delicados, os colonos catarinenses, contudo, zelavam exageradamente por suas mulheres. O ciúme, segundo a descrição do viajante francês, era um dos poucos aspectos negativos dos habitantes do lugar. Em seu relato, intitulado *Voyage de La Pérouse autour du Monde (1797)*,³⁴³ o conde – que veio a falecer algum tempo depois, quando, nas imediações

³⁴¹ Henrique Carneiro, em *A Igreja, a Medicina e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil*, estudando os manuais de casamento, trata da reclusão das mulheres no Brasil colônia. De acordo com o autor, “a mulher, segundo a moral ibérica moderna não devia sair de casa nem ficar à janela. Para manter o recato, os manuais de casamento recomendavam o confinamento doméstico”. Ainda conforme o historiador, a condição das mulheres no pequeno reino ibérico “podia ser representada pelo provérbio que dizia serem apenas três as ocasiões em que uma mulher devia se ausentar do lar: para se batizar, para se casar e para ser enterrada”. CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a Medicina e o Amor**. Prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000, p. 67-68. A esse respeito ver também: DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.; ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da Colônia (estudo sobre a condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822)**. São Paulo: USP – FFLCH, 1992.

³⁴² No célebre *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre, procurando demonstrar sua grande tese sobre a formação da família brasileira – a base patriarcal –, compõe um retrato das mulheres dos séculos XVI ao XIX, as quais classificamos como culturalmente brancas, que se tornaria célebre na historiografia: a mulher ociosa, passiva, submissa frente aos mandos e desmandos do marido. Ver: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 48ª edição. São Paulo: Editora Global, 2003. A tese do patriarcalismo colonial, cara a Gilberto Freyre, é contestada, entre outros, por: SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.; CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. In: CORRÊA, Mariza. (Org.) *Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 13-38.

³⁴³ **Nota sobre a obra:** As páginas legadas pelo desafortunado conde francês foram impressas apenas uma única vez em sua língua materna, no ano de 1797, em suntuosa edição póstuma. O *Voyage de La Pérouse autour du*

da Ilha de Vanikoro, pertencente ao conjunto de ilhas de Papua-Nova Guiné, ele e toda a sua tripulação naufragaram e viraram repasto dos selvagens da região – salienta que os colonos da pequena vila, além de supersticiosos, eram demasiadamente “ciumentos de suas mulheres, as quais jamais aparecem em público”.³⁴⁴

No entanto, muito tempo antes das anotações do desafortunado francês saltarem das prensas parisienses no ocaso do Setecentos, vários já haviam sido os visitantes europeus que noticiaram aos leitores no velho continente o quão zelosos de suas mulheres eram os colonos portugueses. Adriaen Jacobszoon van der Dussen, por exemplo, numa relação entregue ao comando da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais em 1638, intitulada *Breve Discurso sobre o estado das Quatro Capitanias conquistadas, de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, situadas na parte setentrional do Brasil*, destaca um dos raríssimos momentos de “liberdade” que gozavam as moradoras das capitanias tomadas pelo exército batavo. Descrevendo os moradores do lugar, o holandês informa aos seus superiores que as mulheres da região vestem-se “custosamente e se cobrem de ouro, trazem poucos diamantes [...], poucas pérolas boas, e se ataviam muito com joias falsas”.³⁴⁵ Tal *luxo*, contudo, é produzido unicamente para ser apreciado por suas congêneres próximas. Explica Van der Dussen que as mulheres só saem de suas casas cobertas e “carregadas em uma rede sobre a qual se lança um tapete, ou encerradas em uma cadeira de preço, de modo que elas se enfeitam para serem vistas somente pelas suas amigas ou comadres”.³⁴⁶ Esse rigor nos costumes é, todavia, perfeitamente justificável para o batavo: os pais e maridos, “muito ciosos de suas mulheres”, as trazem sempre cerradas aos olhares estranhos, pois reconhecem que os homens do país “são inclinados a corromper as mulheres alheias”.³⁴⁷

A reclusão que caracterizava o cotidiano das mulheres da América portuguesa foi também matéria abordada em algumas poucas linhas do *Histoire des Indes Orientales*, de

Monde, contudo, agradou consideravelmente os editores e leitores ingleses. O livro foi traduzido para o inglês logo no ano seguinte à edição francesa na cidade de Londres, aos cuidados de John Stockdale. Ainda em 1798 o relato foi prensado em Edimburgo por J. Moir junto a uma *Voyage from Manila to California, by Antonio Maurelle* e um resumo contendo a viagem e as descobertas de G. Vancouver. A terceira edição do *Voyage de La Pérouse* em língua inglesa foi pensada por A. Hamilton em 1799 e a quarta saiu em 1801 na cidade de Boston, impressa por Joseph Bunstead. A quinta e última edição em inglês saltou das prensas em 1807.

³⁴⁴ LA PÉROUSE, Jean-François de Galaup. *Voyage de La Pérouse autour du monde, publié conformément au décret du 22 avril 1791, et rédigé par M. L. A. Milet-Mureau*. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina. Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Lunardelli, 1996, p. 115.

³⁴⁵ NASSAU-SIEGEN, J. Maurice; DUSSEN, Adriaen Van der; KEULLEN, Mathijs Van. Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas no Brazil, pelos holandeses, 14 de Janeiro de 1638. In: MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Fontes para a História do Brasil Holandês**. Vol. 1 – A economia açucareira. Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/Fundação Pró-memória, Recife, 1981, documento 5, pp. 73-125, p. 109.

³⁴⁶ Ibidem, loc. cit.

³⁴⁷ Ibidem, 110.

autoria de Urbain Souchu de Rennefort, ocupante do cargo de tesoureiro da guarda do rei que foi nomeado Secretário do Conselho Soberano da França Oriental após a extinção de seu posto em 1664. Resultado dos quatro meses de permanência no litoral nordestino no ano de 1666, o texto de Rennefort alude ao fato de os colonos portugueses proibirem expressamente suas mulheres de deixarem os muros que as protegiam. Revela o francês que os homens do lugar “são tão ciumentos de suas mulheres que mal as deixam sair de casa”.³⁴⁸ A desconfiança era tamanha que muitas passavam “mais de um ano sem poder ir à Igreja”.³⁴⁹ Conforme atenta Rennefort em seu opúsculo, impresso na cidade de Paris em 1688,³⁵⁰ esta vigília excessiva e privativa se deve, antes de qualquer coisa, à pouca confiança que depositam nas mulheres da cidade seus esposos e tutores.³⁵¹

Três décadas após a visita de Rennefort à Pernambuco, um engenheiro francês de nome François Froger³⁵² escreveu comentários parecidos a respeito da reclusão que caracteriza a vida das mulheres nesses cantos. Após permanecer por quase dois meses na Baía de Todos os Santos, o jovem engenheiro pôde perceber que as mulheres, em número reduzido na cidade, “não se deixam ver por nenhum estranho e só saem de casa aos domingos, quando nasce o dia, para irem à igreja”.³⁵³

A vida enclausurada das mulheres da América Austral também não passou despercebida aos olhos do abade René Courte de la Blanchardière. O religioso francês chegou à costa brasileira na altura de Santa Catarina em 1747 para ali permanecer por menos de duas semanas, de 10 a 22 de fevereiro. Neste curto espaço de tempo entre a arribada e a partida do *Le Condé*, René Courte de la Blanchardière redigiu algumas páginas sobre a Santa Catarina de

³⁴⁸ RENNEFORT, Urbain Souchu de. *Histoire des Indes Orientales*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 406.

³⁴⁹ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁰ **Nota sobre a obra:** O *Histoire des Indes Orientales* foi reeditado em Leiden no mesmo ano da primeira edição saída das prensas parisienses, em 1688. Pouco tempo depois, em 1702, as notas de Rennefort foram impressas novamente em Paris, sob a soleira de *Memoires pour servir a l'histoire des Indes orientales*. As experiências vividas pelo ex-tesoureiro do rei foram traduzidas apenas uma vez, para o holandês. A dita tradução saiu em 1705, na cidade de Rotterdam.

³⁵¹ RENNEFORT, Urbain Souchu de. op. cit. p. 406

³⁵² **Nota sobre a obra:** Os exames de François Froger foram publicados em língua francesa por diversas casas editoriais. Em 1698, o relato ganhou sua primeira edição saída na cidade de Paris e, devido ao grande interesse dos leitores, veio a público, ainda no mesmo ano, a primeira reedição da obra, prensada em Amsterdam. Dois anos mais tarde, a terceira edição sairia novamente em Paris em 1700 e, em 1702, a quarta prensagem era lançada em Lyon. A quinta e última edição em francês saiu em 1715 na cidade de Amsterdam pela célebre casa de Honoré e Chatelain. As observações do francês, no entanto, não chamaram muito a atenção dos editores estrangeiros. O livro foi traduzido uma única vez, para o inglês, no ano da primeira edição em língua francesa, em 1698.

³⁵³ FROGER, François. *Relation d'un Voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Isles Antilles*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 448

meados do Setecentos.³⁵⁴ Os moradores daquelas regiões, ou pelo menos as “pessoas de posses, vestem-se bem e à moda francesa”,³⁵⁵ observa o abade. No entanto, se o vestuário indica consonância com os finos hábitos da sociedade francesa do século XVIII, o mesmo não pode ser dito sobre o comportamento dos catarinenses. O excesso de zelo que têm os homens por suas mulheres distancia-se consideravelmente das boas maneiras praticadas na França e desconhece limites na sociedade colonial. As mulheres da cidade, diz Blanchardière, “só são vistas nas igrejas”.³⁵⁶ Além disso, as vestes destas sinalizam o quão preocupados e desconfiados de suas mulheres são os homens de Santa Catarina. As damas usam, explicita o viajante, assim como em Cádiz, “um véu de tafetá preto que é atado na cintura e recai sobre a cabeça, deixando descoberto somente um olho, o que lhes permite ver sem serem vistas”.³⁵⁷ Em suas casas, no entanto, fora do alcance de olhares estranhos, “essas damas vestem-se ricamente”.³⁵⁸

Pelo que se lê nas narrativas de viagem, a pouca liberdade das mulheres nestas distantes plagas chamou a atenção de um significativo número de viajantes, sobretudo dos franceses. O cirurgião François Vivez, por exemplo, em visita não planejada à costa brasileira em meados de 1767, descreve detalhadamente em seu *Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l'Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69*³⁵⁹ a curta rotina das mulheres da América Portuguesa fora dos limites de suas propriedades. O jovem francês, com apenas 23 anos de idade na época, relata que as cariocas “têm a tez azeitonada e bem desagradável” e “vivem confinadas em casa, pois reina um enorme ciúme no país”.³⁶⁰ Graças ao excesso de cuidados dos colonos – preocupações absolutamente necessárias, dirão alguns – “as mulheres brancas nunca saem durante o dia, a não ser que tenham assuntos urgentes a tratar”³⁶¹ e, quando isso ocorre, “são conduzidas pelas ruas em cadeiras e ninguém pode lhes dirigir a palavra”.³⁶² “A bem da verdade”, elucida Vivez, apontando as severas

³⁵⁴ **Nota sobre a obra:** A relação do religioso gálico, saído com o título de *Nouveau Voyage Fait au Pérou*, foi impressa uma única vez em sua língua de origem, em 1751. A única tradução de que se tem notícia é datada de 1753, quando a obra foi vertida para o inglês, na cidade de Londres.

³⁵⁵ LA BLANCHARDIÈRE, Abbé René Courte de. *Nouveau Voyage fait au Pérou*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 122.

³⁵⁶ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁸ Ibidem, loc. cit.

³⁵⁹ **Nota sobre a obra:** As descrições de Vivez foram impressas apenas uma vez em 1893.

³⁶⁰ VIVEZ, François. *Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l'Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 585.

³⁶¹ Ibidem, p. 585-586.

³⁶² Ibidem, p. 586.

restrições sociais às mulheres da época, “elas só são visíveis para os seus guias de consciência”.³⁶³ Aliás, conforme registrado nas notas do cirurgião, são tais *guias de consciência* os responsáveis por acompanhá-las à igreja. “Segundo contam, cada uma tem o seu guia espiritual”, informa Vivez, e quando se dirigem aos santuários cristãos o fazem juntamente com os primeiros raios de sol, hora do dia em que o número de passantes e olhares curiosos é pequeno. Segundo ainda o cirurgião-mor da *Étoile*, “às 4 horas da manhã, em trajas caseiros *estudados*, elas se dirigem às igrejas” e “depois das 7 horas”, horário em que a vida nos tímidos centros urbanos da colônia começa a efervescer, “já é impossível vê-las na rua”.³⁶⁴

A desconfiança dos homens proporcionava, por vezes, curiosos eventos, inimagináveis para os visitantes europeus. Um misterioso militar de nome M. de La Flotte, rumando para a Índia, desceu no porto carioca em 16 de agosto de 1757 e vagou pela cidade durante dois meses, temporada mais que suficiente para compor um retrato detalhado dos colonos do lugar.³⁶⁵ Em meio às páginas de seu relato, impresso uma única vez em 1769, sob o título de *Essais historiques sur l’Inde*, o soldado francês legou-nos curiosa historieta que reforça as informações de seus patrícios. Ciosos de suas mulheres, os portugueses residentes no Rio de Janeiro proibiam terminantemente suas esposas e filhas de acompanhá-los às festas promovidas pelas autoridades locais. O zelo com o sexo oposto era tamanho que o misterioso aventureiro, certa feita convidado pelo próprio governador, foi a um requintado baile na cidade onde não havia uma única mulher, pois a proibição dos pais e maridos as privava de divertimentos dessa natureza.³⁶⁶ Para suprir, contudo, a ausência das moças, impedidas de festejar, segundo M de La Flotte, em razão da presença dos franceses, o governador, perceptivelmente envergonhado com a cena, procurou remediar a constrangedora situação com uma engenhosa e pitoresca ideia: foram contratados homens que se travestiram de

³⁶³ VIVEZ, François. Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l’Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 586.

³⁶⁴ Ibidem, loc. cit.

³⁶⁵ Segundo nos conta o visitante, “uma estadia de quase dois meses bastou-me para examinar os costumes e o caráter dos portugueses”. LA FLOTTE, M. de. *Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 137.

³⁶⁶ As prédicas moralistas vigentes em Portugal e no Brasil aconselhavam ao não comparecimento a festas, bailes e teatros, uma vez que eventos dessa natureza poderiam aflorar os sentidos e desencadear vontades de natureza sexual. “O teatro, a dança, o riso”, de acordo com Henrique Carneiro, eram todos “instrumentos a serviço do pecado sexual” que poderiam “excitar os sentidos e abrir as portas da percepção para as solicitações sensuais da carne devendo, portanto, serem interditados segundo os moralistas para se impedir o risco das tentações”. CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a Medicina e o Amor**. Prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000, p. 107.

mulher para bailar com os convidados. Eis o que diz o próprio narrador acerca desse singular evento:

Imagine o leitor o quão animado foi esse baile e o quão viva foi a dança. Três ou quatro homens vestidos de mulher se prestavam a dançar com aqueles que quisessem representar este ridículo papel. O governador, em vão, convidara as mulheres da cidade, mas os homens não permitiram que elas fossem. Sua Excelência desculpou-se e nos deu a entender o quanto lhe incomodava ter de conviver com semelhantes homens.³⁶⁷

Um quarto de século havia se passado desde a estada do senhor La Flotte na costa carioca quando Juan Francisco de Aguirre, um diplomata de origem espanhola, desembarcou no mesmo porto e constatou a mesma vigília sobre as mulheres. Enquanto trabalhava na divisão das terras portuguesas e espanholas na América em 1782, o viajante, natural de Pamplona, pôde comprovar o que corria pelas bocas dos europeus há anos:

Dizem que os portugueses são terrivelmente ciumentos, mas sempre pensei que essa afirmação fosse exagerada e sem fundamento. Ledo engano. Fomos informados de que as visitas às damas só são permitidas, mesmo aos parentes, depois de tomadas muitas precauções.³⁶⁸

Uma destas precauções, assinaladas por Aguirre,³⁶⁹ foi notada poucos anos antes do desembarque da família real no porto carioca em 1808. Surpreendido e perseguido pelas autoridades baianas durante uma operação de contrabando de pau-brasil na cidade de Salvador em 1802, o comerciante inglês Thomas Lindley, preso sob a ordem direta do governador Francisco da Cunha, foi posto em custódia pelo desembargador Cláudio José Pereira da Costa e cumpriu 12 meses de cárcere na cidade. Esta desagradável estadia, contudo, não foi das piores. Nesses meses em que permaneceu prisioneiro na cidade, o contrabandista inglês gozou de relativa liberdade, podendo vagar pelas ruas de Salvador sem maiores empecilhos. É nesse cenário de relativa vigilância que o visitante britânico pôde assistir aos desfiles das mulheres locais em suas *cadeirinhas* ou *cabriolés*. Nas páginas de seu

³⁶⁷ LA FLOTTE, M. de. *Essais Historiques sur L'Inde précédés d'un Journal de Voyages...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 106.

³⁶⁸ AGUIRRE, Juan Francisco de. *Diário de J. F. de Aguirre*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 220.

³⁶⁹ **Nota sobre a obra:** As páginas do diário do espanhol não foram impressas sequer uma única vez no período. Os curiosos por notas de viagens teriam de esperar até o início do século XX para tomar conhecimento das descrições de Juan Francisco de Aguirre, uma vez que estas deram à prensa somente em 1905.

diário, publicado poucos anos após seu regresso à Europa sob o título de *Narrative of a voyage to Brasil; terminating in the seizure of a British vessel*,³⁷⁰ Lindley assevera:

Parece aos estrangeiros curiosa a restrição a que estão sujeitas as mulheres deste país, por não poderem passear pelas ruas sem estar hermeticamente fechadas numa cadeirinha, ou segregadas em cabriolé; mas, tal é a força do costume que nenhuma delas jamais é vista com liberdade, exceto no recesso de suas casas.³⁷¹

Ocasionalmente, entretanto, as precauções tomadas pelos esposos se mostravam insuficientes para abrandar o ciúme avassalador dos apaixonados homens da América portuguesa. Para certo número de colonos, limitar o acesso de pessoas ao convívio de suas esposas e filhas, permitir passeios somente estando estas *hermeticamente fechadas* em cadeirinhas e cabriolés ou restringir os limites de seu deslocamento não eram medidas eficientes o bastante para resguardar suas amadas. Por vezes, dizem os visitantes, o zelo excessivo dos colonos obrigava as mulheres dos domínios lusitanos a restrições ainda maiores.

É o que nos revela o escrito legado pelo afamado oficial britânico James Kingston Tuckey. As quase três semanas em solo carioca foram mais que suficientes para que o afamado oficial pudesse filosofar sobre os possessivos habitantes da urbe. O amor, potencializado pelo clima tropical, gerava, segundo Tuckey, angústia e desconfiança nos homens locais: “Na mesma proporção em que cresce a paixão pelo gozo, cresce também o medo de perder o objeto que o proporciona. Daí o ciúme característico dos homens que habitam os climas quentes”.³⁷² O temor em perder aquilo que lhes é mais caro sujeita os homens da América portuguesa a estabelecerem severos regulamentos às suas amadas. “No Rio de Janeiro”, explica o britânico, “a partir do momento em que uma jovem assume compromisso com um homem, ela está sujeita a sofrer todos os constrangimentos dessa paixão desmedida”.³⁷³ Uma das muitas sujeições a que estavam destinadas as jovens comprometidas era o confinamento em um dos conventos da cidade.³⁷⁴ “Caso, antes das

³⁷⁰ **Nota sobre a obra:** Além da primeira publicação saída em 1805 na cidade de Londres e da reedição datada de 1808, publicada também na capital inglesa, o diário do contrabandista britânico foi traduzido para o francês e para o alemão em 1806.

³⁷¹ LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 179.

³⁷² TUCKEY, James Kingston. *An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass's Strait...*. In In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 269.

³⁷³ Ibidem, loc. cit.

³⁷⁴ O viajante se refere, certamente, ao Convento da Ajuda, única instituição dessa natureza na cidade no período. A propósito, as percepções do inglês a respeito da função social da “casa de recolhimento” estavam

núpcias, a ausência do futuro marido se faça necessária, a pretendida é confinada num convento até que ele retorne”,³⁷⁵ explica o capitão. Havia mesmo, no Rio de Janeiro, uma *Casa de Recolhimento*,³⁷⁶ uma instituição pronta a atender às necessidades de maridos e pais inseguros, um recinto “onde as suspeitas de incontinência são isoladas do mundo para que possam, em solidão e silêncio, lamentar e reparar as suas faltas”.³⁷⁷ É para esta casa que, invariavelmente, “os maridos ciumentos e os pais rabugentos enviam suas amantíssimas esposas e filhas”, na maioria das vezes “sob os pretextos mais banais”.³⁷⁸

Consequência de relacionamentos impróprios e de comportamentos considerados inadequados para a época – “as mulheres locais não são exemplos de castidade”,³⁷⁹ adverte um visitante na última década do Setecentos³⁸⁰ –, a falta de confiança depositada nas mulheres da América portuguesa e, conseqüentemente, o ciúme de seus responsáveis por vezes culminavam em medidas drásticas por parte dos colonos, os quais, como procuramos demonstrar nesta série, supostamente buscavam, por meio de rigorosas imposições sobre os costumes de suas mulheres, frear os impulsos quase irrefreáveis da carne.

corretas. Segundo a historiadora Leila Mezan Algranti, no notável *Honradas e devotas*, “os conventos existentes na Colônia, como o do Desterro na Bahia, ou o da Ajuda no Rio de Janeiro, [...] acabaram servindo, como todos os recolhimentos, para asilo de mulheres em conflitos com seus maridos, viúvas ou educandas”. ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da Colônia** (estudo sobre a condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822). São Paulo: USP – FFLCH, 1992. (Tese. Doutorado em História), p. 88. *Mesmo parecer sobre a função dos recolhimentos no Brasil colonial é dado por Maria Beatriz Nizza da Silva na obra Sistema de casamento no Brasil colonial. De acordo com a historiadora, “os recolhimentos eram simples instituições que se destinavam ou à educação e resguardo de donzelas, ou a servir de depósito seguro para as mulheres casadas durante as ausências de seus maridos, ou de retiro espiritual para as viúvas ou, finalmente, de local de correção para aquelas donas cuja conduta deixava a desejar, de acordo com a opinião dos pais ou maridos”.* SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 23.

³⁷⁵ TUCKEY, James Kingston. An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass’s Strait.... In In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 269.

³⁷⁶ Malgrado a existência de diferenças institucionais entre os conventos e os recolhimentos, no Brasil dos tempos de colônia as duas instituições se assemelhavam substancialmente. A maior diferença, conforme a análise de Leila Mezan Algranti, consistia na obrigação de fazer votos “solenes” quando do ingresso nos conventos, diferente do que acontecia na admissão nas casas de recolhimento, onde os votos não eram necessários. Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. op. cit. p. 87. *Um exame cuidadoso sobre a atuação das duas instituições na colônia lusitana pode ser visto na referida obra de Algranti, sobretudo no segundo capítulo.*

³⁷⁷ TUCKEY, James Kingston. op. cit. p. 261-262.

³⁷⁸ Ibidem, p. 262.

³⁷⁹ LISLE, James George Semple. *The life of Major J. G. Semple Lisle*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ; José Olympio, 1999, p.343.

³⁸⁰ **Nota sobre a obra:** O viajante em questão, o inglês James Semple Lisle, publicou suas anotações em livro intitulado *The life of Major J. G. Semple Lisle*, impresso na cidade de Londres em 1799. As impressões do viajante, ainda que não tenham conhecido traduções, ganhou uma reedição no ano seguinte.

3.3 Em defesa da honra: a violência dos colonos

Nem sempre, contudo, as precauções tomadas pelos colonos se mostravam eficazes. Por vezes a cólera diante das frequentes quebras de decoro tomavam proporções desmedidas, acabando em tragédia. Diante disso, não é raro encontrar parágrafos da literatura de viagem que, ao descrever a vida nas cidades do Brasil colonial, alertam os futuros viajantes para os perigos em ter qualquer tipo de envolvimento com as mulheres destes cantos.

Já na primeira narrativa que descreveu os romances proibidos vividos pelas mulheres da colônia portuguesa, aquela legada pelo intrépido François Pyrard de Laval quando de sua arribada na costa baiana em 1610, é possível notar o quão arriscado poderia ser o envolvimento amoroso com as mulheres locais. Em seu conhecido relato, o visitante francês narra uma história que ganhara notoriedade na Baía de Todos os Santos de antanho: a querela amorosa envolvendo o filho caçula do vice-rei dom Francisco de Meneses e um colono cuja honra havia sido manchada pelo ilustre rapaz. De acordo com o viajante, ao flagrar sua esposa na cama junto ao dito filho do vice-rei, o marido, enciumado e encolerizado pela quebra de decoro de sua amada, lançou-se sobre o distinto transgressor que, rapidamente, pôs-se em fuga ferido. Quanto à infiel dama portuguesa, malgrado os “cinco ou seis golpes de espada”³⁸¹ recebidos, não veio a falecer.

Outra referência ao fatídico destino reservado aos homens que desonrassem as mulheres da América portuguesa saiu das observações do espanhol Francisco Coreal. Conhecedor da sina dos amantes apanhados em flagrante, o galante europeu e sua amada dos trópicos traçaram um engenhoso plano para que o esposo desta não os flagrasse. Depois de transcorridos os primeiros encontros entre o viajante e a jovem dama portuguesa, Coreal se viu diante de um pedido inusitado feito pela dama. Esta, temendo a desconfiança do marido traído, exigiu, para que os encontros furtivos continuassem a ocorrer, que o espanhol se trajasse como um padre quando a fosse visitar. Tal artifício, seguido à risca por Coreal, pode ser explicado: passando-se por sacerdote, o *amante precavido* poderia iludir a vigilância do esposo e continuaria, assim, a ter com sua admiradora sem maiores perigos, resguardado do conhecido ciúme português.

A audaciosa simulação parece, conforme as notas legadas por Coreal, ter surtido o efeito desejado, pelo menos durante algum tempo. “Lançando mão desse recurso”, assevera o

³⁸¹ LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...] In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 374.

viajante, “continuei a visitá-la tranquilamente durante todo o tempo em que estive em Santos”.³⁸² Entretanto, sabedor de um incidente ocorrido na Bahia que deu cabo a plano semelhante ao seu, o espanhol tratou de se acautelar. De acordo com Coreal, um galante vestido de padre teve a vida encurtada pela lâmina de um marido enciumado:

Soube, contudo, que na Baía um acidente pôs a perder plano semelhante. Um português encontrou um religioso aos pés de sua mulher, numa posição permitida somente a um esposo, e apunhalou os dois na mesma hora.³⁸³

O cirurgião inglês John White, que passou pelo Rio de Janeiro no ano de 1787, também escreveu a respeito dos crimes de sangue motivados por intrigas amorosas. Conhecendo o hospital da cidade na companhia do cirurgião geral da Armada, o inglês comenta que foi trazido até os médicos

um soldado que tinha sido ferido do lado direito do abdome. O instrumento cortante tinha penetrado o órgão, mas não chegara a atingir o intestino. Pela forma e pela natureza do ferimento, era possível perceber que ele tinha sido causado por um golpe de estilete. Após os primeiros curativos terem sido feitos, o acidentado contou-nos que, na noite anterior, ele tivera uma querela com dois camaradas por causa de uma mulher e que um deles, aproveitando-se da escuridão, o tinha golpeado com um instrumento pontiagudo. A partir dessa história, deduzi que os assassinatos eram bastante comuns no Brasil.³⁸⁴

Tais tragédias, impostas aos transgressores menos afortunados, ou mais descuidados, recaíram sobre inúmeros casais de amantes. Não é raro deparar com notícias sobre a América portuguesa que dão conta de incidentes fatais motivados por intrigas amorosas. Estes crimes de sangue, no entanto, não envolviam somente os colonos. Os estrangeiros, deveras apreciados pelas damas locais, como veremos adiante, sentiram, também, diversas vezes, a fúria dos maridos enciumados.

Os assassínios dos visitantes europeus pareciam ser tão recorrentes nas cidades da colônia lusitana a ponto de, em 1757, um visitante francês alertar os aventureiros estrangeiros acerca dos perigos que envolviam a solicitude das mulheres locais. Malgrado todo o esforço de seus cônjuges para cerceá-las e vigiá-las de perto, elas utilizavam de mil artifícios para

³⁸² COREAL, Jean François. Voyages de François Coreal aux Indes Occidentales... In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, pp. 440-441.

³⁸³ Ibidem, loc. cit.

³⁸⁴ WHITE, John. Journal of a Voyage to New South Wales... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 254.

levar adiante suas indiscrições: “Apesar dos ferrolhos, das grades, das aias e da guarda severa dos maridos”, destaca o citado La Flotte, “*não há no mundo cidade onde as mulheres sejam mais livres*, o que conseguem servindo-se dos mesmos meios utilizados para impedi-las de o ser”.³⁸⁵ Como todas as mulheres da cidade “se escondem atrás de um véu e se vestem de preto, é impossível, mesmo ao olhar mais penetrante, distingui-las umas das outras”.³⁸⁶ Desta maneira, “uma mulher, sob o pretexto de ir à igreja, pode tranquilamente dirigir-se para um encontro sem ser reconhecida”.³⁸⁷ Entretanto, àqueles visitantes mais dados às paixões, amigos da galanteria e dos prazeres concupiscentes que pensam em ceder às investidas das damas da cidade, La Flotte aconselha:

Ninguém ignora até que ponto os povos meridionais são capazes de levar o seu ciúme. Posso assegurar que, no Brasil, essa paixão não conhece limites. No Rio de Janeiro, um estrangeiro corre grande perigo se olhar fixamente para uma mulher.³⁸⁸

Se tivesse conhecimento de tais recomendações, a sorte do capelão engajado na empresa comandada pelo conhecido militar francês Louis Antoine Bougainville talvez tivesse sido outra. Dizem os contemporâneos à tragédia que o assassinato do religioso deveu-se a uma desavença motivada por aquele “ciúme que não conhece limites” mencionado por La Flotte. François Vivez, companheiro de viagem do capelão, registrou em seu diário o infortúnio do religioso viajante nos seguintes termos:

Em meio a esta tempestade, tivemos o azar de perder nosso capelão, que, depois de embarcar ao entardecer numa piroga, foi assassinado e lançado na água. Os seus algozes foram tão cruéis que chegaram a suspendê-lo pelos pés e afogá-lo na água a golpes de remo.³⁸⁹

Embora Vivez não forneça em seu diário os motivos pelos quais seu colega de missão tenha tido a vida encurtada, talvez devido ao pudor ou ao respeito pelo capelão, outros visitantes o fizeram posteriormente.³⁹⁰

³⁸⁵ LA FLOTTE, M. de. *Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 140. Grifos meus.

³⁸⁶ Ibidem, loc. cit.

³⁸⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁸⁸ Ibidem, loc. cit.

³⁸⁹ VIVEZ, François. *Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l’Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 590.

³⁹⁰ EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis – 1763-1808**. Brasília: Senado Federal,

Ainda no Setecentos, o citado George Hamilton, em passagem pelo mesmo porto em 1790, recorda a má sorte do religioso para ilustrar o caráter ciumento dos colonos. Conforme observa Hamilton em sua breve narrativa, as mulheres do lugar, muito dadas à galanteria, faziam gosto em manter romances com os viajantes estrangeiros. Todavia, de acordo com o visitante, tais intrigas amorosas “vêm sempre acompanhadas de grandes perigos”,³⁹¹ uma vez que no Brasil “os estiletes são muito utilizados, os assassinatos são frequentes [...] e os homens são possuídos por um ciúme sanguinário”.³⁹² Foi tal *ciúme sanguinário*, no entendimento de Hamilton, que deu cabo do capelão que acompanhava Louis Antoine de Bougainville quando de sua passagem pelo porto carioca em 1768. A dar ouvidos ao que conta o oficial britânico, o capelão havia sido morto pelos portugueses em razão de uma querela amorosa.

Tais intrigas foram responsáveis também, segundo os viajantes, por dar cabo da vida de muitas mulheres das possessões lusitanas na América. A severidade dos castigos aplicados às mulheres é tópica abordada pelo relato escrito por François Froger a partir de observações colhidas enquanto vagava pelo nordeste brasileiro na última década do Seiscentos. Logo após enfatizar o cerceamento ao convívio social das mulheres de Salvador, o jovem engenheiro assinala o enorme ciúme que reinava no lugar. Os maridos, anota o francês, “são extremamente ciumentos”³⁹³ e não poupam suas companheiras à menor suspeita de traição. Os varões da cidade, de acordo com as anotações contidas na sua *Relation...*, “julgam ser ponto de honra passar as suas mulheres no fio da espada, caso estejam convencidos de que elas lhes são infiéis”.³⁹⁴

No início do século seguinte, em 1713, o sábio Amédée Frézier excursionou pela segunda vez no território colonial português – a primeira ancoragem havia sido no ano anterior na altura de Santa Catarina – e, seguindo à risca a tradição dos viajantes precedentes, alertou seus leitores a respeito do caráter ciumento dos baianos, notadamente dos soteropolitanos. O engenheiro francês anotou nas páginas do aclamado *Voyage de la mer du Sud* que “os portugueses são tão ciumentos que mal permitem que suas mulheres frequentem

Conselho Editorial, 2000, p. 449.

³⁹¹ HAMILTON, George. A Voyage round the World, in His Majesty's frigate Pandora. Performed under the direction of Captains Edwards in the years 1790, 1791, and 1792. In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 242.

³⁹² Ibidem, loc. cit.

³⁹³ FROGER, François. Relation d'un Voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Isles Antilles. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 448.

³⁹⁴ Ibidem, p. 449.

a missa nos dias de festa e nos domingos”.³⁹⁵ O visitante explica, porém, que tal cautela dos baianos não era de se condenar, visto que, “não obstante todas as precauções, [as mulheres do lugar] são quase todas libertinas e sempre encontram meios de iludir a vigilância de seus pais e maridos”.³⁹⁶ Aliás, a tentação de ir ao encontro dos amantes era tamanha que muitos maridos punham fim à vida de suas esposas. Relata-nos Frézier que “em um ano, mais de 30 mulheres foram degoladas pelos seus maridos”³⁹⁷ só na cidade de São Salvador. Os pais, no entanto, eram mais comedidos: quando tomavam conhecimento das peripécias amorosas das filhas e não conseguiam arrumar-lhes um casamento, permitiam que estas se tornassem *mulheres públicas*.

Parágrafos semelhantes aos escritos pelo engenheiro foram escritos por François Vivez meio século mais tarde. O triste fim que esperavam as jovens acusadas de faltas contra a castidade é mencionado ligeiramente em seu diário. Os portugueses, assevera o francês, “são tão ciumentos que suas mulheres têm dificuldade de obter autorização até mesmo para ir à missa”.³⁹⁸ Malgrado, no entanto, todos os cuidados, explica: “as mulheres são quase todas libertinas e sempre encontram um meio de enganar os seus maridos”.³⁹⁹ Estes, “quando tomam conhecimento da intriga, não tardam a assassiná-las a golpes de punhal”,⁴⁰⁰ crime comumente praticado na cidade, de acordo com Vivez. Já os pais, quando descobrem as faltas das filhas, tomam medidas menos severas; segundo nos conta o francês, “os pais punem mais *humanamente*”⁴⁰¹ suas herdeiras. “Quando não podem reparar o erro [de suas filhas] pelo casamento”, explica o jovem marinheiro, os progenitores as abandonam à própria sorte.⁴⁰²

Na derradeira década do Setecentos, em 1792, o soldado Samuel Holmes também destinou algumas linhas de sua relação⁴⁰³ para prevenir os estrangeiros sobre o zelo desmesurado dos colonos cariocas com as damas do lugar. O inglês, nas pouco mais de duas

³⁹⁵ FRÉZIER, Amédée François. Relation du Voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili, Du Pérou, et du Brésil, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714, par M. Frézier. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 509.

³⁹⁶ Ibidem, loc. cit.

³⁹⁷ Ibidem, loc. cit.

³⁹⁸ VIVEZ, François. Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l'Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 586.

³⁹⁹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁰⁰ Ibidem, loc. cit.

⁴⁰¹ Ibidem, loc. cit. grifos meus.

⁴⁰² Ibidem, loc. cit.

⁴⁰³ **Nota sobre a obra:** A relação escrita por Samuel Holmes foi publicada língua inglesa em 1798, não conhecendo, contudo, reedições no período. No início do século XIX, em 1805, a obra foi traduzida para o francês.

semanas que passou no Rio de Janeiro, notou que as mulheres brasileiras “são belas e bastante inclinadas ao amor”,⁴⁰⁴ no entanto:

ainda que não demonstrem nenhuma aversão pelos estrangeiros, é difícil e mesmo perigoso obter os seus favores. O ciumento sexo oposto as vigia de perto e pune, com extremo rigor, a mais pequena falta.⁴⁰⁵

Se, contudo, o viajante estiver disposto a “*trilhar certos caminhos* e despende algum dinheiro, consegue divertir-se”⁴⁰⁶ com as mulheres cariocas, arremata Holmes.

3.4 A preferência pelos galantes estrangeiros

O relato do soldado inglês, além de discorrer a respeito do ciúme e da violência dos colonos, alude, ainda que discretamente, ao gosto das jovens destas paragens por homens provenientes do velho mundo. A simpatia das moças destes cantos pelos galantes estrangeiros há muito já frequentava as narrativas de viagem. O pioneiro François Pyrard de Laval, já na primeira década do Seiscentos, comentava tal predileção. Segundo o visitante, “em resumo, as mulheres na Baía são mais amigas dos estrangeiros do que os homens, que, por sinal, são muito ciumentos”.⁴⁰⁷ Diagnóstico semelhante foi proferido por Gabriel Dellon ainda no século XVII. Após analisar os comportamentos correntes na Baía de Todos os Santos em 1676, o cirurgião corrobora as minutas escritas por seu compatriota: “os estrangeiros em geral, especialmente os franceses, chamam muita atenção”⁴⁰⁸ das mulheres locais.

Duas décadas mais tarde, ainda era perceptível aos olhares dos visitantes europeus a maneira afável com que as mulheres locais tratavam os estrangeiros. É o que sugere o jovem François Froger. Em seu diário, o francês informa que nem mesmo a vigilância dos maridos

⁴⁰⁴ HOLMES, Samuel. The Journal of Mr. Samuel Holmes, sergeant-major of the XI light dragoon... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 254.

⁴⁰⁵ Ibidem, loc. cit.

⁴⁰⁶ Ibidem, loc. cit.

⁴⁰⁷ LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...] In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 375.

⁴⁰⁸ DELLON, Gabriel. Nouvelle relation d'un Voyage fait aux Indes orientales contenant la description des isles de Bourbon & de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa, etc. Avec l'histoire des plantes & des animaux qu'on y trouve, & un Traité des maladies particulieres aux pays orientaux & dans la route, & de leurs remedes. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 182.

“impediu que muitas delas encontrassem meios de vir oferecer os seus favores a nós franceses, de quem apreciavam as maneiras informais e envolventes”.⁴⁰⁹

Tal apreciação não parece ter desaparecido com o passar do tempo. Em fins do século XVIII, em 1782, época em que dom Juan Francisco de Aguirre perambulou pela América Austral, o apelo das destemperadas damas portuguesas pelos estrangeiros ainda era perceptível aos visitantes europeus. Após os 25 dias em que esteve em solo carioca, o oficial pôde comprovar que “para um envolvimento amoroso, dizem, tais damas preferem o europeu ao filho da terra”.⁴¹⁰

Uma das justificativas relatadas por alguns viajantes para essa suposta preferência das mulheres da colônia por visitantes do velho mundo é o fato de os homens brasileiros e portugueses serem rudes, incultos e brutos, muito diferentes dos civilizados e gentis galanteadores europeus. É expressivo, nesse sentido, o comentário de M. de La Flotte, datado de 1757. Dissertando a respeito dos atributos físicos dos homens com quem travou contato durante sua permanência no Rio de Janeiro, o senhor La Flotte diz apenas que estes são dotados “de um talhe medíocre e de uma cor azeitonada”.⁴¹¹ No entanto, os predicados atribuídos à personalidade dos homens locais são mais bem destacados e negativos. Informa o estrangeiro que os cariocas são “sérios, orgulhosos e, com raras exceções, desprovidos daquelas maneiras finas que distinguem um cavaleiro de um homem do povo”.⁴¹² Dito isto, La Flotte é categórico: “não deve causar espanto o fato de as mulheres do Rio de Janeiro terem verdadeira aversão pelos seus compatriotas”.⁴¹³ Como se não bastasse o “talhe medíocre”, as falhas de caráter e a ausência das maneiras finas que distinguem “um cavalheiro de um homem do povo”, os homens da colônia lusitana, a léguas de Portugal e de toda a civilização e civilidade europeias, não possuíam os encantos e a polidez dos estrangeiros, conhecedores das mais belas palavras e possuidores de boas maneiras, gestos finos, porte e elegância; sendo assim, diz La Flotte, não deve causar surpresa aos leitores

⁴⁰⁹ FROGER, François. Relation d'un Voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Isles Antilles. [1699]. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 315.

⁴¹⁰ AGUIRRE, Juan Francisco de. Diário de J. F. de Aguirre. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 220.

⁴¹¹ LA FLOTTE, M. de. Essais Historiques sur L'Inde précédés d'un Journal de Voyages.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 141.

⁴¹² Ibidem, loc. cit.

⁴¹³ Ibidem, loc. cit.

que uma senhorita, cortejada durante anos a fio e atordoada pelo som da viola de seu amante, sacrifique o amor desse fiel apaixonado aos avanços insinuantes e polidos de um estrangeiro, capaz de exaltar a sua vaidade e de elevar os seus encantos até onde ela nunca imaginara.⁴¹⁴

Outra justificativa para a maior estima das mulheres brasileiras pelos homens do Velho Mundo foi apresentada em 1792 por Sir George Leonard Staunton, secretário da embaixada do Lorde Macartney na China. Depois de anotar no seu *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*⁴¹⁵ que a solicitude de muitas das jovens cariocas “salta aos olhos”, o inglês credita à depravação dos varões cariocas os destemperos de suas mulheres. “Alguns dos seus maridos são acusados de faltas bem mais graves”, haja vista que, “em matéria de amor, os seus gostos são não só depravados, como também antinaturais”.⁴¹⁶

John Barrow, intendente da missão diplomática britânica, é mais comedido que seu companheiro de missão ao se referir às mulheres da Baía de Guanabara. Embora observe que o “que mais parecia chocar os monges [da cidade] era a propensão das mulheres do Rio de Janeiro para a galanteria”⁴¹⁷ e que o grosso delas “sofia as consequências nefastas do seu comércio com os estrangeiros”⁴¹⁸ – a sífilis –, Barrow não duvida que deva haver entre as locais moças de comportamento exemplar. Tentando aludir aos bons modos dessas, o intendente escreve uma breve argumentação para justificar tais comportamentos, com base no excessivo rigor da vigilância promovida pelos seus atentos guardiães. Em alguns parágrafos de sua relação de viagem à China, publicada em 1806 com o título de *A Voyage to Cochinchina in the Years 1792 and 1793*,⁴¹⁹ o britânico as compara a pássaros aprisionados em suas gaiolas que, ganhando a tão sonhada liberdade, esbanjam felicidade. Trancafiadas em suas moradas por seus pais, maridos e irmãos, e raramente autorizadas a ter com pessoas que

⁴¹⁴ LA FLOTTE, M. de. Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 141.

⁴¹⁵ **Nota sobre a obra:** Pode-se dizer que as notas escritas pelo secretário foram bem recebidas na Europa. Publicado pela primeira vez na cidade de Londres em 1797, o livro contando os pormenores de sua viagem foi reeditado pelo menos quatro vezes: duas vezes no ano seguinte, em 1798, uma em 1799 e a última em 1801. Além das edições na língua materna do autor, vieram a público, em 1798, ano da segunda edição em inglês, traduções para o francês, para o holandês e para o alemão. A tradução para o italiano deu às prensas em 1799.

⁴¹⁶ STAUNTON, George Leonard. *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*. In: **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 275.

⁴¹⁷ Ibidem, loc.cit.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 302.

⁴¹⁹ **Nota sobre a obra:** As notas do intendente não foram tão apreciadas quanto o *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China* escrito pelo seu compatriota e companheiro de missão George L. Staunton. Os parágrafos de suas aventuras até Cantão foram impressos somente uma vez na Inglaterra, e conheceram apenas uma tradução, a francesa, que veio a público em 1807.

não sejam de seu círculo familiar, as mulheres, ao saírem para tomar ar, comportam-se de maneira mais livre e festiva. Barrow adere à concordata geral propagada aos sete ventos pelos viajantes anteriores ao afirmar que “as mulheres do Rio de Janeiro são extremamente vivas e pouco reservadas”⁴²⁰, contudo indaga: “mas será isso de se estranhar?”⁴²¹. E mesmo que tais senhoritas sejam dadas à galanteria dos charmosos estrangeiros, pondera:

E se de fato existem algumas que, embora aparentem virtude, são bastante indiscretas no seu comportamento para com os estrangeiros, essas encontram na conduta de alguns homens a plena justificativa para esse mau procedimento.⁴²²

3.5 Os pontos de encontro: sacadas, janelas e festas religiosas

Destemperadas em matéria de paixões, as damas dos trópicos tiravam proveito de seus raríssimos momentos de liberdade para entrar em contato com aqueles os quais desejavam um contato mais íntimo. Com a sociabilidade restrita ao âmbito familiar, as mulheres da colônia, segundo os visitantes estrangeiros, podiam ter com seus eleitos, de maneira geral, em apenas três ocasiões: escoradas nas janelas ou amparadas sob as sacadas dos casarões onde habitavam; durante os inúmeros cortejos religiosos; e ao longo do caminho até a missa ou mesmo durante o período de pregação.⁴²³

As sacadas e janelas dos casarões dos precários centros urbanos coloniais, bem como os camarotes dos escassos teatros brasileiros, eram locais sabiamente empregados pelas damas da colônia para marcar encontros ou lançar aos passantes seus maliciosos olhares e insidiosos acenos. É o que assinala, em 1748, um misterioso e “respeitado oficial da marinha francesa” que viajava a bordo do *L’Arc-en-ciel*. Ao assistir a um espetáculo público onde marionetes em tamanho real encenavam uma medíocre cena cujo tema era a conversão de

⁴²⁰ BARROW, John. A Voyage to CochinChina, in the years 1792 and 1793.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 304.

⁴²¹ Ibidem, loc. cit.

⁴²² Ibidem, loc. cit.

⁴²³ Interessante estudo sobre as possibilidades da sexualidade das mulheres na rígida sociedade colonial brasileira, ou seja, sobre os espaços de transgressão e as práticas adotadas para transgredir os limites sociais é o *A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia*, de autoria de Emanuel Araújo. Ver: ARAÚJO, Emanuel. *A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 45-77. A esse respeito, ver também: ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.; VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

alguns doutos pagãos por Santa Catarina, o autor do relato anônimo não deixou de perceber as artimanhas utilizadas pelas damas locais – dotadas de “um jeito infantil, que, no entanto, pode ser desmascarado com um olhar mais detido”⁴²⁴ – para lançar aos seus possíveis amantes sinais maliciosos. Descrevendo o espetáculo, o navegador notou que

as mulheres acomodaram-se nos camarotes, situados a uns 9 ou 10 pés de altura em volta do edifício, de onde viam comodamente os espectadores e maliciosamente manipulavam as cortinas que deveriam ocultá-las.⁴²⁵

As janelas e sacadas dos edifícios⁴²⁶ eram, narram os viajantes, os lugares mais comuns para tal prática. Vigiadas de perto por seus esposos, pais e irmãos, as mulheres, no calor dos trópicos, com a desculpa de tomar a brisa da rua ou mesmo de apenas olhar o movimento dos cortejos religiosos, punham-se no parapeito dos sobrados, de onde lançavam os primeiros olhares e gestos para aqueles os quais brindariam com seus favores. Esse tipo de prática, em que as mulheres se insinuavam para os homens do alto de suas janelas ou sacadas, recebeu considerável atenção dos visitantes europeus que dedicaram algum espaço em suas relações às descrições das mulheres do Brasil colonial.

Atento ao comportamento dos habitantes do Rio de Janeiro, o poeta francês Evariste-Desiré Parny constatou os simpáticos olhares que as cariocas destinavam aos passantes do seu agrado. Natural de Saint Paul, na ilha de Bourbon, o visitante partilhou da companhia dos cariocas por vinte e poucos dias durante o inverno de 1773 e, em carta destinada ao irmão,⁴²⁷ conta a atenção recebida das mulheres durante os passeios realizados pela urbe. Certo dia, perambulando pela cidade na companhia de três oficiais, “pois é costume [no país] que os

⁴²⁴ SONNERAT, Pierre. Voyage aux Indes Orientales et à la Chine. In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 216.

⁴²⁵ Ibidem, loc. cit.

⁴²⁶ Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* sugere serem as sacadas dos casarões coloniais brasileiros artifício arquitetônico fruto da adaptação portuguesa ao clima americano. Segundo o historiador, “a casa peninsular, severa e sombria, voltada para dentro, ficou menos circumspecta sob o novo clima, perdeu um pouco de sua aspereza, ganhando uma área externa: um acesso para o mundo de fora. Com essa nova disposição, importada por sua vez da Ásia oriental e que substituíra com vantagem, em nosso meio, o tradicional pátio mourisco, formaram o padrão primitivo e ainda hoje válido para as habitações europeias nos trópicos”. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 47.

⁴²⁷ **Nota sobre a obra:** A missiva do ilustrado francês veio à luz em 1777 em uma coletânea de relatos de viagem intitulada *Voyage de Chapelle et Bachaumont, suivi de quelques autres voyages dans le même genre*. A citada antologia, publicada em Genebra por Claude Emmanuel Luillier, foi prensada novamente em 1782, na cidade de Reims. Suas anotações, dando conta da viagem empreendida à sua terra natal – Saint Paul, na ilha de Bourbon –, foram reimpressas também em algumas coletâneas que compilavam sua obra, entre elas o *Opuscules poétiques*, impresso em Amsterdam, em 1789, e o conhecido *Oeuvres d’Évariste Parny*, publicado na cidade de Paris, em 1808.

estrangeiros sejam sempre acompanhados por militares”,⁴²⁸ o francês percebeu que, durante o percurso, “muitas portuguesas levantavam as suas janelas para [os] examinar”.⁴²⁹ Ainda que poucas fossem belas, nas ponderações do vate, o longo tempo no mar longe das carícias femininas e a penumbra que as ocultava aumentavam admiravelmente seus encantos. O amante das letras conta ainda que as cariocas, possuidoras de grandes e voluptuosos olhos negros que revelariam, de acordo com o autor, uma maior inclinação ao amor,⁴³⁰ “em geral, recebiam-nos muito bem, sempre com um ar de quem observa um curioso animal exótico”.⁴³¹

Uma década mais tarde, o naturalista alemão Friedrich Ludwig Langstedt percorreu o mesmo porto e notou, da mesma maneira que o poeta francês, os olhares maliciosos advindos das vidraças dos casarões cariocas. As péssimas condições em que desembarcou na costa brasileira, todavia, não permitiram que o alemão desenvolvesse o tema com mais vagar. Ao longo do trimestre passado na colônia, o pastor protestante dedicou seu tempo às orações, ao cuidado com os muitos doentes das embarcações do seu comboio e a umas poucas observações do lugar. Entre uma prece e um socorro, no entanto, Langstedt se entretinha assuntando em latim com os padres locais e em alemão com um conterrâneo seu que há muito vivia na cidade, o marechal-de-campo Böhm, fundador do primeiro exército regular instituído no Brasil,⁴³² que o informavam a respeito da cidade e da população local. Arguto observador, o religioso alemão oferece aos leitores uma “descrição pormenorizada da cidade do Rio de Janeiro”⁴³³ e, em meio às minúcias expostas – colhidas tanto por meio de exames próprios quanto pelas conversas com os sacerdotes e com o compatriota militar –, destaca os galanteios femininos vindos do alto das sacadas. Descrevendo a morada dos cariocas, Langstedt notou que as janelas dos casarões

não contam com vidraças, mas sim com gelosias, através das quais as mulheres brancas portuguesas olham embasbacadas e curiosas para o pedestre que passa, não lhe dando a mão por falso recato.⁴³⁴

⁴²⁸ PARNY, Evariste. Oeuvres diverses. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 192.

⁴²⁹ Ibidem, loc. cit.

⁴³⁰ Ibidem, p. 193-194.

⁴³¹ Ibidem, p. 194.

⁴³² Artigo interessante acerca da visita do pastor protestante ao Rio de Janeiro e, consequentemente, a respeito dos contatos travados na estadia é o escrito por Carlos H. Oberacker Júnior. Ver: OBERACKER JÚNIOR, Carlos H. O Rio de Janeiro em 1782 visto pelo pastor F. L. Langstedt, **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v. 299, 1973, pp. 3-15.

⁴³³ **Nota sobre a obra:** As curiosas anotações cunhadas pelo naturalista alemão foram impressas uma única vez, em 1789, não conhecendo traduções ou reedições no período.

⁴³⁴ LANGSTEDT, Friedrich Ludwig. Rio de Janeiro, em 1782. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 233.

Descrições semelhantes à do naturalista germânico saíram das anotações do larápio britânico James Hardy Vaux em seu *Memoirs of James Hardy Vaux*.⁴³⁵ Desembarcando no mesmo porto mais de duas décadas após a estadia de Langstedt, Vaux aproveitou-se da liberdade concedida graças à sua amizade com o ex-governador da Nova Gales do Sul Philip King, da grande estima que nutriam pelos homens da nação inglesa os cariocas e do aprendizado da língua portuguesa durante o período no Rio de Janeiro para ampliar seu conhecimento sobre o lugar e, principalmente, “estabelecer contato com inúmeros habitantes locais”.⁴³⁶ Nos quase três meses de estadia em solo carioca – o viajante permaneceu no Rio de Janeiro entre 22 de maio e 12 de agosto de 1807 –, Vaux aproveitou o tempo ocioso para empreender uma série de passeios a “igrejas, conventos e outros locais dignos de nota”.⁴³⁷ Durante as frequentes incursões pela cidade, o ex-prisioneiro pôde perceber que ele e “outras pessoas de aparência mais respeitável” foram, por vezes, “muito gentilmente saudados por inúmeras mulheres” que dedicavam horas e mais horas de seu dia a espreitá-los “através de gelosias semi-abertas”.⁴³⁸ Embora a maioria dessas mulheres “se mostrassem tímidas, cerrando a gelosia mediante a mínima aproximação do estrangeiro”, ele próprio conseguira “manter alguns minutos de conversação com muitas delas”.⁴³⁹ Algumas das moças, entretanto, não se contentavam somente com os curtos períodos de prosa com o jovem inglês.⁴⁴⁰ A dar ouvidos ao batedor de carteiras, certas raparigas deram-lhe mesmo a “permissão para beijar-lhes a mão”, prova indiscutível, no entendimento de Vaux, “de favorecimento e condescendência”.⁴⁴¹

Parágrafo mais informativo a respeito da temática saiu da pena de John White, compatriota de Vaux que participou como cirurgião-mor da primeira expedição colonizadora da Nova Gales do Sul. Durante sua visita ao Rio de Janeiro em 1787, o inglês acompanhou um dia inteiro de cortejos e orações que tomavam as ruas da cidade. À noite, “por volta das dez horas, ofereceu-se ao povo um espetáculo com fogos de artifício, gênero de divertimento muito apreciado pelos portugueses”.⁴⁴² Ao final do espetáculo, contudo, é que o festejo se

⁴³⁵ **Nota sobre a obra:** As notas do inglês deram às prensas pela primeira vez em 1819 na cidade de Londres e foram reimpressas em mais três oportunidades no Oitocentos: em 1827, 1829 e, por fim, em 1830.

⁴³⁶ VAUX, James Hardy. *Memoirs of James Hardy Vaux*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 301.

⁴³⁷ Ibidem, loc. cit.

⁴³⁸ Ibidem, loc. cit.

⁴³⁹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁴⁰ Vaux teria cerca de 25 anos na época.

⁴⁴¹ VAUX, James Hardy. op. cit. p. 301.

⁴⁴² WHITE, John. *Journal of a Voyage to New South Wales...* In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora,

revelava mais interessante para alguns habitantes, pois, “sem dúvida, as intrigas amorosas encerravam a festa”.⁴⁴³ Segundo suas anotações, “ao fim da tarde, as mulheres estavam paradas nas soleiras das portas e das janelas das casas com um ramalhete de flores na mão”.⁴⁴⁴ Asseguraram-lhe, explica White, “que era hábito local as senhoras presentear com flores aqueles que elas mais tarde brindariam com os seus favores”.⁴⁴⁵

Não por acaso, na mesma tarde, o inglês viu “algumas mulheres muito adornadas que passeavam livremente no meio da multidão”,⁴⁴⁶ certamente rumando ao local determinado para algum encontro. O tempo em que permaneceu na costa brasileira, contudo, o convenceu de que somente as mulheres “de classe inferior” se permitiam a tais liberdades. Aliás, concordando com o que dissera anos antes o poeta Evariste Parry, o inglês comenta que os olhos negros das brasileiras, reveladores de grande vivacidade, eram empregados para chamar a atenção dos homens. John White é categórico ao afirmar que as cariocas “sabem como ninguém utilizá-los para cativar os cavalheiros que lhes agradam.”⁴⁴⁷

Era do alto das janelas que as damas portuguesas lançavam flores aos pedestres eleitos para um envolvimento mais íntimo. Tal costume, descrito com frequência na literatura de viagem, fez sua estreia nas notas estrangeiras sobre o Brasil colonial duas décadas antes da edição do *Journal of a Voyage to New South Wales*,⁴⁴⁸ de John White, com a narrativa de outro inglês, o famoso capitão James Cook. Em 1768, rumo aos Mares do Sul, o navio capitaneado pelo renomado navegador, o *Endeavor*, lançou âncora no porto carioca para uma estadia de pouco mais de vinte dias. A curta temporada no Rio de Janeiro, que tinha por objetivo o reabastecimento da embarcação, não foi das mais agradáveis. Em razão da pouca hospitalidade do vice-rei conde de Azambuja, os visitantes permaneceram a bordo durante quase todo o tempo de estadia na cidade. Ainda assim, o célebre capitão e alguns estudiosos mais audaciosos conseguiram ludibriar a guarda carioca e percorrer o Rio de Janeiro para tomar notas sobre a cidade, seus entornos e seus habitantes. A respeito destes, em especial das mulheres, James Cook não deixou de notar o que tantos outros espectadores europeus já haviam registrado: o destempero erótico das moças. As mulheres da América meridional,

1999, p. 246.

⁴⁴³ Ibidem, loc. cit.

⁴⁴⁴ Ibidem, loc. cit.

⁴⁴⁵ Ibidem, loc. cit.

⁴⁴⁶ Ibidem, loc. cit.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 253.

⁴⁴⁸ **Nota sobre a obra:** O quase um mês de observações sobre a cidade do Rio de Janeiro e de sua população deram origem ao *Journal of a Voyage to New South Wales*. O relato, no entanto, não alcançou o sucesso esperado. Embora a narrativa do cirurgião tenha sido vertida para o francês em 1798, na cidade de Paris, o *Journal...* não cativou o público leitor inglês, tendo sido publicado uma única vez, em 1790.

segundo o inglês, “concedem seus favores mais facilmente do que aquelas dos países civilizados”.⁴⁴⁹ O oficial britânico, no entanto, diferentemente dos viajantes anteriores, registrou em suas anotações o modo utilizado pelas mulheres locais para contatar os homens que mais lhes cativavam. Relata-nos o capitão que, de acordo com o que lhe contara seu companheiro de viagem, Daniel Solander, “ao cair da noite, [as mulheres] apareciam nas janelas, sós ou acompanhadas, e jogavam buquês de flores sobre os seus eleitos quando estes passavam pela rua”.⁴⁵⁰ As considerações de Cook, no entanto, não param aí. De acordo com as notas escritas pelo navegador, o doutor e mais “dois ingleses que o acompanhavam receberam um número tal de distinções que, ao final de um curto passeio, os seus chapéus estavam cobertos de flores”.⁴⁵¹

Os parágrafos dedicados pelo capitão James Cook a denunciar o hábito das mulheres da América Austral de lançarem flores aos seus pretendentes encontrou forte eco nas narrativas de viagens posteriores – já vimos a referência na relação de John White. Após seu conhecido relato, publicado em 1771 e amplamente repercutido na Europa,⁴⁵² raros foram os estrangeiros que, de passagem pela colônia lusitana, deixaram de registrar a chuva de flores oferecida pelas impudicas mulheres brasileiras aos homens que poderiam desfrutar de seus favores.

É o que se pode notar em uma narrativa datada de 1792, assinada por Sir George Leonard Staunton mais de duas décadas depois da publicação do *A Journal of a Voyage round the World*, de Cook. Conforme as notas legadas por Staunton, a prática de jogar buquês de flores para os homens escolhidos do alto de suas janelas era um costume inocente e dizia respeito aos hábitos de outrora, quando as damas cariocas “raramente transgrediam as leis do decoro”.⁴⁵³ Entretanto, corroborando o que por muito tempo se falou a respeito das mulheres

⁴⁴⁹ COOK, James. *Cook's Voyage* (1768-1771). In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 180

⁴⁵⁰ Ibidem, loc. cit.

⁴⁵¹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁵² **Nota sobre a obra:** Tamanho foi o sucesso da narrativa do herói britânico que é difícil mesmo mapear precisamente as edições e traduções que conheceu. Sabe-se, contudo, que no ano de 1773, dois anos após esta primeira edição dos acontecimentos ocorridos durante a primeira de três viagens de circunavegação, sai a versão oficial da empresa, escrita por John Hawkesworth e prensada juntamente com outros relatos de viagens em coletânea intitulada *An Account of the Voyages undertaken by the order of his present Majesty for making Discoveries in the Southern Hemisphere*. As informações cunhadas por James Cook foram traduzidas para o alemão em 1772, para o francês dois anos mais tarde, em 1774, e para o holandês em 1786. Além disso, o relato do oficial conheceu inúmeras prensagens clandestinas, o que sugere o apreço dos leitores europeus por suas notas.

⁴⁵³ STAUNTON, George Leonard. *An authentic account of an embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 275

da América portuguesa, narra o servo do rei Jorge III que, “nos dias que correm [...], é necessário confessar que a solicitude de muitas delas salta aos olhos”.⁴⁵⁴

Se as sacadas e vidraças das residências coloniais ofereciam às mulheres da América portuguesa a oportunidade para lançar aos galantes varões seus olhares indicativos e sedutores, as intrigas amorosas, por sua vez, desenrolavam-se em meio às festividades católicas.⁴⁵⁵ De acordo com dezenas de relatos estrangeiros do período colonial, as festas e os movimentados cortejos religiosos eram numerosos nas cidades brasileiras e quase todos os dias havia um santo a ser reverenciado.⁴⁵⁶ Não por acaso, os filhos do reino que aqui residiam eram, por vezes, taxados de idólatras e a religião praticada nos trópicos, de obscurantista.⁴⁵⁷ Aproveitando-se desse verdadeiro turbilhão de festejos religiosos, todos sempre bastante agitados, muitos colonos levavam a cabo ali mesmo as suas conquistas amorosas.⁴⁵⁸ Foi esse o caso registrado por François Vivez em 1767. O francês, em curta passagem de seu escrito, comentou os hábitos pouco decentes dos colonos em meio a uma procissão em que São Domênico visita São Francisco: “diante de toda a população”, lamenta Vivez, “se fazem mil horrores bem pouco decentes”.⁴⁵⁹

Certamente os apontamentos de Vivez geraram desconforto aos leitores mais castos. Frente à possibilidade de saciar os desejos eróticos, os colonos deixavam de lado a castidade,

⁴⁵⁴ STAUNTON, George Leonard. An authentic account of an embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 275.

⁴⁵⁵ DEL PRIORE, Mary. **Deus dá licença ao Diabo: A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no Século XVIII**. In: VAINFAS, Ronaldo. (org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

⁴⁵⁶ MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: **História da vida privada no Brasil. I: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, pp. 155-220; DEL PRIORE, Mary. op. cit. 1986.

⁴⁵⁷ Dito isso, não devem causar surpresa as queixas levantadas no final do Setecentos pelo pastor protestante inglês George Vason, que deixou a cidade do Rio de Janeiro “lamentando a ignorância e a superstição dos habitantes”. Vason e os outros missionários do *Duff*, destinados a evangelizar almas no Taiti, comentavam entre si, inclusive, que “trata-se de um lugar mergulhado na quase completa escuridão”. Desviada dos ensinamentos e da simplicidade pregada por Cristo, “a religião idólatra e anticristã que pratica o povo não está muito longe dos cultos pagãos”, denuncia o religioso em obra publicada uma única vez, em 1815, na cidade de Londres. VASON, George. An Authentic Narrative of Four Years Residence at Tongataboo. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 333.

⁴⁵⁸ Os horrores cometidos durante os cortejos religiosos ou mesmo durante as missas reforçavam os cuidados dos homens, provocando o afastamento das moças da vivência religiosa das cidades coloniais. No Brasil de antanho, muitas mulheres foram proibidas de participarem de procissões e de frequentarem a missa em razão da promiscuidade que cercava essas ocasiões. Cf. MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: **História da vida privada no Brasil. I: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 161-162.

⁴⁵⁹ VIVEZ, François. Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l'Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 585.

as leis do decoro e, sobretudo a fé. Raros foram os estrangeiros que, passando os olhos pelas curiosas e frequentes folias católicas, abarrotadas por todos os cantos de fiéis recitando preces ou cantando em alto e bom som canções de louvor, não disseram ter assistido movimentações suspeitas, que sugeririam a prática de atos indecorosos pelos colonos, em especial pelas mulheres.

La Gentil La Barbinais, que passou por Salvador em 1717, narra uma pitoresca cena ocorrida em cortejo realizado “na noite de quinta para Sexta-feira Santa”, dia “tão sagrado para todos os cristãos”⁴⁶⁰. Nesta ocasião, explica o viajante, “todas as damas que ficaram recolhidas em suas casas durante o ano”, mulheres que “não saíam nem mesmo para ir à missa”,⁴⁶¹ podem finalmente sair às ruas. “Adornadas com tudo o que têm de mais belo”, conta La Barbinais, “vão a pé de igreja em igreja, ouvindo, pelo caminho, as graçolas dos cavaleiros portugueses”.⁴⁶² A dar ouvidos ao que diz o estrangeiro, os gracejos solfejados pelos distintos colonos durante o itinerário da animada procissão surtiem o efeito desejado, uma vez que, como esclarece o comerciante, “é nessa mesma noite que aquelas filhas cujos pais severos mantiveram recolhidas perdem aquilo que os pais evitaram que perdessem durante o ano”.⁴⁶³ E arremata: “é nessa noite que o *Rei dos Traídos* vê com alegria seu império aumentar. É essa noite, enfim, que os portugueses destinam à celebração dos seus bacanais”.⁴⁶⁴

Observação mais sutil e menos detalhada do que a escrita por La Barbinais, mas igualmente desfavorável à imagem das mulheres da América Austral, saiu da pena de um conterrâneo. Na segunda metade do século XVIII, M. de La Flotte acompanhou atentamente uma destas comemorações religiosas tão aguardadas entre as mulheres do Rio de Janeiro e descreveu, em tons pouco singelos, como procediam as *carolas* em meio às santas celebrações. De acordo com o militar:

Esse tipo de festa é aguardado com tanta ansiedade, pois constitui uma das raras oportunidades para as mulheres se vingarem do excessivo ciúme dos seus maridos e para escaparem ao estado opressivo em que vivem. Foi justamente durante uma dessas comemorações de oito dias que muitos dos nossos oficiais receberam convites galantes.⁴⁶⁵

⁴⁶⁰ LA BARBINAIS, Le Gentil. Nouveau Voyage autour du monde. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012, p. 550.

⁴⁶¹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁶² Ibidem, loc. cit.

⁴⁶³ Ibidem, loc.

⁴⁶⁴ Ibidem, loc. cit. Grifos meus.

⁴⁶⁵ LA FLOTTE, M. de. Essais Historiques sur L’Inde précédés d’un Journal de Voyages... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro:

Ainda segundo o francês, testemunha ocular dos oito dias de festejo, “após as ladainhas” havia a homilia de um monge, totalmente desnecessária “pois os fiéis de ambos os sexos [estavam] mais interessados em marcar um encontro do que em ouvir o sermão”.⁴⁶⁶

Mostrando claras inclinações aos romances indevidos, as mulheres da América portuguesa, habitantes das narrativas de viagem, encenavam um espetáculo digno de censura por grande parte dos visitantes estrangeiros. Apartadas de quase todo o convívio social proporcionado pelas florescentes urbes coloniais em razão do ciúme de seus protetores, raros eram os momentos em que as brasileiras podiam entrar em contato com aqueles que mais lhes agradavam. A reclusão experimentada pelas mulheres da colônia lusitana nos trópicos, no entanto, não as impedia de *fazer intrigas*, conforme se dizia na época. Aproveitando-se dos momentos de menor vigilância, tais como os raros passeios pela cidade, ou as frequentes missas⁴⁶⁷ e procissões, as mulheres da América portuguesa levavam adiante suas pândegas, não importando o preço a ser pago – por vezes demasiado alto.

EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999, p. 138-139.

⁴⁶⁶ Ibidem, loc. cit.

⁴⁶⁷ As igrejas eram um dos lugares mais frequentados pelos casais no Brasil dos tempos de colônia para levar adiante seus relacionamentos indevidos. De acordo com Luiz Edmundo, “um andro de igreja, antes ou depois de qualquer solenidade religiosa, foi sempre, pelo tempo, entre nós, uma interessante vitrine de namorados. Por ocasião das missas ditas de madrugada, por dias de calor ou sol, chuva ou lama, de relâmpago ou trovão, quem descobrisse em sítios alcandorados como o morro de São Bento, Glória, Santo Antônio e Castelo, um perfil de capela, uma escadaria de igreja ou a porta iluminada de um templo, havia de ver logo, em torno e perto, sombras irrequietas que cruzavam, que saltavam, que esvoaçavam. Eram os namorados, em revoada, eram os gaviões do amor, em bandos numerosos, irrequietos, chasqueando das prevenções dos pais zombando das ordens severas do Vice-Rei, desobedecendo até às pastorais do Bispado, que particularmente fulminavam e proibiam esses namoros de adro e de água benta”. EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis – 1763-1808**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000, p. 315. Também Mary Del Priore escreveu a esse respeito. De acordo com a historiadora, “embora fossem um signo fixo dos valores da comunidade, as igrejas nesse período confundiam-se com espaços marcados por ‘entremesses profanos’, cheios de ovelhas distraídas dos ofícios religiosos e entretidas em namorar, conversar, conjurar [...]”. DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 38.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de três capítulos entrecortados por várias conclusões parciais, quase nada de original poderá ser escrito neste tópico de encerramento. Poucas serão as ideias novas ou os apontamentos inéditos, que poderão causar alguma surpresa ao leitor nestas páginas derradeiras. Ao longo deste trabalho, propusemos o exame de uma pequena parcela daquilo que pensavam os europeus a respeito de um dos aspectos morais dos habitantes da colônia lusitana na América, notadamente aquele relacionado à sua vida erótica. Ao analisarmos os comentários de estrangeiros que transitaram por esses cantos durante o período colonial, percebemos que, desde os primeiros registros sobre o novo continente, a luxúria de sua gente tornou-se tópica regular na literatura de viagem então escrita.

Os naturais do país não demoraram a terem suas condutas eróticas descritas e comentadas pelos viajantes europeus. Os aventureiros e missionários que percorreram essas terras, sobretudo ao longo do Quinhentos e durante as primeiras décadas do Seiscentos, viajantes da notoriedade de um Américo Vespúcio, um Jean de Léry, um André Thevet, um Claude d'Abbeville ou um Yves D'Evreux, para nos atentarmos apenas aos mais publicados e comentados no período, encarregaram-se de registrar em suas narrativas uma série de passagens ilustrando o desmedido gosto dos nativos pelos prazeres eróticos.

Mais as mulheres que os homens, diria Américo Vespúcio, apoiado, posteriormente, por amplo coro de viajantes provenientes do velho continente. Dado seu comportamento assaz despudorado as mulheres nativas logo se tornaram personagens célebres na literatura de viagem da época, ocupando a maior parte dos parágrafos estrangeiros sobre o novo continente. Lascivas e insaciáveis, as ameríndias, de acordo com os relatos europeus, deitavam-se com qualquer um sem qualquer cerimônia. Não raro, inclusive, os aventureiros do velho continente aproveitavam-se dos afagos e mimos das selvagens americanas durante as estadias na costa brasileira. Os próprios religiosos que missionaram na América portuguesa durante os primeiros séculos de colonização confessam em seus relatos terem recebidos convites obscenos por parte das jovens nativas.

A partir do século XVII, no entanto, a literatura estrangeira desloca gradativamente o escopo de suas descrições dos nativos e de seus curiosos costumes para se dedicar, em larga medida, ao esquadrinhamento da vida do europeu que, aos poucos, se instalava no continente americano. Da mesma maneira que os naturais do país, os colonos descritos pelos visitantes europeus se mostravam demasiadamente afeitos aos prazeres da carne. Às mulheres da sociedade colonial, aliás, é que se voltam o maior volume das críticas. Portuguesas ou

brasileiras, cariocas, baianas ou pernambucanas, a crítica é rigorosamente a mesma: as mulheres dos domínios lusitanos na América demonstravam claro apreço pelo amor desordenado.

Ainda que experimentassem de perto as agruras da severa vigilância de seus pais e esposos, as damas dos trópicos descritas pelos viajantes inventavam maneiras e aguardavam as ocasiões mais oportunas para colocar em andamento seus planos de sedução. As artimanhas utilizadas pelas astutas senhoras, porém, se passavam despercebidas aos olhos dos seus responsáveis, não escapavam às espreitadelas dos atentos e curiosos viajantes estrangeiros. Estes trataram de identificar, em meio às práticas cotidianas das monótonas cidades brasileiras, as táticas utilizadas pelas mulheres locais para atraírem os seus supostos eleitos: notaram os olhares convidativos direcionados do alto das janelas aos homens que mais as agradavam; repararam nos ramalhetes lançados àqueles que mais tarde seriam brindados com um contato mais íntimo; e perceberam os encontros que ocorriam em meio às festividades religiosas ou cívicas. Atentaram, ainda, para os custos sociais de tais transgressões quando descobertas: o fio da espada ou a infame vida de *mulher pública*.

Malgrado as muitas dessemelhanças culturais e comportamentais registradas nas relações de viagem, tanto os naturais do país quanto os colonos revelaram-se, aos olhos dos visitantes estrangeiros, inclinados aos mesmos excessos eróticos. As causas atribuídas pelos aventureiros europeus a tal destempero, no entanto, variaram. Quando os viajantes se debruçam em destacar os contornos lascivos dos nativos, a causa do desregramento sexual se relaciona, claramente, à ausência da religião cristã no seio das sociedades ameríndias. Desconhecedores dos ensinamentos cristãos e atentados pelo diabo, os americanos tendiam ao gosto pelo desregramento sexual. Ora, ainda que não tenham gozado de notoriedade por sua fidelidade e conformidade em relação aos ditames religiosos e, ainda que sua postura, mesmo a do clero, frente à doutrina católica, tenha sido desvalorizada e posta em dúvida por uma série de visitantes da época, os povoadores lusitanos mostravam-se conhecedores – e os viajantes estrangeiros reconhecem este fato – dos ensinamentos cristãos, das prédicas moralistas e dos mandamentos bíblicos; em suma, ao menos em tese, os colonos portugueses eram iniciados na fé católica. Apesar da pouca simpatia demonstrada pelos viajantes em relação à religião praticada na América portuguesa, os visitantes não recorreram à fragilidade da fé dos colonos para justificar seus desvios de conduta. No entendimento dos estrangeiros, o agente motivador desse erotismo desenfreado encontrava-se relacionado ao próprio continente americano. A partir do momento em que os viajantes deslocam a atenção de suas descrições dos ameríndios para os colonos, a libertinagem dos habitantes passa a ser entendida como

causada não mais pela ausência de fé ou pelo desconhecimento da doutrina cristã, mas por particularidades climáticas da região. Enquanto os naturais do novo continente revelavam-se lascivos em razão da insciência das leis de Deus e da ignorância dos pecados ligado à incontinência da carne, os colonos portugueses, devidamente instruídos no Santo Evangelho e, portanto, sabedores dos males terreaux e eternos que acompanham tais destemperanças, entregavam-se à luxúria, segundo os testemunhos da época, em razão das elevadas temperaturas sentidas no continente americano. Atuando vigorosamente sobre o corpo humano, o intenso calor verificado nessa região do globo influenciava de maneira decisiva o comportamento moral daqueles que aqui habitavam.

Constatações que nos colocam um novo problema a ser considerado antes de darmos por findado este trabalho: se tanto os homens quanto as mulheres das sociedades brásílicas desconheciam os ensinamentos cristãos e, portanto, seus princípios morais e de conduta e se, tanto os colonos quanto suas mulheres eram expostos, igualmente, às elevadas temperaturas características do continente americano, por qual razão, então, as damas aparentemente pareciam ser mais afetadas?

Quanto à primeira questão, relativa ao comportamento luxurioso das nativas, infelizmente não podemos concluí-la, pois escapa aos propósitos delimitados em nosso trabalho.⁴⁶⁸ O leitor, contudo, não ficará desamparado; outros historiadores já o fizeram competentemente e com enfoques variados.⁴⁶⁹

Quanto ao segundo questionamento, contudo, temos condições de oferecer ao leitor uma resposta. Para respondermos a essa derradeira questão, retomemos a narrativa do oficial britânico James Kingston Tuckey, um dos defensores da suposta melhora comportamental das mulheres brasileiras. O oficial da marinha inglesa, conforme testemunho já mencionado, embora tenha dedicado parte de seu relato à defesa das mulheres da colônia portuguesa,

⁴⁶⁸ A investigação dos desregramentos morais das nativas deve ser compreendida, é sempre bom frisar, como parte de um procedimento necessário ao nosso objetivo principal uma vez que visa apenas demonstrar as diferentes causas da libertinagem atribuídas pelos europeus às brásílicas e às mulheres da sociedade colonial brasileira.

⁴⁶⁹ Jean Delumeau, na sua *História do medo no Ocidente* oferece explicações gerais, que podem abarcar, no nosso entendimento, a relação dos europeus frente às mulheres da América portuguesa. O francês propõe ser a instituição das mulheres como seres instintivos e dionisíacos uma ação dos homens em virtude do medo e do desconhecimento em relação às mulheres e sua relação com o mundo natural – a fertilidade e o papel fundamental desempenhado na propagação da espécie. Em contraposição, os homens procuraram garantir sua superioridade definindo-se como seres racionais e apolíneos. Ver: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300 – 1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. Sobre o capítulo que trata dos *Agentes de Satã*. Já o historiador Ronald Raminelli em análise sobre a imagem amoral das mulheres nativas da América portuguesa indica haver uma relação entre os comportamentos lúbricos das ameríndias e o legado de Eva. Ver: RAMINELLI, Ronald. Eva tupinambá. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenadora de Texto: Carla Bassenezi. São Paulo: Contexto, 1997.

nomeadamente daquelas residentes no Rio de Janeiro, não deixa de notar que ainda coexistia na cidade, ao lado de procedimentos mais “civilizados”, os desregrados hábitos de outrora. A análise do britânico é clara a esse respeito. Em sua passagem pela costa brasileira, o visitante afirma ter notado uma *melhora* na conduta das mulheres do lugar, o que não significa, contudo, ter sido a libertinagem sem medida extirpada da cidade. A sociedade carioca permanecia, ainda, muito apreciadora dos vícios relativos ao sexo, de acordo com as notas legadas pelo viajante britânico. Percebendo na cidade semelhanças com a “degenerada época do Império Romano”,⁴⁷⁰ Tuckey afirma, em concordância com alguns pensadores daquele tempo, como Montesquieu, que tal destempero deveria ser atribuído, antes de qualquer outro fator, ao clima da região, “causa maior” da falha de caráter da população local. A ação intensiva das altas temperaturas potencializavam as propriedades do amor, no entendimento do inglês. E, nessa lógica determinista, em que o amor desordenado decorre das temperaturas elevadas do calor tropical, o suscetível sexo feminino sofre mais intensamente: “o clima, atuando mais poderosamente sobre a organização *delicada* do sexo frágil”, adverte o oficial britânico, “excita o sistema nervoso e provoca um ilimitado *desejo por novidades* – as quais são aqui obtidas sem muito esforço”.⁴⁷¹ Destarte,

enquanto a mente mergulha na mais completa inatividade e os olhos da prudência adormecem, o coração desperta eufórico para as delicadas sensações do amor e o bastião da inocência feminina tomba indefeso diante do ataque do sedutor atento.⁴⁷²

As mulheres da colônia portuguesa revelavam-se, pois, no julgamento do oficial inglês, admiradoras das práticas libertinas em razão de imperfeições próprias ao seu sexo. De natureza frágil e delicada, como bem destaca Tuckey, elas tendiam a ter suas paixões despertadas mais vivamente pela ação imperiosa do clima, *potencializador das propriedades do amor*.

⁴⁷⁰ TUCKEY, James Kingston. An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass’s Strait.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 269.

⁴⁷¹ Ibidem, loc. cit.

⁴⁷² Ibidem, loc. cit.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. Documentos

ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão**. Trad. de Sergio Milliet; introd. e notas de Rodolfo Garcia. São Paulo: Martins, 1945.

_____. L'Arrivée des pères capucins en l'Inde Nouvelle, appelée Maragnon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012

AGUIRRE, Juan Francisco de. Diário de J. F. de Aguirre. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

ANDERSON, Aeneas. A Narrative of the British Embassy to China in the Years 1792, 1793, and 1794. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

ANÔNIMO. Journal de Bord du Président de Grénédan. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ANÔNIMO. *Journal d'un Voyage sur les costes d'Afrique et aux Indes d'Espagne*. In: **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999,

ANSON, George. A Voyage round the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV, by George Anson [...]. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996.

BARLÉU, Gaspar. **O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau**: História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange. Trad. e notas de Cláudio Brandão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BARRÉ, Nicolas. Copie de quelques letters sur la navigation du chevalier de Villegaignon. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

BARRINGTON, George. An Account of a Voyage to New South Wales. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

BARROS, João de. **Da Ásia**. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1777-1788. 24 vol. Disponível em: <http://purl.pt/7030/4/l-79443-p/l-79443-p item4/l-79443-p PDF/l-79443-p PDF 24-C-R0150/l-79443-p 0000 capa-capã t24-C-R0150.pdf>

BARROW, John. A Voyage to Cochinchina, in the years 1792 and 1793.... In: In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

BEHRENS, Karl Friedrich. Histoire de l'expédition de trois vaisseaux, envoyés par la Compagnie des Indes Occidentales des Provinces-Unies, aux terres australes en MDCCXXI. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

BYRON, John. A Voyage round the world in his majestys ship the Dolphin. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

CARLI, Diogini. Relation curieuse et nouvelle d'un voyage de Congo. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

COOK, James. Cook's Voyage (1768-1771). In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

COREAL, Jean François. Voyages de Jean François Coreal aux Indes Occidentales. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

DAVIES, William. A true relation of the travels and most miserable captivity of William Davies. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

DELLON, Gabriel. Nouvelle relation d'un Voyage fait aux Indes orientales contenant la description des isles de Bourbon & de Madagascar, de Surate, de la côte de Malabar, de Calicut, de Tanor, de Goa, etc. Avec l'histoire des plantes & des animaux qu'on y trouve, & un Traité des maladies particulieres aux pays orientaux & dans la route, & de leurs remedes. [1699]. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

_____. Relation de L'inquisition de Goa. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012

DUGUAY-TROUIN, René. **O Corsário: uma invasão francesa no Rio de Janeiro** – Diário de Bordo, 1740. Trad. de Carlos Ancedê Nougé. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2002.

ÉVREUX, Ivo de. **Viagem ao norte do Brasil**. Trad. Cesar Augusto Marques; explicação Humberto de Campos; introd. e notas Ferdinand Diniz. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929.

FLECKNOE, Richard. A relation of ten years travels in Europe, Asia, Affrique, and America... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

FRÉZIER, Amédée François. Relation du Voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili, Du Pérou, et du Brésil, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714, par M. Frézier. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

FROGER, François. Relation d'un Voyage fait en 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil, Cayenne et Isles Antilles. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. **História da Província de Santa Cruz a vulgarmente chamamos Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

HAMILTON, George. A Voyage round the World, in His Majesty's frigate Pandora. Performed under the direction of Captains Edwards in the years 1790, 1791, and 1792. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

HOLMES, Samuel. The Journal of Mr. Samuel Holmes, sergeant-major of the XI light dragoon... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

KINDERSLEY, Jemima. Letters from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1773-1820)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.

LA BARBINAIS, Le Gentil. Nouveau Voyage autour du monde. In : FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

LA BLANCHARDIÈRE, Abbé René Courte de. Nouveau Voyage fait au Pérou. Paris: De l'Imprimerie de Delaguette, 1751. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

LA CAILLE, M. Abbé de. Journal historique du Voyage fait au Cap de Bonne-Espérance.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

LA FLOTTE, M. de. Essais Historiques sur L'Inde précédés d'un Journal de Voyages... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

LA PÉROUSE, Jean-François de Galaup. Voyage de La Pérouse autour du monde, publié conformément au decret du 22 avril 1791, et redigé par M.L.A. Milet-Mureau. In: HARO,

Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina. Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Lunardelli, 1996.

LAGRANGE, Louis Chancel de. Tomada do Rio de Janeiro em 1711 por Duguay-Trouin. Introdução, trad. e notas pelo Almirante Mário Ferreira França. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v. 270, 1967, p. 3-124.

LANGSDORFF, Georg Henrich von. Voyages and travels in various parts of the world, during the years 1803, 1804, 1805, 1806, and 1807. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996.

LANGSTEDT, Friedrich Ludwig. Rio de Janeiro, em 1782. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

LAVAL, François Pyrard de. Voyage de François Pyrard de Laval contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil [...] In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins/ EDUSP, 1972.

LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LISIANSKI, Urey. A Voyage round the world, in the years 1803, 4, 5 & 6. In: HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina: Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996.

LISLE, James George Semple. *The life of Major J. G. Semple Lisle*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ; José Olympio, 1999.

MARCGRAVE, Jorge. **História natural do Brasil**. Tradução: José Procópio de Magalhães. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. **O espírito das leis**. Apresentação de Renato Janine Ribeiro; trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOREAU, Pierre; ROULOX, Baro. **História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses e relação da viagem ao país dos tapuias**. Trad. e notas Lêda Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1979.

NIEUHOF, Joan. **Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil**. Tradução: Moacir M. Vasconcelos. São Paulo: Martins, 1942.

NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico

no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

NASSAU-SIEGEN, J. Maurice; DUSSEN, Adriaen Van der; KEULLEN, Mathijs Van. Breve discurso sobre o estado das quatro capitanias conquistadas no Brasil, pelos holandeses, 14 de Janeiro de 1638. In: MELLO, J. A. G. de. **Fontes para a História do Brasil Holandês**. Vol. 1 – A economia açucareira. Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/Fundação Pró-memória, Recife, 1981, documento 5, pp. 73-125.

PARKINSON, Sydney. A Journal of a Voyage to the South Seas. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

PARNY, Evariste. Oeuvres diverses. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

PARSCAU, Guillaume François. Journal Historique ou Relation de ce qui s'est passé de plus mémorable dans la campagne de Rio de Janeiro par l'escadre du Roi commandés par M. Duguay-Trouin en 1711. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

PEZIEU, Louis de. Brief recueil des particularitez contenues aux lettres enuoyées, par Monsieur de Pezieu, à Messieurs ses parents & amis de France. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

PHILLIP, Arthur. The Voyage of Governor Phillip to Botany Bay... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**. Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/ Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. **A Revolução na América**. Prefácio de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Oswaldo Munteal Filho. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993.

RENNEFORT, Urbain Souchu de. Histoire des Indes Orientales. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

RESENDE, Garcia de. **O Cancioneiro Geral**. Nova Edição preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra: Editora da Universidade, 1910, p. 1: Disponível em: <https://ia600708.us.archive.org/33/items/cancioneirogeral01rese/cancioneirogeral01rese.pdf>).

ROGERS, Woodes. A Cruising Voyage Round the World: First to the South Seas, Thence to the East Indies, and Homewards by the Cape of Good Hope. In: FRANÇA, Jean Marcel

Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

SONNERAT, Pierre. Voyage aux Indes Orientales et à la Chine. In: FRANÇA, Jean Marcel carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp von. **Viagem pelo Brasil**. Vol. I. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada/ São Paulo: EDUSP, 1981.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1974.

STAUTON, George Leonard. An authentic account of an embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

TENCH, Watkin. A Narrative of the Expedition to Botany Bay. With an account of New South Wales.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978.

TUCKEY, James Kingston. An Account of a Voyage to Establish a Colony at Port Philip in Bass's Strait.... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

VASON, George. An Authentic Narrative of Four Years Residence at Tongataboo. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

VAUX, James Hardy. *Memoirs of James Hardy Vaux*. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000, p. 301.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo** – As cartas que batizaram a América. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

VIVEZ, François. Voyage autour du monde par la frégate et la flûte du Roi la Bondeuse et l'Étoile pendant les années 1766, 67, 68 et 69. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

WAGENER, Zacharias. **Zoobiblion** – Livro de animais do Brasil. Tradução e comentário de Edgard de Cerqueira Falcão. São Paulo: Coleção Brasiliensia Documenta, 1964.

WHITE, John. Journal of a Voyage to New South Wales... In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

B. Estudos:

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da Colônia (estudo sobre a condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822). São Paulo: USP – FFLCH, 1992. (Tese. Doutorado em História).

AMADO, Janaina; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. **Brasil 1500**: quarenta documentos. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

ARAÚJO, Emanuel. **O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

_____. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenadora de Texto: Carla Bassenezi. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 45-77.

ATKINSON, Geoffroy. **Les Relations de Voyages du XVII^e siècle et l'évolution des idées** – contribution à l'étude de la formation de l'esprit au XVIII^e siècle. Paris: E. Champion, 1924.

BEOZZO, José Oscar. A mulher indígena e a Igreja na situação escravista do Brasil colonial. In: MARCÍLIO, Maria Luiza. (org.). **A mulher pobre na história da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1984.

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da Medicina e da Ciência. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no ocidente**: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

BOURDIEU, Pierre. Le Nord et le Midi: Contribution à une analyse de l'effet Montesquieu, **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 35, novembre 1980, pp. 21-25.

BOXER, Charles Ralph. **Os holandeses no Brasil: 1624 – 1654**. Trad. Olivério Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a Medicina e o Amor**. Prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000.

CARVALHO, Alfredo de. **Aventuras e Aventureiros no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Gráfica Editora, 1929.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CAVALCANTE, Berenice de Oliveira. Dilemas e Paradoxos de Um Filósofo Iluminista. In: RAYNAL, Guillaume Thomas François. **O Estabelecimento dos portugueses no Brasil**.

Prefácio de Berenice Cavalcante. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 11-33.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas nas Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora da UNB, 1994.

CHINARD, Gilbert. **L'Amérique et le rêve exotique dans la littérature française au XVIIe et XVIIIe siècle**. Paris: E. Droz, 1934.

_____. **L'exotisme américain dans la littérature française au XVIe siècle**. Paris: Hachette, 1911.

CORRÊA, Mariza. **Repensando a família patriarcal brasileira**. In: CORRÊA, Mariza. (Org.) Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 13-38.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenadora de Texto: Carla Bassenezi. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. Deus dá licença ao Diabo: A contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no Século XVIII. In: VAINFAS, Ronaldo. (org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenadora de Texto: Carla Bassenezi. São Paulo: Contexto, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300 – 1800. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DENIS, Ferdinand. **Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550**: teogonia dos antigos povos do Brasil, um fragmento recolhido no século XVI: poemas brasílicos de Cristóvão Valente. Tradução do tupi, prefácio e notas Eduardo de Almeida Navarro; tradução do francês Júnia Guimarães Botelho. São Bernardo do Campo: Usina de Ideias/Bazar das Palavras, 2007.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no ocidente**: do Renascimento à Idade Moderna Porto: Edições Afrontamento, 1991.

DUERR, Hans Peter. **Nudité et Pudeur** – Le mythe du processus de civilisation. Paris: Maison de Sciences de L’Homme de Paris, 1999.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis – 1763-1808**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, T. 86, v. 143, 1921.

FEBVRE, Lucién; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Ed. UNESP/Hucitec, 1992.

FEITLER, Bruno. Gentes da Nação: judeus e cristãos-novos no Brasil holandês. In: GRIMBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERNANDES, Florestan. Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **História geral da civilização brasileira: o Brasil monárquico**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, tomo II, v. 1, 1965.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; MUNTEAL FILHO, Oswaldo. A Propósito do Abade Raynal. In: RAYNAL, Guillaume Thomas François. **A Revolução na América**. Prefácio de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Oswaldo Munteal Filho. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1993, pp. 1-35.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe B. Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294-300.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **Os franceses no Rio de Janeiro**. Revisão, acréscimos e anotações pelo General Antônio de Sousa Júnior. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1965.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora/ São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

_____. **Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1531-1800)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ José Olympio Editora, 1999.

_____. **Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos (1582-1808)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

_____. **Mulheres viajantes no Brasil (1773-1820)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.

_____. **O mundo natural e o erotismo das gentes no Brasil Colônia: a perspectiva do estrangeiro.** Topoi, v. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 15-26.

_____. **A Relação do Piloto Anônimo.** Introd., trad. e notas. In: Folha de São Paulo - Caderno Mais!, São Paulo, 29 ago. 1999, p. 05 - 10.

_____.; RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil Colonial.** São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O Índio brasileiro e a Revolução Francesa:** As origens brasileiras da teoria da bondade natural. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** 48ª edição. São Paulo: Editora Global, 2003.

GERBI, Antonello. **O novo mundo** - história de uma polêmica: 1750 1900. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

GIUCCI, Guillermo. **Sem Fé, Lei ou Rei:** Brasil 1500-1532. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

GRIECO, Sara F. Matthews. O corpo, aparência e sexualidade. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no ocidente:** do Renascimento à Idade Moderna Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GRIMBERG, Keila (org.). **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina:** Relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis: Ed. UFSC/ Lunardelli, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso:** Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUFTON, Olwen. Mulheres, trabalho e família. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Dir.). **História das mulheres no ocidente:** do Renascimento à Idade Moderna Porto: Edições Afrontamento, 1991.

KURY, Lorelai B. No calor da pátria. **Revista USP**, v. 2007, p. 80-89, 2007.

LESTRINGANT, Frank. **O Canibal: grandeza e decadência.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

LIMA, Lana Lage de Gama. **A confissão pelo avesso:** o crime de solitação no Brasil Colonial. São Paulo: USP – FFLCH, 1990. (Tese. Doutorado em História).

_____. Aprisionando o desejo: Confissão e Sexualidade. In: VAINFAS, Ronaldo. (org.). **História e sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817 – 1820). São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MARIZ, Vasco; PROVENÇAL, Lucien. **Villegagnon e a França Antártica** – Uma Reavaliação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARTIN, Henri-Jean; CHARTIER, Roger. **Histoire de l'édition française**. Paris: Promodis, 1982-1986, 4 v.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O negócio do Brasil**: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste 1641-1669. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

_____. **Nassau**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

_____. (Org.). **O Brasil holandês (1630-1654)**. Seleção, introdução e notas de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Penguin Classics, 2010.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Fontes para a História do Brasil Holandês**. Vol. 1 – A economia açucareira. Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/Fundação Pró-memória, Recife, 1981.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: **História da vida privada no Brasil. I: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia das Letras, 1997, pp. 155-220.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte luas**: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERRONE-MOISES, Leyla. **Alegres trópicos: Gonneville, Thevet e Léry**. *Revista da USP* (Dossiê Brasil dos Viajantes), São Paulo, n. 30, 1996, p. 85-94.

OBERACKER JUNIOR, Carlos H. O Rio de Janeiro em 1782 visto pelo pastor F. L. Langstedt, **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, v. 299, 1973, pp. 3-15.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir. Trad. Ana Maria Martinez Corrêa. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

PRIMERIO, Fidelis Motta de. **Capuchinhos em terras de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX**. Apontamentos históricos. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**. A representação do índio de Caminha a Vieira. São Paulo/Rio de Janeiro, Edusp/Fapesp/Jorge Zahar, 1996.

_____. Eva tupinambá. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenadora de Texto: Carla Bassenezi. São Paulo: Contexto, 1997.

REZENDE, Modesto. **Os missionários capuchinhos no Brasil**. Esboço histórico prefaciado por Alfonso de E. Taunay da Academia brasileira. São Paulo: Convento da Imaculada Conceição, 1931.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SERRÃO, José Veríssimo. **Do Brasil filipino ao Brasil de 1640**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. **Vida privada e cotidiano no Brasil**: na época de D. Maria I e D. João VI. Lisboa: Estampa, 1993.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Introdução*, In: NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do Padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados Cariris. Trad. e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. (Org.). **História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Vol. 1.

_____. O padre e as feiticeiras: Notas sobre a Sexualidade no Brasil Colonial. In: VAINFAS, Ronaldo. (org.). **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

STUDART, Guilherme. O Padre Martin de Nantes e o Coronel Dias d'Avila, **Revista da Academia Cearense**, 1902, pp. 41-55.

TAUNAY, Afonso de E. _____. **Visitantes do Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. **Rio de Janeiro de Antanho**. Impressões de Viajantes Estrangeiros. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

_____. **No Rio de Janeiro dos Vice-Reis**. São Paulo: Anais do Museu Paulista, Tomo XI, 1943.

_____. **Na Bahia colonial (1610-1764)**. Rio de Janeiro: IHGB, 1924.

_____. **Santa Catharina nos anos primevos.** São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1931.

VAINFAS, Ronaldo. (org.). **História e sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. **Trópico dos pecados:** moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

WÄTJEN, Hermann. **O domínio colonial holandês no Brasil** – Um capítulo da história colonial do século XVII. Trad. de Pedro Celso Uchoa Cavalcanti. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

WIZNITZER, Arnold. **Os judeus no Brasil colonial.** São Paulo: Pioneira, 1966.

ZAVALA, Silvio Arturo. **América en el espíritu francés del siglo XVIII.** México: El Colegio Nacional, 1949.